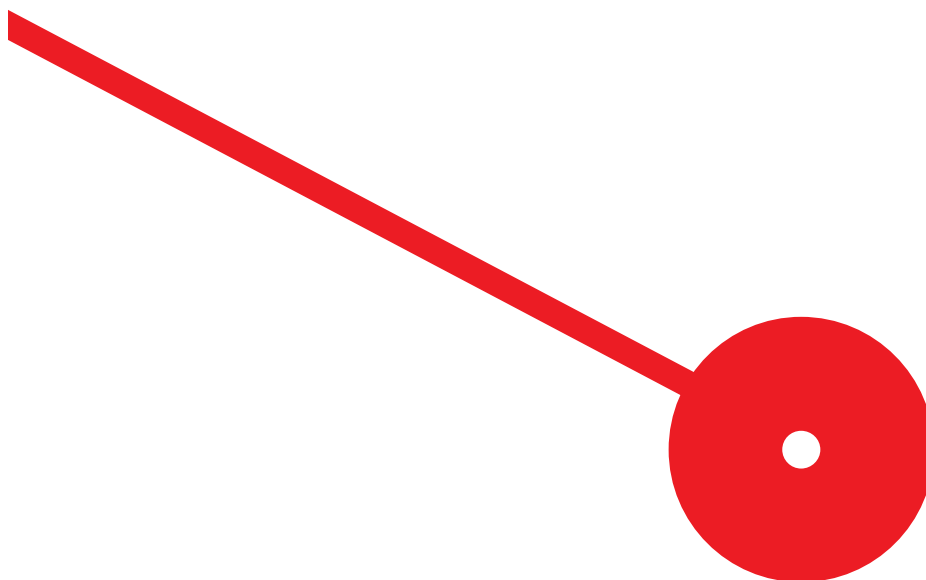




Tradução da obra *Ivanov*, de Anton Tchekhov

Rafael Fernando Dias Oliveira

07/2025

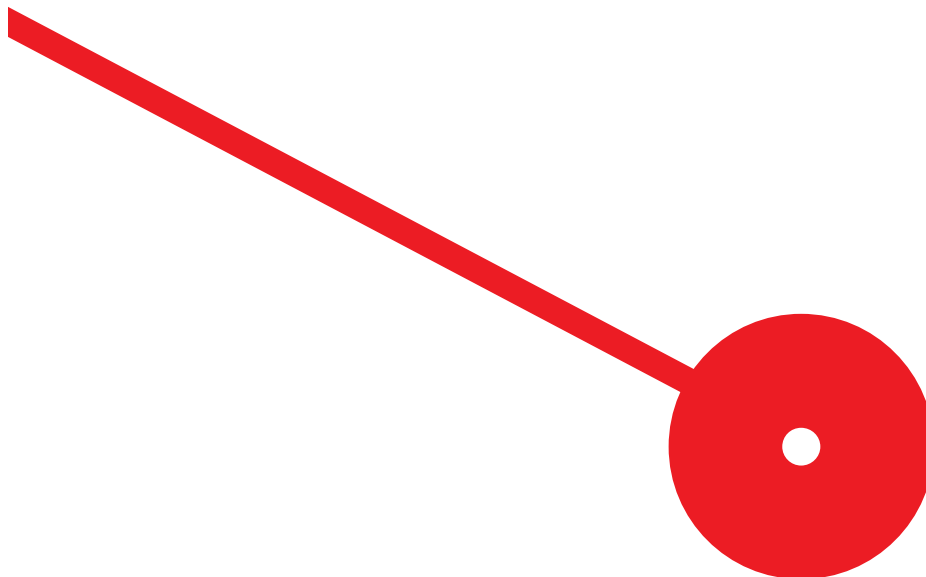




Tradução da obra *Ivanov*, de Anton Tchekhov

Rafael Fernando Dias Oliveira

Trabalho de Projeto
apresentado ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração
do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e
Interpretação Especializadas, sob orientação de Professora Doutora
Yana Baryshnikova da Costa Marques



Dedicatória

A minha mãe.

Agradecimentos

À minha família e amigos pelo apoio que sempre me prestaram ao longo de todo o meu percurso académico e, muito especialmente, no decorrer da realização deste projeto, permitindo-me levá-lo a bom termo, apesar de todas as adversidades.

À minha orientadora, Professora Doutora Yana Baryshnikova da Costa Marques, por ter aceitado a tarefa de orientar e rever o meu trabalho em condições adversas, permitindo-me assim a conclusão do curso.

À Professora Doutora Maria Helena Guimarães Ustimenko, pela revisão da tradução e pelo apoio prestado ao longo de todo o projeto.

Ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e a todos os professores, tanto do Curso de Licenciatura em Assessoria e Tradução, como do Curso de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, que partilharam comigo os seus conhecimentos e me proporcionaram um percurso académico de excelência durante estes últimos seis anos.

Os meus agradecimentos vão também para todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes na minha vida académica e contribuíram para que pudesse chegar até aqui.

Resumo:

O presente trabalho de projeto consistiu na tradução, de russo para português, da peça de teatro *Ivanov*, de Anton Tchekhov. No presente relatório, aborda-se não só a problemática das especificidades da tradução para teatro, fundamentada em obras e ensaios teóricos sobre o tema, como também é feita uma apresentação da vida e obra do autor, assente em ensaios compilados na obra *The Cambridge Companion to Chekhov*, editada por Vera Gottlieb e Paul Allain, com especial enfoque na peça de teatro *Ivanov*, no contexto da obra tchekhoviana. Um lugar especial, neste relatório, foi reservado à análise dos problemas e dificuldades, que foram surgindo ao longo do processo de tradução da obra, sendo indicadas e devidamente justificadas as respetivas soluções encontradas. A metodologia seguida em ambos os processos, de tradução e de análise, assenta nos princípios teóricos, desenvolvidos e apresentados por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet na sua obra *Comparative Stylistics of French and English / A methodology for translation*.

Em paralelo, recorreu-se aos conceitos de equivalência propostos por Peter Newmark, bem como às abordagens específicas da tradução teatral desenvolvidas por Jiří Levý e Susan Bassnett.

Palavras chave: Anton Tchekhov, *Ivanov*, tradução, teatro.

Abstract:

This project consisted of translating Anton Chekhov's play *Ivanov*, from Russian into Portuguese. This report addresses not only the particularities of theatre translation, based on theoretical works and essays on the subject, but also a presentation of the author's life and work, based on essays compiled in *The Cambridge Companion to Chekhov*, edited by Vera Gottlieb and Paul Allain, with a special focus on the play *Ivanov*, in the context of Chekhov's work. A special place in this report is reserved for analysing the problems and difficulties that arose during the process of translating the play, as well as duly indicating and justifying the solutions found. The methodology followed in both the translation and analysis processes is based on the theoretical principles developed and presented by Jean-Paul Vinay and Jean Darbelnet in their work *Comparative Stylistics of French and English / A methodology for translation*.

At the same time, the concepts of equivalence proposed by Peter Newmark, as well as specific approaches to theatre translation developed by Jiří Levý and Susan Bassnett have also been drawn on.

Key words: Anton Tchekhov, Ivanov, translation, theatre.

Índice geral

Capítulo - Introdução.....	1
i. Metodologia.....	3
ii. Fundamentação teórica.....	3
Capítulo I – Anton Tchekhov e a sua obra.....	4
1.1 Vida e obra.....	5
1.2 A dramaturgia tchekhoviana no âmbito do teatro moderno.....	9
1.3 A peça <i>Ivanov</i> no contexto da obra tchekhoviana.....	11
Capítulo II – Especificidades da tradução para teatro.....	14
2.1 A tradução para teatro no âmbito dos Estudos de Tradução.....	15
2.2 Estratégias seguidas na tradução da obra <i>Ivanov</i>	20
Capítulo III – Análise de problemas e dificuldades de tradução.....	23
3.1 Metodologia de análise estilística.....	24
3.2 Métodos de tradução direta.....	25
3.2.1 Empréstimo.....	25
3.2.2 Tradução Literal.....	27
3.3 Métodos de tradução oblíqua.....	28
3.3.1 Transposição.....	28
3.3.2 Modulação.....	32
3.3.3 Equivalência.....	47
3.3.4 Adaptação.....	50
Capítulo IV – Conclusão.....	52
Bibliografia.....	55
Apêndice.....	58
Anexos.....	129

Lista de abreviaturas

LC - Língua de Chegada

LO - Língua Original

LP - Língua de Partida

TC - Texto de Chegada

TO - Texto Original

TP - Texto de Partida

Este relatório tem como objetivo principal apresentar e analisar detalhadamente o trabalho desenvolvido ao longo da realização do projeto de tradução da peça de teatro *Ivanov*, do dramaturgo russo Anton Tchekhov. A ideia da realização deste projeto surgiu de um interesse pessoal pelo autor devido não só ao seu estilo singular, mas também à sua habilidade única de contar histórias que exploram a complexidade da condição humana. Este interesse foi despertado no âmbito das aulas da unidade curricular de Tradução Intersemiótica (russo-português), onde, entre outras atividades, foi levada a cabo a tarefa de tradução do conto *Мечта* (A Vingança) e analisado o processo de adaptação da narrativa ao cinema pela realizadora Irina Poplavskaya¹.

Após considerar diversas opções, a escolha recaiu sobre a peça *Ivanov*, já que as pesquisas que foram realizadas mostraram não existirem traduções da obra em português europeu publicadas.

O presente relatório encontra-se organizado em quatro capítulos, cujo conteúdo se discrimina a seguir.

No Capítulo I, “Anton Tchekhov e a sua obra”, é feita uma breve apresentação da vida e da obra deste escritor e dramaturgo russo, com especial enfoque na análise da sua produção dramática no contexto do teatro moderno. Com esta análise pretende-se mostrar a relevância da peça no quadro da dramaturgia tchekhoviana.

No Capítulo II, “Especificidades da tradução para teatro”, são abordadas questões inerentes às especificidades da tradução para teatro. São também mencionadas as estratégias tradutivas que foram seguidas durante o desenvolvimento deste projeto, destacando-se a importância de uma abordagem cuidadosa e consciente ao lidar com linguagem dramática.

No Capítulo III, faz-se uma análise das principais dificuldades e problemas tradutivos que surgiram ao longo da realização deste projeto de tradução, apresentando as soluções adotadas para os ultrapassar.

Por último, apresentam-se as conclusões a que se chegou no tocante à tradução para teatro, com base na experiência obtida com a realização do projeto.

¹ Este filme encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VMNNSPBxoZ0>

i. Metodologia

No processo de elaboração deste trabalho, recorreu-se, nomeadamente, aos seguintes métodos: método de análise de conteúdo, método de análise textual e método de análise do discurso.

ii. Fundamentação teórica

A fim de redigir o Capítulo I, sobre a vida e a obra de A. Tchekhov, procedeu-se a uma análise de conteúdo da obra *Anton Chekhov*, de Rose Whyman (2011) e de vários ensaios, incluídos na coletânea *The Cambridge Companion to Chekhov* (2000), editada e publicada por Vera Gottlieb e Paul Allain. Importante foi também a leitura e análise de várias correspondências do autor.

Já no Capítulo II, onde se pretende refletir e concluir sobre as especificidades da tradução para teatro, recorreu-se à análise dos trabalhos teóricos desenvolvidos por Jiří Levý e Susan Bassnett, entre outros.

Por fim, de modo a facilitar a classificação de dificuldades encontradas no processo de tradução da obra, recorreu-se à tipologia desenvolvida por J.-P. Vinay e J. Darbelnet na sua obra *Comparative Stylistics of French and English. A methodology for translation* (1995), pretendendo-se com isso chamar a atenção para os problemas inerentes à tradução do texto dramático.

CAPÍTULO I – ANTON TCHEKHOV E A SUA OBRA

1.1 Vida e obra

Anton Tchekhov nasceu em 1860, em Taganrog, uma cidade portuária da Rússia. Oriundo de uma família de servos camponeses, o seu avô conseguira, contudo, comprar a liberdade da família, pelo que o seu pai se veio a estabelecer mais tarde como comerciante (Whyman, 2011, pp. 2-3).

O futuro escritor começou os seus estudos em 1868, no ginásio de Taganrog, tendo aí adotado o pseudónimo literário de Tchekhonte, alcunha que lhe tinha sido dada por um dos seus professores. Aos 13 anos, Tchekhov vai pela primeira vez ao teatro, onde assiste à opereta de Jacques Offenbach *La Belle Hélène*, tendo nascido aí a sua paixão pelo palco e pela literatura. Numa carta a Aleksey Suvorin (escritor, jornalista e editor russo), o autor escreve a propósito que “O teatro deu-me outrora muito de bom (...). Antigamente, não havia para mim maior prazer do que sentar-me num teatro”² (Tchekhov, 1898). Tchekhov começa, então, a escrever pequenos *sketches* humorísticos, que a encenar e a representar para o público doméstico a partir de 1873.

Desde bastante cedo que o jovem Tchekhov teve de ajudar ao seu pai na mercearia, acabando por passar aí muito tempo. Na loja, vendia-se uma grande variedade de produtos, incluindo óleo, farinha, tabaco, botões, café e arenques, sendo geralmente frequentada por cozinheiros, vendedores, esposas de funcionários, polícias, pescadores, professores e marinheiros e, como afirma o crítico literário e filólogo russo, Alexander Chudakov, “from his early childhood Anton listened to the language of people of the most varied occupations” (2000, p. 5). Mais tarde, “critics were to be amazed by Chekhov’s knowledge of nautical terms, the language of timber merchants or of haberdashery assistants” (Ibid.).

² ТО: “Театр мне давал когда-то много хорошего... Прежде для меня не было большего наслаждения, как сидеть в театре.” Tradução nossa.

Em 1876, o pai de Tchekhov abre falência e a família toda muda-se, então, para Moscovo. De modo a poder completar os seus estudos escolares, o autor fica a viver sozinho em Taganrog por três anos, ganhando a vida como tutor. Em 1878, com dezoito anos de idade, Tchekhov irá escrever as suas duas primeiras peças de teatro: *Безотцовщина* [Sem Pai]³, publicada pela primeira vez em 1923, e a comédia vaudeville *Недаром курица пела* [Não foi em vão que a galinha cantou], que nunca chegou a ser publicada e a que faz referência o irmão do autor, Mikhail Tchekhov, na obra *Вокруг Чехова* [Sobre Tchekhov] (1964, p. 74).

Terminado o secundário, Tchekhov junta-se à sua família em Moscovo e matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo, em 1879, começando a ajudar a família com o rendimento modesto das publicações literárias. A estreia de Tchekhov na imprensa ocorre em dezembro desse mesmo ano, na revista *Стрекоза* [Strekoza / Libelinha], onde publica o conto “Письмо к ученому соседу” [Carta a um Vizinho Erudito] e a história humorística *Что чаще всего встречается в романах, повестях и т.п.* [O que é mais comum encontrar em romances, novelas, etc].

O jovem estudante vivia então com o seu irmão Ivan, em Voskresensk, nos arredores de Moscovo. Em 1881, Tchekhov começa a dar consultas no Hospital da Zemstvo⁴ de Voskresensk, onde irá decorrer o seu estágio. Depois de se formar, irá permanecer na região como médico concelheiro.

Enquanto estudava, Tchekhov nunca parou de escrever, geralmente sob o pseudónimo Tchekhonte, publicando cerca de cinquenta textos em diferentes jornais e revistas humorísticas, entre eles, *Врач без пациентов* [Um médico sem pacientes], *Дяденька* [O tiozinho], *Антонсон* [Antonson], *Брат моего брата* [O irmão do meu irmão], entre outros.

³ Esta peça é conhecida também com os seguintes títulos: *Платонов/Platonov e Пьеса без названия/Peça sem título.*

⁴ Forma de organização autárquica, vigente entre 1864 e 1919, que introduziu um sistema de administração local por assuntos tais como vias de comunicação e trânsito, comércio, assistência médica e educação.

No ano de 1884, publica a sua primeira coletânea *Сказки Мельпомены* [Contos de Melpómene]. Sobre os seus contos e histórias, A. Chudakov escreve que

If one looks at stories he wrote in the first five years of his career, it is difficult to discover a social stratum, profession or trade that is not represented amongst his characters. There are peasants and landowners, shop assistants and merchants, sextons and priests, policemen and tramps, detectives and thieves, schoolteachers and students, medical orderlies and doctors, civil servants of all ranks, soldiers and generals, coquettes and princesses, reporters and writers, conductors and singers, actors, prompters, impresarios, artists, cashiers, bankers, lawyers, hunters, tavern-keepers, street-cleaners. (2000, p. 6)

Em 1887, Tchekhov revisita a sua cidade natal, Taganrog. As suas impressões sobre os costumes locais encontram-se fixadas na sua correspondência. Como refere a investigadora literária soviética, Emma Polotskaya (2000, p. 18), Tchekhov considera “many of the local customs alien and even detestable”. Numa carta, com data de 7 de abril de 1887, Tchekhov escreve “Eu pude ver até que ponto Taganrog era suja, vazia, indolente, analfabeta e enfadonha”⁵ (1983)⁶. Mas, sob a capa da ironia, ele esconde “a touching and uncynical admiration for the charming sounds, colours and smells of the Southern lifestyle” (Polotskaya, 2000, p. 18).

Em novembro de 1887, no Teatro Korsh de Moscovo, é levado à cena o seu primeiro trabalho dramático, a peça *Ivanov*, cuja proposta de tradução para português europeu originou este projeto e de que se falará, mais à frente, no Capítulo III, do presente relatório.

É também por esta altura que Anton Tchekhov começará a enveredar por outros géneros literários e, também, por temas mais sérios. O conto “Степь” [A Estepe], escrita em 1888 e inspirada pela sua viagem a Taganrog e à região de Azov, irá marcar essa viragem no trabalho do escritor para a revista *Северный вестник* [Severniy vestnik / O Mensageiro do Norte].

Nesse mesmo ano, o autor recebe, da Academia das Ciências, o ‘Prémio Pushkin’ pela coletânea de ensaios e contos *В сумерках* [Ao crepúsculo].

⁵ ТО: “Я мог убедиться, как грязен, пуст, ленив, безграмотен и скучен Таганрог”. Tradução nossa.

⁶ No presente trabalho, sempre que as páginas não são indicadas, tal deve-se à sua inexistência na fonte consultada.

É neste ponto alto da sua carreira como contador de histórias que Tchekhov realiza a sua viagem à Ilha de Sacalina, onde faz o censo da população, falando “literally to each one, in their homes or in their prison cells” (Chudakov, 2000, p. 10). Sobre as suas impressões desta viagem, o autor virá a escrever o seu ensaio “Остров Сахалин” [Ilha de Sacalina], publicado em 1895.

Depois da viagem a Sacalina, Tchekhov começa a escrever sobre temas mais filosóficos, como, por exemplo, *Палата № 6* [Enfermaria Nº 6] (1892), onde questiona o sentido da vida, da morte e da imortalidade.

Ao longo da sua vida, Tchekhov empenhou-se em causas que não estavam diretamente relacionadas com a literatura, nomeadamente, organizando ajuda humanitária para as províncias atingidas pela fome e construindo escolas e bibliotecas, sem nunca deixar de exercer a profissão de médico. Segundo A. Chudakov, o autor participava “in all local affairs, making no distinction between major or minor issues, whether fighting the cholera epidemic, digging wells, building roads - or opening a post office at the railway station” (Ibid., p. 11).

Entre 1896 e 1897, é levada à cena a peça *Чайка* [A Gaivota] e é publicada outra peça, bem conhecida do público amador de teatro, *Дядя Ваня* [Tio Vânia], que só será encenada em 1899, ano em que lhe é diagnosticada tuberculose.

É neste período que conhece aquela que virá a ser a sua esposa, Olga Knipper, com quem virá a casar em 1901, ano em que estreia a peça *Три сестры* [As Três Irmãs], começando seguidamente a trabalhar na obra *Вишневый сад* [O Jardim das Cerejeiras], que estreia em 1904, ano em que vem a falecer.

As peças de teatro de A. Tchekhov mais representadas em Portugal são: *A Gaivota*, *Tio Vânia*, *Três Irmãs* e *O Jardim das Cerejeiras*. Há, porém, notícia que o autor e encenador português de origem checa, Jorge Listopad, terá gravado a peça *Ivanov* para a RTP, em 1953, não existindo, contudo, registo da sua tradução, que terá sido, eventualmente, feita pelo encenador. Mais recentemente, em 2021, a companhia de teatro “A Barraca”, levou à cena esta obra, com o título *Um Ivanov - Ensaio sobre a Mentira*, com encenação de Maria do Céu Guerra⁷. A peça foi traduzida pelo ator Sinde Filipe, provavelmente a partir do inglês ou do francês, não estando publicada em livro.

⁷ Informação disponível em https://www.sines.pt/pages/401?event_id=833

1.2 A dramaturgia tchekhoviana no âmbito do teatro moderno

A abordagem de Tchekhov face à sociedade em que viveu tem as suas raízes em filosofias de liberdade interior. Segundo Rose Whyman, numa carta escrita pelo autor ao poeta Aleksey Pleschcheyev em 1889, o autor teria delineado “the framework for [his] writing, a presentation of life as potentially a process of testing out principles that form the basis of actions and of ridding oneself of preconceived ideas as a way to achieve ‘freedom’” (Whyman, 2011, p. 26), uma perspectiva que reflete a convicção de que a verdadeira liberdade se encontra na capacidade de questionar e redefinir as nossas próprias crenças.

Nas suas peças, Tchekhov retrata diferentes religiões, filosofias e políticas, refletindo a complexidade da sociedade russa do século XIX. É também recorrente na obra tchekhoviana a noção de que submeter-se à vontade dos outros é melhor do que pensar por si próprio, mostrando o autor as consequências que enfrentam as personagens que resistem à mudança. Viver-se preso ao passado, assim como, a sonhar com o futuro é visto como uma forma de evasão da realidade. Através do discurso dramático e filosófico das personagens “Chekhov raises questions about their convictions, indicating that the ‘philosophizing’ may be badly thought through or that a character’s assertions are more a dramatic pose than a deeply held conviction” (Ibid., p. 27). Essa ambivalência revela a fragilidade das crenças humanas e a dificuldade de encontrar um propósito num mundo em transformação constante. Na obra *Ivanov*, torna-se particularmente evidente essa prática de comportamentos pessimistas e destrutivos quando as expectativas das personagens não são alcançadas, nomeadamente em Lebedev que “has found his former philosophical beliefs of no help in dealing with day-to-day life and has given up the struggle to make sense of life, using alcohol as a way to get by” (Ibid.). A incapacidade de lidar com a realidade cotidiana reflete uma crise existencial que muitas das personagens que povoam as suas obras enfrentam, ao viverem uma vida superficial e repleta de prazeres mundanos, desprovida de qualquer género de estimulação artística ou intelectual. Tchekhov era defensor de que “there are no absolute values that could prescribe the right way to live life” (Ibid., p. 28), não descartando o valor de viver uma vida produtiva e incentivando a busca por uma vida com propósito.

Além disso, o autor sempre procurou “to maintain a position of ambiguity with regard to the ideas expressed in his work” (Ibid., p. 30), de modo a incentivar o recetor a tirar as suas próprias conclusões e mostrando-se imparcial relativamente às personagens, exceto, por exemplo, no caso de Nikolai Ivanov. Recorrendo aos seus estudos na área da medicina, a sua abordagem ao expor as crenças das personagens assenta num método desenvolvido pelo terapeuta e cientista russo Grigoriy Zakharin em que “each patient was to be treated individually; the doctor should create an environment in which the patient could express their concerns as fully as possible, setting their own opinions aside” (Ibid., p. 31). Esta abordagem enfatiza a individualidade e a complexidade da experiência humana, refletida nas suas obras.

A obra tchekhoviana levou a uma reformulação do que era considerado ‘teatro’ e enquadrar-se num movimento que marca a transição do teatro do séc. XIX para o modernismo, girando em torno do impacto do ambiente social no desenvolvimento do indivíduo. As personagens presentes nas suas obras comportam-se como seres humanos reais, aprendendo com os acontecimentos e alterando a sua perceção da vida, sendo também comum a presença de eventos sociais e familiares “such as dinners, game of lotto” (Ibid., p. 40), que servem para enfatizar a trivialidade da vida cotidiana, refletindo uma busca constante por significado. Esta abordagem inovadora não foi muito bem recebida pelas audiências da época, o que explica as reações negativas que as suas obras obtiveram no início da sua carreira, pela simples razão de que “seeking escapism, the audience often found themselves viewing characters who themselves were longing for ‘escape’” (Gottlieb, 2000, p. 230). A desconexão entre as expectativas do público e a realidade apresentada nas peças criava um desassossego que desafiava a forma tradicional de entretenimento teatral.

Tchekhov vê as suas obras cómicas como uma forma de tratamento dos seus leitores, como se de pacientes se tratassem, na medida em que ele considera “laughter – and comedy – are restorative, and that the objectivity and detachment which laughter may produce could inoculate us against such human diseases as pomposity, hypocrisy, self-centredness, laziness, or – the worst of all – wasting life” (Ibid., p. 228).

1.3 A peça *Ivanov* no contexto da obra *tchekhoviana*

Ivanov foi a primeira peça de Tchekhov a ser encenada para o grande público. Apesar disso, nela o autor faz já uma primeira tentativa de ir contra os cânones do texto dramático tradicional. Em carta a seu irmão, Alexandre Tchekhov, logo após terminada a peça, o escritor escreve que:

Os dramaturgos modernos enchem as suas peças exclusivamente de anjos, canalhas e palhaços – então, tenta lá procurar esses elementos por toda a Rússia! Encontrar encontram-se, só que não de tipo tão extremo como os que são necessários aos dramaturgos. (...) Eu queria ser original: eu não criei um único vilão, nem um único anjo (...). Não acusei ninguém, não absolvi ninguém...⁸ (Tchekhov, 1887b)

A peça destinava-se ao Teatro Korsh de Moscovo, como se pode depreender pela leitura de outra carta enviada a seu irmão:

Escrevi a peça por acidente, depois de uma conversa com Korsh. (...) Não posso julgar do mérito da peça. Saiu suspeitamente curta. Mas agrada a toda a gente. Korsh não encontrou um único erro ou pecado contra [as regras do palco — prova de quão bons e sensíveis são os meus juízes].⁹ (Tchekhov, 1887a)

No entanto, Tchekhov virá depressa a descobrir que os atores não entendiam a peça. A busca por Tchekhov de novas formas, mesmo que não totalmente conseguida, exigia que os atores dissessem a peça com mais seriedade o que o leva a escrever a Nikolay Leykin, escritor e jornalista russo, que “os atores são caprichosos, narcisistas, meio ignorantes e presunçosos”¹⁰ (Tchekhov, 1887c). Apesar disso, a peça subirá ao palco no dia 19 de novembro de 1887 e, para espanto do autor, será recebida pelo público com grande entusiasmo.

⁸ ТО: “Современные драматурги начинают свои пьесы исключительно ангелами, подлецами и шутами — пойдика найди сии элементы во всей России! Найти-то найдешь, да не в таких крайних видах, какие нужны драматургам. Поневоле начнешь выжимать из головы, взопреешь и бросишь... Я хотел соригинальничать: не вывел ни одного злодея, ни одного ангела (...), никого не обвинил, никого не оправдал...” Tradução nossa.

⁹ ТО: “Пьесу я написал нечаянно, после одного разговора с Коршем. (...) О достоинствах пьесы судить не могу. Вышла она подозрительно коротка. Всем нравится. Корш не нашел в ней ни одной ошибки и греха против сцены — доказательство, как хороши и чутки мои судьи”. Tradução nossa.

¹⁰ ТО: “актеры капризны, самолюбивы, наполовину необразованны, самонадеянны”. Tradução nossa.

Tendo lido a peça, concordar-se-á com o crítico literário russo Boris Zingerman que afirmava que

(...) the play offers a new concept of dramatic conflict. In classical drama, the will of the main hero conflicts with that of others, but Chekhov's Ivanov does not will or desire anything: he does not want to work, to 'turn cartwheels in the hay' with his wife, as they used to in the happy days of their marriage, to stay at home in the evenings or to go out in the evenings or, in the final event, to marry Sasha. (*apud* Whyman, 2011, p. 74)

Por seu turno Fuad Abdul Muttaleb, no artigo "Chekhov's Ivanov: A Portrait of The Russian Hamlet of The Eighteen Eighties", sublinha a importância da peça *Ivanov* "for it comprises the seeds of his later dramatic development" (2016, p. 50). Pela primeira vez, Tchekhov cria "a dramatic character of real importance" que muitos consideram ser "the Russian Hamlet" (Ibid., p. 52). De notar, contudo, que Ivanov não é uma personagem de uma tragédia, mas sim de uma comédia com um fim trágico.

Tatiana Shakh-Azizova, crítica de teatro russa, constata, a propósito, ser Tchekhov considerado por muitos "the Shakespeare of the twentieth century" (2000, p. 162). O sucesso de muitas das suas obras resultaria da sua capacidade de incluir elementos realistas nas suas obras, de ridicularizar enredos tradicionais, por vezes, até ao absurdo. O público fica fascinado com a rapidez dos diálogos e a comicidade de situações presentes nas suas peças.

Já a opinião de Patrice Pavis sobre a peça *Ivanov* parece ser um pouco exagerada, quando afirma que "the play is rather heavy and complicated; the characters are verbose and excessive, and the main springs of the action are both evident and predictable" (2000, p. 70), já que não é de esquecer que, segundo Robert Corrigan:

Chekov always presents what he sees to be the truth of reality in an exaggerated way. He cannot show both appearance and reality simultaneously unless he disguises the reality in exaggeration. Thus, we find in all of Chekov's plays characters making brilliantly incisive remarks about the nature of things and yet they are said in such a way and are put in such an incongruous and ludicrous context that we do not stop to take them seriously when we hear them. (Corrigan, 1955, p. 109)

A riqueza de *Ivanov*, bem como de todas as outras peças de Tchekhov, encontra-se bem resumida nas seguintes palavras:

Chekov the artist, the realist, and the poet has constructed a group of plays in which horror and humor – the most essential of many contrasts – are juxtaposed in such a way that the audience, by seeing life artistically imitated within the limitations of the stage medium, can leave the theatre taking with it additional insights into the problems of reality. (Ibid., p. 114).

De tudo quanto foi dito, pode concluir-se ser Tchekhov um autor incontornável, nomeadamente pela influência que exerceu, e continua a exercer, em autores russos e estrangeiros, o que levou a que, sem hesitação, fosse tomada a decisão de traduzir a sua peça *Ivanov*, obra que apresenta uma grande diversidade de personagens de diferentes religiões, etnias, classes sociais e ideais políticos, expostas num quadro de grande riqueza e profundidade humanas.

CAPÍTULO II – ESPECIFICIDADES DA TRADUÇÃO PARA TEATRO

2.1 A tradução para teatro no âmbito dos Estudos de Tradução

No âmbito dos Estudos de Tradução, observa-se que são poucos os autores que se dedicam a abordar de maneira aprofundada a questão da tradução de textos dramáticos. Um dos primeiros teóricos a tratar esta problemática foi o investigador checo Jiří Levý. Na sua obra, *The Art of Translation*, escrita em 1963 e traduzida para inglês em 1983, Levý dedica todo um capítulo à tradução para teatro. Nele, o autor reforça a importância da “speakability and intelligibility” (Lévy, 2011, p. 129) do diálogo dramático. Para Levý, é fundamental reconhecer que “[the] theatre dialogue is spoken text intended for oral delivery and aural reception. On the most elementary, acoustic level this means that sequences of sounds which are difficult to articulate and which the audience may mishear are unsuitable” (Ibid.).

Além disso, Jiří Levý enfatiza a necessidade de realizar uma investigação colaborativa com o envolvimento tanto de encenadores e atores como de linguistas, com o intuito de examinar de maneira mais eficaz as relações mantidas entre a estrutura semântica, o padrão fonético e a expressão mímica presentes no diálogo “to assist translators by defining more precisely the ‘style of the source’ in a drama text” (Ibid., p. 137).

O autor faz ainda uma chamada de atenção para aquilo que ele designa como “indeterminacy of meaning” (Ibid., p. 143) dos textos dramáticos, que ocorre porque “individual characters on stage can apprehend them in quite different ways, and the audience can also interpret them in their own way” (Ibid.). A indeterminação de sentido nos textos dramáticos é particularmente visível nas peças de Tchekhov, que operam com subtexto e múltiplas camadas de intenção. Esses elementos impõem desafios significativos à tradução, uma vez que exigem do tradutor escolhas interpretativas cruciais — processo que Levý descreve como inerente à prática tradutória, concebida por ele como uma sequência de decisões sob condições de incerteza

No tocante à tradução para o teatro, este investigador sublinha ainda que “as a rule, drama translation has two functions. Firstly, it is for reading (...). Secondly it functions as a script for stage production” (Ibid., p. 165). Esta distinção entre a leitura e a produção cênica é fundamental para entender as particularidades da tradução teatral, assim como as suas exigências específicas.

Uma vez que, o amplo reconhecimento e estudo da obra de Jiří Levý só se deu após a sua tradução para inglês, em 1983, como já referido supra, entre os teóricos que abordaram a questão da tradução para teatro de forma sistemática, destaca-se, desde cedo, o nome de Susan Bassnett. Na sua obra *Translation Studies*, cuja primeira publicação data de 1983, Bassnett afirma que o tradutor de obras dramáticas deve sempre ter em vista que

One of the functions of theatre is to operate on other levels than the strictly linguistic, and the role of the audience assumes a public dimension not shared by the individual reader whose contact with the text is essentially a private affair. A central consideration of the theatre translator must therefore be the performance aspect of the text and its relationship with an audience, and this seems to me not only to justify modifications (...), but to suggest that the translator must take into account the function of the text as an element for and of performance. (Bassnett, 2014, p. 140)

A propósito, Robert W. Corrigan, fundador da revista *Carleton Drama Review*, que se virá a tornar mais tarde na famosa *TDR: The Drama Review*, defendia que “at all times the translator must hear the voice that speaks and take into account the ‘gesture’ of the language, the cadence rhythm and pauses that occur when the written text is spoken” (*apud* Bassnett, 2014a, p. 130), destacando, dessa forma, a importância de uma atenção redobrada na tradução ao ritmo e entoação inerentes ao discurso oral.

No ensaio, “Ways through the Labyrinth” (1985), S. Bassnett descreve cinco das estratégias possíveis (pp. 90-91), normalmente seguidas pelos tradutores de obras de teatro:

- a. “Treating the theatre text as a literary work” – esta estratégia pressupõe que o texto dramático seja visto e tratado simplesmente como um texto literário, onde prevalece a noção de fidelidade ao texto original (TO), não sendo tidas em consideração as características paralinguísticas do texto;
- b. “Using the SL cultural context as frame text” – esta estratégia passa pela utilização do contexto cultural da língua de partida (LP) como texto-quadro, onde se encaixa a peça, o que leva muitas vezes a que ela se transforme numa farsa, perdendo alguns dos seus objetivos e qualidades iniciais;
- c. “Translating ‘performability’” – esta estratégia consiste na tradução da performatividade do texto, que visa criar ritmos de fala fluentes, produzindo um texto que os atores da língua de chegada (LC) possam dizer com facilidade e naturalidade;
- d. “Creating SL verse drama in alternative forms” – esta estratégia é utilizada no caso de peças em verso, em que o tradutor opta, por vezes, por alterar o tipo de verso (ex. uso do verso branco em lugar de verso alexandrino), o que, segundo a autora, resulta não raro em textos obscuros e mesmo sem sentido;
- e. “Co-operative translation” – esta estratégia de elaboração do texto de chegada (TC) envolve a colaboração com o encenador e/ou atores que apresentarão a peça. Segundo a autora esta é provavelmente a estratégia que apresenta melhores resultados.

Em “Translating for the Theatre: The Case Against Performability” (1991), a autora considera que a quase inexistência de obras teóricas sobre a tradução para teatro se fica a dever à própria natureza dos textos escritos neste género literário, já que a peça de teatro “exists in a dialectical relationship with the performance of that same text and is therefore frequently read as something ‘incomplete’ or ‘partially realized’” (Bassnett, 1991, p. 99).

Neste ensaio, Susan Bassnett assume uma posição crítica em relação à estratégia de tradução da performatividade, entendida como reescrita do texto gestual implícito no TO, dizendo a propósito que:

The task of the translator thus becomes superhuman – he or she is expected to translate a text that a priori in the source language is incomplete, containing a concealed gestic text, into the target language which should also contain a concealed gestic text. (Ibid., p. 100)

A autora chama ainda a nossa atenção para o facto de a tarefa do encenador e dos atores ser exatamente resolver os problemas da transposição do texto verbal para a cena, enquanto

(...) the principal problems facing the translator involve close engagement with the text on page and the need to find solutions for a series of problems that are primarily linguistic ones – differences in register involving age, gender, social position, etc., deictic units, consistency in monologues and many more. (Ibid., p. 111)

Embora Susan Bassnett continue a manter uma posição crítica relativamente à estratégia de tradução da performatividade, a sua posição foi evoluindo ao longo dos anos, com base na sua grande experiência como tradutora de peças de teatro. No ensaio “Still Trapped in the Labyrinth: Further Reflections on Translation and Theatre” (1998), a investigadora tece algumas considerações no tocante ao seu valor, enquanto estratégia tradutiva:

The translator of dramatic texts is expected to grapple not only with the eternal problem of ‘faithfulness’, however that may be interpreted, but also with the problem of what the relationship between the written and the performed may be. ‘Performability’ offers a way out of the dilemma, since it allows the translator to take greater liberties with the text than many might deem acceptable, in the interests of the end product of ‘performability’. (Bassnett, 1998, p. 96)

Em obras mais recentes, Susan Bassnett reconhece que o maior problema para o tradutor de teatro reside no facto de que “in addition to the linguistic and cultural issues posed by all translation, there is the added difficulty of the relationship of the text to be translated with the source and target theatre systems” (2014b, p. 154), devendo ser, por isso, cada vez mais, uma atividade colaborativa (Ibid., p. 155).

A observação de Bassnett revela-se particularmente pertinente no caso das traduções das peças de Tchekhov, cujas encenações estão profundamente enraizadas em convenções cênicas específicas da tradição russa do final do século XIX e início do século XX. Traduzir Tchekhov implica, não apenas a transferência de linguagem e subtexto, mas também uma adaptação sensível às práticas e expectativas do sistema teatral de chegada. A consideração dos elementos intersemióticos na apresentação das peças de Tchekhov fora do contexto russófono é fundamental para evitar o desequilíbrio entre o que é dito e o que permanece por dizer — marca essencial da estética tchekhoviana.

2.2 Estratégias seguidas na tradução da obra *Ivanov*

Do que anteriormente foi dito decorre que o elemento que mais distingue o texto dramático dos demais textos literários é o facto de ele “se destinar não só a ser *lido*, mas também a ser *visto*, isto é, ele pressupõe, logo à partida, um espectador” (Guimarães, 2004, p. 59). Com este aspeto em mente, torna-se essencial que o texto seja dotado da fluidez e da naturalidade necessárias para ser *dito* em palco.

Tendo isto em consideração, optou-se, no projeto de tradução da peça *Ivanov*, pela utilização em simultâneo de duas estratégias distintas. Se, por um lado, se tentou, dentro do possível ser fiel ao TO, tratando-o como uma obra literária, por outro lado, recorreu-se à tradução da performatividade, entendida no seu sentido mais restrito, o que envolveu a criação de ritmos de fala fluentes, de forma a permitir que o TC seja *dito* com facilidade e naturalidade pelos atores, que eventualmente venham a representar a peça. Este equilíbrio entre a fidelidade ao texto original e a elaboração de um discurso fluido é fundamental para garantir que a essência da obra seja preservada na LC.

Na peça *Ivanov*, está presente um grande número de didascálias, que, mais uma vez, nos recorda que o texto dramático, no fundo, só se completa quando levado à cena. As didascálias desempenham um papel importante no texto dramático, já que não só permitem ao leitor imaginar com maior facilidade o ambiente em que a ação decorre, como constituem quer instruções precisas sobre o modo como a ação deve ser representada pelos atores, quer indicações cénicas para um eventual encenador, abrangendo aspetos tais como o posicionamento, os gestos e o estado de espírito das personagens, a decoração dos cenários e efeitos de luz e som, entre outros.

Na peça escolhida para este projeto de tradução, distinguem-se didascálias, nomeadamente, em relação:

- a. ao posicionamento das personagens:

Ivanov está sentado à mesa a ler um livro [Иванов сидит за столом и читает книгу]¹¹

- b. à indumentária e adereços:

Borkin, de botas grandes e carregando uma espingarda [Боркин, в больших сапогах, с ружьем]¹²

- c. aos gestos e movimentos em cena

Levantam-se [Встают]¹³ / *Caminham* [Идут]¹⁴ / *Pega na mão dele e encosta-a ao seu peito* [Берет его руку и прикладывает к груди]¹⁵

- d. aos estados de espírito das personagens:

rindo-se às gargalhadas [хохочет]¹⁶ / *agitado* [волнуясь]¹⁷

- e. à decoração dos cenários

Jardim na propriedade de Ivanov. À esquerda, a fachada da casa com um terraço. Uma janela está aberta [Сад в имении Иванова. Слева фасад дома с террасой. Одно окно открыто]¹⁸

- f. aos efeitos de som:

ouvem-se os sons distantes de uma harmónica [слышны далекие звуки гармоники]¹⁹

- g. aos idioletos

Com sotaque iídiche [Еврейским акцентом]²⁰

¹¹ Ato I, Cena I – p. 56 do Apêndice, p.129 do Anexo

¹² Ibid. – p. 56 do Apêndice, p. 129 do Anexo

¹³ Ato I, Cena III – p. 62 do Apêndice, p. 134 do Anexo

¹⁴ Ibid. – p. 62 do Apêndice, p. 134 do Anexo

¹⁵ Ato I, Cena I – p. 57 do Apêndice, p. 129 do Anexo

¹⁶ Ibid. – p. 56 do Apêndice, p. 129 do Anexo

¹⁷ Ato I, Cena V – p. 56 do Apêndice, p. 137 do Anexo

¹⁸ Ato I, Cena I – p. 56 do Apêndice, p. 129 do Anexo

¹⁹ Ato I, Cena VII – p. 69 do Apêndice, p. 140 do Anexo

²⁰ Ato I, Cena IV – p. 70 do Apêndice, p. 140 do Anexo

Ao longo de todo o processo de tradução da peça *Ivanov*, tornou-se claro ser importante que

(...) o tradutor seja não só um *leitor/ouvinte* atento do texto a traduzir, como também um *ouvinte* atento da sua língua em todos os atos de comunicação oral da vida real, desenvolvendo, pela sua análise, competência comunicativa e discursiva suficientes para que os *diálogos* sejam reproduzidos na língua de chegada (LC) de uma forma natural, de acordo com o contexto em que têm lugar, gerindo o uso da palavra, de forma a evidenciar, sempre que necessário, os socioletos e idioletos próprios dos vários enunciadores/personagens colocados pelo autor em *interação*. (Ibid., p. 60)

Isto não significa que o tradutor deva proceder a uma aculturação, isto é, a uma adaptação do TC à cultura de chegada, pois isso poderá levar a que a obra adquira significados que nunca teve. A propósito da aculturação da obra de Tchekhov por parte de muitos dos seus tradutores ingleses, o crítico de teatro Kenneth Tynan observou que “the Russian playwright has been completely rewritten in an English context, to the extent that his works have come to acquire a whole new set of meanings that were never part of Chekhov’s worldview” (*apud* Bassnett, 2014b, p. 155).

No caso de uma peça de teatro, o tradutor vê-se perante um texto considerado incompleto pelo seu próprio autor que pretende ver a sua peça representada em palco, como o confirma a abundância de didascálias. Para melhor levar a cabo a sua tarefa, é necessário que o tradutor encontre soluções, como afirma Susan Bassnett,

(...) for a series of problems that are primarily linguistic ones — differences in register involving age, gender, social position, etc., deictic units, consistency in monologues and many more. (...) [T]he satisfactory solution of such textual difficulties will result in the creation of a target language text that can then be submitted to the pre-performance readings of those who will undertake a performance. (Bassnett, 1991, p. 111)

Ao longo da realização do projeto de tradução da obra *Ivanov*, tentou-se levar em linha de conta todos estes fatores, de modo a tornar o discurso natural sem, contudo, descurar o estilo do autor e sem aculturar o texto, isto é, sem adulterar o seu significado.

**CAPÍTULO III – ANÁLISE DE PROBLEMAS E DIFICULDADES DE
TRADUÇÃO**

Neste capítulo, tentar-se-á proceder a uma tipologia das dificuldades e problemas encontrados no processo de tradução da obra *Ivanov*, utilizando para o efeito a metodologia de análise estilística, desenvolvida por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, no livro *Comparative Stylistics of French and English. A methodology for translation* (1995).

Ainda recorreremos aos conceitos de equivalência formulados por Peter Newmark, cujas distinções entre tradução ‘semântica’ e ‘comunicativa’ se aproximam das propostas de Vinay e Darbelnet: “Semantic translation is sometimes both linguistic and encyclopaedic, whilst communicative translation is strictly functional” (2001, p. 53). Na sua abordagem, Newmark destaca a importância do leitor como elemento central no processo tradutivo, sublinhando que a tradução semântica tende a ser mais próxima do conteúdo linguístico e enciclopédico do texto de partida, enquanto a tradução comunicativa privilegia a função e o efeito pretendido no texto de chegada. O estudioso inglês “propõe a ‘equivalência cultural’ e ‘funcional’ na tradução, onde a primeira procura os equivalentes semânticos que possuem a mesma bagagem associativa na língua de chegada e a última preserva o propósito comunicativo, ou seja, o impacto sobre o leitor” (Marques, 2024, p. 57).

3.1 Metodologia de análise estilística

O processo tradutivo consiste em estabelecer relações entre manifestações específicas pertencentes a dois sistemas linguísticos. Para isso, é preciso identificar as unidades de tradução, analisar o texto de partida, tendo em conta aspetos como o conteúdo descritivo, afetivo ou intelectual do texto, recriar a situação que originou a mensagem e avaliar os efeitos estilísticos.

Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet analisam o processo de tradução sob o ponto de vista linguístico e estilístico, classificando dois métodos de tradução, que designam por “direct translation”, ou tradução literal, e “oblique translation” (1995, p. 31). Assim, em alguns casos, é possível traduzir um texto elemento a elemento devido à existência de um paralelismo estrutural, ou à presença de conceitos paralelos, enquanto, noutros casos, devido a diferenças de ordem estrutural ou metalinguística, não é possível transpor o texto para a língua de chegada (LC), sem alterar a ordem sintática ou até mesmo o léxico utilizado no TO.

Segundo estes autores, as técnicas utilizadas na tradução direta são os seguintes: o empréstimo, o decalque e a tradução literal, enquanto na tradução oblíqua, as técnicas a que os tradutores recorrem com mais frequência são a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação.

De seguida, proceder-se-á à enumeração das técnicas de tradução próprias destes métodos, utilizadas ao longo do processo de tradução da obra, apresentando não só exemplos, mas também as razões que levaram à sua utilização.

A análise contrastiva será apoiada pelos excertos do texto tchekhoviano em duas línguas: T1 – texto original russo; T2 – tradução por nós realizada para português.

Os exemplos citados foram retirados da obra original em anexo, assim como da tradução levada a cabo para a realização deste trabalho de projeto, em apêndice.

3.2 Métodos de tradução direta

Apesar de o russo e o português não serem línguas tipologicamente próximas, uma vez que não partilham estruturas fráscas semelhantes, neste subcapítulo apresentamos os elementos de tradução literal, nos quais se procedeu à transposição do texto de partida (TP) para o texto de chegada (TC) com interferências mínimas, mantendo-se, tanto quanto possível, a estrutura original.

Entre as técnicas de tradução direta, utilizadas ao longo do processo de tradução da peça *Ivanov*, destacamos o empréstimo e a tradução literal.

3.2.1 Empréstimo

Segundo Vinay & Darbelnet, o empréstimo é “a word or expression borrowed directly from another language, in its form and meaning” (Ibid., p. 340). Por outras palavras, o empréstimo é o uso no TC de uma palavra ou expressão da LP.

A língua russa possui um vasto número de empréstimos lexicais, resultado de múltiplos contactos culturais e históricos. Na tradução da peça de Tchekhov, alguns desses empréstimos transitaram para português na sua forma original, enquanto outros foram adaptados ou substituídos por expressões que se ajustam melhor ao contexto cultural e linguístico do público-alvo. A escolha entre manter ou assimilar um empréstimo lexical dependeu do grau de familiaridade do leitor com o termo, da frequência do uso do empréstimo em português e do impacto pretendido por Tchekhov.

Ao longo da tradução da obra, optou-se por recorrer ao empréstimo na tradução maioritariamente nos casos em que o termo se tratava já de um empréstimo na LO. O exemplo listado imediatamente abaixo é ainda acompanhado por uma nota explicativa, pelo simples motivo de que a sua grafia está algo diferente do que seria, no caso, a expressão em francês.

Exemplo n.º 1, Ato I Cena IV (p. 139 do Anexo, p. 68 do Apêndice):

T1: **Шабельский.** (...) Я такой же мерзавец и свинья в ермолке, как все. Моветон и старый башмак.

T2: SHABELSKY — (...) Sou um canalha, um porco com quipá como toda a gente. Sou um *mauvais ton*, um mal-educado, uma bota velha.

Uma vez que no original há recurso ao empréstimo da expressão ‘*mauvais ton*’ [МОВЕТОН] do francês, optou-se novamente por mantê-la, acrescentando a nota explicativa na LC seguido da tradução do termo para a LC.

Exemplos n.º 2 e 3, Lista das personagens no início do Ato I (p. 130 do Anexo, p. 59 do Apêndice):

T1: Лебедев Павел Кириллыч, председатель земской управы.

Львов Евгений Константинович, молодой земский врач.

T2: Pavel Kirillych Lebedev, presidente do governo da Zemstvo.

Yevgeny Konstantinovich Lvov, um jovem médico da Zemstvo.

Zemstvo era o sistema de administração local introduzido em 1864 por uma das reformas do czar Alexandre II da Rússia, portanto faz todo o sentido recorrer ao empréstimo e manter o termo na LC.

Exemplo n.º 4, Ato IV Cena I (p. 185 do Anexo, p. 115 do Apêndice):

T1:

Львов (*входит, смотрит на часы*). Пятый час. Должно быть, сейчас начнется благословение... Благословят и повезут венчать. Вот оно, торжество добродетели и правды! Сарру не удалось ограбить, замучил ее и в гроб уложил, теперь нашел другую. Будет и перед этою лицемерить, пока не ограбит ее и, ограбивши, не уложит туда же, где лежит бедная Сарра. Старая, кулаческая история...

T2:

LVOV (*Entra e olha para o relógio*) – Já passa das quatro. A bênção deve estar a começar... Serão abençoados e depois levados ao altar. Aqui está o triunfo da virtude e da verdade! Não tendo conseguido roubá-la, ele torturou Sara até à morte e logo encontrou outra. Perante esta, será também hipócrita, enquanto não a roubar e, depois de roubada, quem nos diz que não a manda para o mesmo sítio onde jaz a pobre Sara. Uma velha história de cúlaques...

Cúlaque era a designação dada na Rússia do séc. XIX e início do séc. XX aos fazendeiros ou camponeses, proprietários de terras, exploradas com recurso a trabalhadores assalariados. À semelhança do exemplo supra, a melhor opção de tradução é através do empréstimo.

3.2.2 Tradução Literal

A tradução literal é a transferência direta do texto da LP para a LC, sendo mais comum entre línguas pertencentes à mesma família, sobretudo se também compartilharem a cultura. Vinay & Darbelnet definem esta técnica como “the direct transfer of a SL text into a grammatically and idiomatically appropriate TL text in which the translators’ task is limited to observing the adherence to the linguistic servitudes of the TL” (Ibid., p. 34).

Exemplo n.º 6, Didascália inicial do Ato I (p. 131 do Anexo, p. 60 do Apêndice):

T1: *Сад в имении Иванова.*

T2: *Jardim na propriedade de Ivanov.*

Como a frase original é bastante curta e simples, bastou transferir o texto tal como está de uma língua para a outra. Como o objetivo principal do presente trabalho é o foco nas dificuldades tradutivas e na sua resolução, apenas é dado um exemplo deste método, embora houvesse mais, para demonstrar a sua aplicação.

3.3 Métodos de tradução oblíqua

Como supramencionado, o português e o russo não são línguas tipologicamente próximas, o que resulta numa maior utilização de métodos de tradução oblíqua nas traduções realizadas com este par de línguas. Estes métodos pressupõem modificações nas frases na LC ao nível gramatical, de ponto de vista, de procura de equivalentes e de adaptação do texto, tendo como resultado um texto que embora possa ser menos fiel ao original a nível semântico, possibilitará a transmissão da mensagem o mais proximamente possível do TO.

3.3.1 Transposição

A transposição é um processo em que “a source language word is rendered by a target language word of another word class” (Ibid., p. 351), ou seja, consiste na substituição de uma classe de palavras por outra, sem alterar o significado da mensagem. Este método pode ser empregue entre quaisquer classes de palavras, nomeadamente:

a) Verbo/Nome

Exemplo n.º 8, Ato I Cena IV (p. 139 do Anexo, p. 68 do Apêndice):

T1:

Анна Петровна. Живем мы с вами под одною крышей уже пять лет, и я ни разу не слыхала, чтобы вы отзывались о людях спокойно, без желчи и без смеха.

T2:

ANNA PETROVNA — Vivemos debaixo do mesmo teto há já cinco anos e nunca o ouvi falar calmamente das pessoas, sem rancor e sem se rir.

Enquanto no TO é utilizado o substantivo ‘riso’ [смех], em português soa mais natural o recurso ao verbo rir com o pronome reflexivo.

b) Advérbio/Adjetivo

Exemplo n.º 9, Ato II Cena IV (p. 155 do Anexo, p. 84 do Apêndice):

T1: **Шабельский.** (...) Вас и Зюзюшку я люблю бесконечно...

T2: SHABELSKY — (...) O meu amor por si e pela Zyuzushka é infinito...

Traduzida à letra, a fala soaria a algo como ‘Amo-o e à Zyuzushka infinitamente...’, no entanto, para ser de mais fácil leitura em palco, optou-se pela transposição do verbo ‘amar’ pelo respetivo substantivo, à semelhança do que foi visto no exemplo supra. Ao substituir o verbo ‘amar’ pelo substantivo, a frase não faria sentido caso se mantivesse o advérbio ‘infinitamente’, optando então pela sua transposição pelo respetivo adjetivo.

c) Expansão por transposição

Segundo Vinay & Darbelnet, esta é uma “translation technique of adding lexical items in the target language which are required by its structure and which are absent in the source language” (Ibid., p. 350), ou seja, ao traduzir, por vezes, surge a necessidade de fazer acrescentos à frase no TC, pois enquanto a formulação curta e mais simples funciona na LO, na LC não faria sentido e requer elaboração.

Exemplo n.º 10, Ato I Cena I (p. 131 do Anexo, p. 60 do Apêndice):

T1: **Иванов.** (...) Испугал и радуется...

T2: “IVANOV — (...) Assustou-me e ainda se regozija com isso...”

Enquanto na língua russa o verbo ‘радуется’ [regozija-se] é suficiente para exprimir o descontentamento da personagem, em português torna-se necessário o acréscimo do advérbio ‘ainda’ e da locução preposicional ‘com isso’, não só para transmitir a mesma ênfase, mas também para dar maior naturalidade à fala.

Exemplo n.º 11, Ato I Cena I (p. 132 do Anexo, p. 61 do Apêndice):

T1: **Боркин**. Голубчик, скажите: будет жаль?

T2: BORKIN — Diga lá, meu caro, teria pena?

Neste cenário, para garantir a coesão da frase, foi utilizada uma “almost empty word”, tal como Peter Newmark a define na sua obra *Approaches To Translation*, (2001, p. 148). Newmark considera que “most languages have some lexical and grammatical features of low semantic content which may have no equivalents in the target language” (Ibid.), as quais designa como “almost empty words”, ou seja, estamos perante uma palavra com pouco conteúdo semântico, sem equivalentes na língua de origem, que serve apenas como um agente para melhorar a qualidade do texto na LC.

Exemplo n.º 12, Ato I Cena I (p. 132 do Anexo, p. 61 do Apêndice):

T1: **Иванов**. Так что же мне теперь делать? Ну, режьте меня, пилите...

T2: IVANOV — Então, que faço eu agora? Vá lá, corte-me, talhe-me aos bocados...

Uma vez mais, a língua original permite ao autor ser mais conciso e escrever apenas ‘пилите’ [talhe-me], no entanto, em português, essa abordagem não iria resultar, pois a frase iria causar estranheza e ficar incompleta, pelo que foi necessário ir mais além e acrescentar a locução propositiva.

Exemplo n.º 13, Ato I Cena II (p. 134 do Anexo, p. 63 do Apêndice):

T1: **Боркин** (*живо*). Постойте, постойте!.. ведь сегодня, кажется, день рождения Шурочки...

T2: BORKIN (*com vivacidade*) — Espere lá, espere lá!... É que hoje parece que é o aniversário da Sashenka...

Neste exemplo recorreu-se ao uso da “almost empty word” ‘lá’, dando assim maior coesão e naturalidade ao TC.

Exemplo n.º 14, Ato I Cena II (p. 134 do Anexo, p. 63 do Apêndice):

T1: **Боркин** (*sadится за стол*). Конечно!.. Я так и знал!... И сами ничего не делаете, и меня связываете...

T2: BORKIN (*senta-se à mesa*) — Claro!... Eu já sabia! Não faz nada e ainda me ata as mãos...

Neste excerto, procedeu-se a um acrescento para desambiguar a frase, uma vez que, apesar de em russo o verbo ser suficiente para transmitir a mensagem, em português é necessário elaborar um pouco mais. Além disso, acrescentou-se o advérbio para tornar a frase mais enfática.

Exemplo n.º 15, Ato I Cena III (p. 137 do Anexo, p. 66 do Apêndice):

T1:

Иванов. (...) Вся суть в том, милый доктор (*мнется*), что... короче говоря, женился я по страстной любви и клялся любить вечно, но... прошло пять лет, она все еще любит меня, а я... (*Разводит руками.*)

T2:

IVANOV — (...) A questão, caro doutor, (*hesita*), é que... em suma, casei-me em resultado de um amor apaixonado e jurei amá-la para sempre, mas... passaram cinco anos, ela ainda me ama e eu... (*Abre as mãos num gesto de impotência.*)

Dado que se trata de uma didascália importante para o encenador, explica-se o sentido deste ‘abrir de mãos’.

Exemplo n.º 16, Ato I Cena V (p. 140 do Anexo, p. 69 do Apêndice):

T1:

Иванов (*показывается на аллее со Львовым*). Вы, милый друг, кончили курс только в прошлом году, еще молоды и бодры, а мне тридцать пять.

T2:

IVANOV (*aparece na alameda com Lvov*) — Você, meu caro amigo, só acabou o curso no ano passado, ainda é jovem e alegre, enquanto eu tenho já trinta e cinco anos.

Mais uma vez, o recurso ao acrescento da “almost empty word” ‘já’ serve para dar mais ênfase ao sentido da frase.

3.3.2 Modulação

Vinay & Darbelnet definem a modulação como “A translation method consisting of changing a point of view, an evocation, and often a category of thought” (1995, p. 346), por outras palavras, a modulação consiste na reformulação da frase, como resultado da alteração do ponto de vista, que pode ser usada quando, apesar do significado se manter na língua de chegada, a frase se torna menos natural.

a) O abstrato pelo concreto

Trata-se de um caso em que uma expressão de carácter geral é convertida numa formulação mais particular na língua de chegada.

Exemplo n.º 17, Ato I Cena IV (p. 139 do Anexo, p. 68 do Apêndice):

T1:

Анна Петровна. А еще что?

Шабельский. По целым дням сидел бы на жениной могиле и думал. Так бы я и сидел на могиле, пока не околед. Жена в Париже похоронена...

T2:

ANNA PETROVNA — E que mais?

SHABELSKY — Passaria os dias sentado junto à campa da minha mulher a pensar. E assim ficaria sentado junto à campa até morrer. A minha mulher está enterrada em Paris...

O termo ‘околедь’ em russo possui uma carga semântica de ‘morrer de frio’ ou ‘ficar rígido após a morte’. De modo que a frase fizesse mais sentido em português, foi necessário proceder a uma modulação ‘abstrato por concreto’ de maneira reversa, sem, no entanto, alterar a ideia presente no original. Por outras palavras, recorreremos a uma generalização, ou seja, à substituição de um conceito específico por um mais amplo.

b) Modulação Explicativa

Este tipo de modulação, segundo Vinay & Darbelnet, “supposes an analysis of the situation and a value judgement about it” (Ibid., p. 250), isto é, permite uma maior flexibilidade, na medida em que possibilita ao tradutor uma menor fidelidade ao original, como meio de transmitir na LC a mensagem pretendida da forma mais perceptível ao recetor.

Exemplo n.º 18, Ato I Cena II (p. 133 do Anexo, p. 62 do Apêndice):

T1:

Голос **Шабельского** за окном: «Играть с вами нет никакой возможности... Слуха у вас меньше, чем у фаршированной щуки, а туше возмутительное».

Анна Петровна (*показывается в открытом окне*). Кто здесь сейчас разговаривал?

Это вы, Миша? Что вы так шагаете?

Боркин. С вашим Nicolas-voilà еще не так зашагаешь.

Анна Петровна. Послушайте, Миша, прикажите принести на крокет сена.

Боркин (*машет рукой*). Оставьте вы меня, пожалуйста...

Анна Петровна. Скажите, какой тон... К вам этот тон совсем не идет. Если хотите, чтобы вас любили женщины, то никогда при них не сердитесь и не солидничайте... (*Мужу.*) Николай, давайте на сене кувыряться!..

Иванов. Тебе, Анюта, вредно стоять у открытого окна. Уйди, пожалуйста... (*Кричит.*) Дядя, закрой окно!

Окно закрывается.

T2:

A voz de SHABELSKY vinda da janela da casa – É impossível tocar consigo... Tem menos ouvido do que uma carpa recheada, e a forma como martela as teclas é escandalosa.

ANNA PETROVNA (*Aparece na janela aberta*) — Quem estava aqui a falar ainda agora? Era você, Misha? Por que anda assim dessa maneira?

BORKIN — Com o seu Maître Nicolas não se vai a lado nenhum.

ANNA PETROVNA — Ouça, Misha, mande trazer feno para o croquet.

BORKIN (*acena com a mão*) — Por favor, deixe-me em paz...

ANNA PETROVNA — Diga-me, mas que tom é esse... Esse tom não lhe assenta nada bem. Se quer ser amado pelas mulheres, então nunca se irrite na sua presença e não seja tão rígido... (*Para o marido*). Nikolai, vamos rebolar no feno!...

IVANOV — Anyuta, não é bom para ti ficares junto à janela aberta. Vai-te embora, por favor... (*Grita*). Tio, feche a janela!

A janela é fechada.

Neste exemplo, identificam-se diversas modulações. Optou-se por apresentá-las em conjunto, de modo a permitir que o leitor observe como diferentes modulações podem coexistir num mesmo trecho de tradução.

Na tradução da expressão ‘фаршированная щука’ [lúcio recheado], aplicou-se a modulação ‘troca de símbolo’, recorrendo à expressão ‘carpa recheada’. Esta estratégia visa preservar o mesmo efeito junto do leitor (de acordo com a Teoria do Escopo), através da adaptação do código cultural. Com efeito, o lúcio, para os russos, é um peixe que surge com relativa frequência tanto à mesa como nas fábulas populares. A carpa, por sua vez, é um peixe bem conhecido do público português e encontra-se associado a valores como a sorte e a sabedoria, desempenhando um papel culturalmente análogo ao do lúcio na tradição russa. Outros exemplos de modulação ‘alteração de símbolo’ serão apresentados no ponto **h**), pp. 52-55.

O termo ‘тыше’ [transliteração: tuché], em russo, possui vários significados. De origem francesa, sofre um processo de transcrição para o alfabeto cirílico e poderá derivar de *touché* ou *toucher*, termos que apresentam sentidos distintos consoante o contexto. *Touché*, além do seu significado técnico no domínio da esgrima, adquire, em contexto figurado, o sentido de ‘concordo’ ou ‘reconhecimento de um argumento bem-sucedido’ no âmbito de uma discussão verbal. Por seu lado, *toucher*, num contexto musical, refere-se à técnica de execução, designando a forma como se toca um instrumento e o conseqüente efeito sobre a qualidade do som. Compete ao tradutor determinar qual o significado mais adequado em função do contexto. Neste caso, a escolha recaiu claramente sobre o segundo significado. Assim, a melhor forma de tradução consistiu numa expansão parcial do segmento: ‘a forma como martela as teclas’, pois o recurso, por exemplo, ao empréstimo, poderia levar à perda da mensagem.

Além disso, ‘Nicolas-voilà’ foi retirado de uma estrofe de uma cançoneta famosa dos anos 80 do séc. XIX, cantada pelo ator Vladimir Davydov. Trata-se de uma referência intertextual impossível de traduzir, pelo que se tenta compensar, por meio de adaptação, com o termo ‘Maître’. Estamos assim perante uma perda. Nas páginas 57 e 58, serão apresentados mais exemplos de adaptação.

Ainda, enquanto no original se diz ‘Para ti, Anyuta, é prejudicial ficares junto à janela aberta’, em português e, sobretudo, por se tratar de uma peça de teatro, soa melhor se se negar o oposto. Além disso, esta passagem é um bom exemplo do método de inversão de termos, que será abordado no ponto **e**), pp. 47-50.

Por último, por uma questão de sonoridade na LC, substituiu-se a frase ativa ‘a janela fechase’ pela passiva, uma vez que, a primeira não soaria natural em língua portuguesa.

c) A parte pelo todo (sinédoque)

Esta técnica é utilizada quando se impõe a substituição de um termo específico por uma expressão mais abrangente. Tal recurso permite ajustar o grau de especificidade do texto de partida às convenções discursivas da língua de chegada, preservando a intenção e a coerência do enunciado original.

Exemplo n.º 19, Ato I Cena VI (p. 141 do Anexo, p. 70 do Apêndice):

T1:

Шабельский. Хоть к черту в пекло, хоть к крокодилу в зубы, только чтоб не здесь оставаться. Мне скучно! Я отупел от скуки! Я надоел всем. Ты оставляешь меня дома, чтобы ей не было одной скучно, а я ее загрыз, заел!

Анна Петровна. Оставьте его, граф, оставьте! Пусть едет, если ему там весело.

T2:

SHABELSKY — Estou pronto a ir para o inferno, a lançar-me na boca de um crocodilo, só para não ficar aqui. Estou aborrecido! Sinto-me embrutecer de tanto tédio! Estão todos fartos de mim. Deixas-me em casa para que ela não se aborreça sozinha e eu só a exaspero!

ANNA PETROVNA — Deixe-o, Conde, deixe-o em paz! Que vá se ele lá se diverte.

‘Хоть к черту в пекло’, traduzido à letra, seria algo como ‘ir para as chamas infernais do diabo’. O termo ‘пекло’ significa literalmente ‘um local com fogo intenso’, entretanto, o significado figurado é ‘chamas infernais’. Poderíamos recorrer ao equivalente português ‘ir para o inferno num cesto’, mas para manter a naturalidade da fala e como essa expressão não é comum em português optou-se por remover o elemento mais concreto da fala, tornando-a mais generalista, abstrata, conforme se viu no ponto supra, relativo à modulação ‘abstrato por concreto’.

Outra expressão que sofreu uma modulação é ‘хоть к крокодилу в зубы’, traduzida como ‘a lançar-me na boca de um crocodilo’. Em português, é mais natural empregar a expressão ‘lançar-se na boca’ em vez de ‘lançar-se nos dentes’, o que evidencia uma mudança de ponto de vista: a parte (dentes) dá lugar ao todo (boca). Desta maneira, conseguiu-se manter a fluidez e os hábitos linguísticos da língua de chegada, sem comprometer o sentido original da imagem metafórica.

Ainda, a frase ‘я ее загрыз, заел’ [literalmente: roí-a, comi-a] é um excelente exemplo que necessita de uma adaptação para se adequar ao contexto português. A frase russa tem uma forte carga de imagem física e visceral que no plano figurado, corresponde a incomodar alguém até à exaustão. Shabelsky exprime um sentimento de desespero, estando no limite da irritação. Ao optar pelo termo ‘exaspero’, deslocamos o foco da ação física intensiva para o efeito emocional produzido, atenuando a literalidade da imagem original e assegurando a naturalidade expressiva.

Exemplo n.º 20, Ato I Cena IV (p. 138 do Anexo, p. 67 do Apêndice):

T1:

Шабельский. Это что за экзамен?

Анна Петровна. Живем мы с вами под одною крышей уже пять лет, и я ни разу не слыхала, чтобы вы отзывались о людях спокойно, без желчи и без смеха. Что вам люди сделали худого? И неужели вы думаете, что вы лучше всех?

T2:

SHABELSKY — Mas que exame vem a ser este?

ANNA PETROVNA — Eu e o senhor vivemos na mesma casa há já cinco anos e nunca o ouvi falar calmamente das pessoas, sem rancor e sem se rir. O que é que as pessoas lhe fizeram? E acha mesmo que é melhor que os outros?

No TO, refere-se viver ‘debaixo do mesmo teto’, que seria uma expressão completamente aceitável em português, porém, optou-se por encurtar a fala, referindo o todo (casa) ao qual a parte (teto) se refere, de forma a, mais uma vez, garantir a fluidez do discurso em palco.

Mais uma vez, foi ainda necessário proceder à adaptação da expressão ‘без желчи’ [literalmente: sem bÍlis] pois, apesar de existir em português, não é de uso corrente e poderia não ser compreendida pelo espectador.

Exemplo n.º 21, Ato II Cena III (p. 151 do Anexo, p. 80 do Apêndice):

T1:

Лебедев. Во всем уезде есть только один путевый малый, да и тот женат (*вздыхает*) и, кажется, уж беситься стал...

Бабакина. Кто это?

Лебедев. Николаша Иванов.

Бабакина. Да, он хороший мужчина (*делает гримасу*), только несчастный!..

Зинаида Саввишна. Еще бы, душечка, быть ему счастливым! (*Вздыхает.*) Как он, бедный, ошибся!.. Женился на своей жидовке и так, бедный, рассчитывал, что отец и мать за нею золотые горы дадут, а вышло совсем напротив... С того времени, как она переменяла веру, отец и мать знать ее не хотят, прокляли... Так ни копейки и не получил. Теперь кается, да уж поздно...

T2:

LEBEDEV – (...) Em todo o concelho, só há um sujeito que vale a pena, mas esse é casado... (*Suspira*). E, ao que parece, já começa a encher-se...

BABAKINA – Quem é?

LEBEDEV – Nikolai Ivanov.

BABAKINA – Sim, é um bom homem de bem... (*Faz um trejeito*). Mas infeliz!...

ZINAIDA SAVICHINA – Como é que quer que ele seja feliz, minha querida! (*Suspira*). Como ele se enganou, coitado!... Casou com a sua judiazinha à espera de que os pais dela lhe dessem montanhas de ouro, mas aconteceu exatamente o contrário, coitado... Desde que ela mudou de religião, o pai e a mãe não querem saber dela e amaldiçoaram-na... Por isso, ele não recebeu nem um cêntimo. Agora arrepende-se, mas já é tarde...

De forma a facilitar a dicção em palco, a expressão ‘отец и мать’ [pai e mãe] deu lugar a ‘os pais’. Trata-se aqui de um caso de sinédoque que consiste numa unificação, na medida em que se passa de dois elementos singulares para um termo abrangente. Não obstante, a tradução preserva o tom enfático do original, assegurando simultaneamente a fidelidade semântica e a adequação estilística.

Outro exemplo interessante neste excerto é o termo ‘жидовка’, um vocábulo depreciativo utilizado para se referir a uma mulher judia. No período de Tchekhov, a questão do politicamente correto não se colocava com a mesma acuidade que hoje, e termos pejorativos deste género eram usados com maior naturalidade, tanto na linguagem quotidiana como na literatura.

No entanto, este pormenor linguístico e cultural tende a perder-se no processo de tradução. Em português, uma tradução literal — como ‘judia’ — não reflete, por si só, a carga pejorativa associada ao termo original. Este caso ilustra um dos desafios frequentes da tradução literária: a dificuldade em transpor, de forma eficaz, as conotações sociais e culturais carregadas por determinadas expressões. A sensibilidade para estas nuances é fundamental para que o texto traduzido preserve não apenas o sentido denotativo, mas também a atmosfera, o tom e o subtexto da obra original.

d) Uma parte por outra (metonímia)

Esta técnica consiste na tradução de um termo, expressão ou enunciado específico por um elemento com o qual mantém uma relação de proximidade ou associação lógica, assumindo a forma de metonímia. Trata-se de uma estratégia que oferece maior flexibilidade na adaptação do conteúdo ao contexto linguístico e cultural da língua de chegada.

Exemplo n.º 22, Ato II Cena V (p. 159 do Anexo, p. 88 do Apêndice):

T1:

Лебедев (*идя за нею*). Зюзюшка, ей-богу, дала бы чего-нибудь поесть людям... Люди молодые, небось проголодались, бедные... Зюзюшка...

Зинаида Саввишна. Граф не допил своего стакана. Даром только сахар пропал. (*Идет в левую дверь.*)

Лебедев. Тьфу!.. (*Уходит в сад.*)

T2:

LEBEDEV (*Seguindo-a*) — Zyuzushka, faz servir alguma coisa de comer às pessoas... São jovens, por certo estão com fome, coitados... Zyuzushka...

ZINAIDA SAVISHNA — O Conde não terminou o seu chá. Só é pena o açúcar que gastou. (*Dirige-se à porta da esquerda.*)

LEBEDEV — Birra!... (*Sai para o jardim.*)

Enquanto no original se faz referência ao ‘copo’ ou ‘chávena’, em português soa melhor referir-se ao ‘chá’, substituindo assim uma parte (o recipiente) por outra (o conteúdo), uma vez que é mais frequente esta formulação.

e) Inversão de termos

A inversão de termos é um tipo de modulação que consiste na alteração da ordem dos elementos da frase, com o objetivo de tornar a linguagem ou o resultado da tradução mais natural na língua de chegada.

Exemplos n.º 23 e 24, Lista das personagens no início do Ato I (p. 130 do Anexo, p. 59 do Apêndice):

T1: Иванов Николай Алексеевич

Шабельский Матвей Семенович, граф

T2: Nikolai Alekseevich Ivanov

Conde Matvey Semenovich Shabelsky

Os nomes e os títulos nobiliários devem ser apresentados pela ordem mais natural na LC, apesar de serem apresentados noutra ordem na cultura da LP, isto é, em português o título surge antes do nome do indivíduo e os apelidos aparecem no final do nome, apesar de em russo ser o contrário, o título surge após o nome e o apelido antecede o primeiro nome do sujeito.

Exemplo n.º 25, Ato I Cena III (p. 137 do Anexo, p. 66 do Apêndice):

T1:

Иванов. (...) Анята замечательная, необыкновенная женщина... Ради меня она переменяла веру, бросила отца и мать, ушла от богатства, и если бы я потребовал еще сотню жертв, она принесла бы их, не моргнув глазом. Ну-с, а я ничем не замечателен и ничем не жертвовал. Впрочем, это длинная история... Вся суть в том, милый доктор (*мнется*), что... короче говоря, женился я по страстной любви и клялся любить вечно, но... прошло пять лет, она все еще любит меня, а я... (*Разводит руками.*) Вы вот говорите мне, что она скоро умрет, а я не чувствую ни любви, ни жалости, а какую-то пустоту, утомление.

T2:

IVANOV — (...) A Anyuta é uma mulher admirável, extraordinária... Mudou de religião por mim, abandonou o pai e a mãe, renunciou à riqueza e, se eu exigisse mais uma centena de sacrifícios, ela tê-los-ia feito sem pestanejar. Já eu, em nada sou notável e nada sacrifiquei. De resto, isso é uma longa história... A questão, caro doutor, (*hesita*) é que... em suma, casei-me em resultado de um amor apaixonado e jurei amá-la para sempre, mas... passaram cinco anos, ela ainda me ama e eu... (*Abre as mãos num gesto de impotência*). Diz-me que ela vai morrer em breve, mas eu não sinto nem amor, nem pena, apenas uma espécie de vazio, um cansaço.

Uma vez que a expressão ‘я ничем не замечателен и ничем не жертвовал’ [não sou notável em nada e não sacrifiquei nada] seria mais complexo para um ator proferir em palco, inverteu-se a ordem sintática das palavras para facilitar a fala dotando-a de uma maior sonoridade, além disso, esta formulação carrega um efeito mais dramático: ‘em nada sou notável e nada sacrifiquei’.

Exemplo n.º 26, Ato I Cena IV (p. 138 do Anexo, p. 67 do Apêndice):

T1:

Шабельский (*входит и хохочет*). Честное слово, это не мошенник, а мыслитель, виртуоз! Памятник ему нужно поставить. В себе одном совмещает современный гной во всех видах: и адвоката, и доктора, и кукуевца, и кассира. (*Садится на нижнюю ступень террасы.*) И ведь нигде, кажется, курса не кончил, вот что удивительно... Стало быть, каким был бы гениальным подлецом, если бы еще усвоил культуру, гуманитарные науки!

T2:

SHABELSKY (*entra rindo às gargalhadas*) — Palavra de honra que ele não é um vigarista, mas sim um pensador, um virtuoso! É preciso erguer-lhe um monumento. Em si, ele combina a peçonha moderna em todas as suas formas: Ele é advogado, médico, negociante e tesoureiro. (*Senta-se no degrau mais baixo do terraço*). E o mais espantoso é que, ao que parece, nunca terminou curso nenhum... Mas que canalha brilhante ele seria se tivesse ainda adquirido cultura e aprendido humanidades!

No exemplo acima, a expressão ‘вот что удивительно’ [o que é mais espantoso] passou para o início da frase para aumentar a naturalidade do texto e ela própria foi reformulada com recurso à modulação ‘inversão de termos’, uma vez que a tradução literal ‘Ao que parece, nunca terminou curso nenhum, o que é mais espantoso...’ seria mais complexo para ser proferido em palco, além de que não teria tanta sonoridade. Este deslocamento cumpre uma função retórica relevante: ao antecipar a reação do enunciador (o espanto), já se predispõe o público à surpresa ou ironia que se seguirá, conferindo ênfase emocional ao conteúdo.

Além disso, servimo-nos de uma modulação ‘tempo em lugar de espaço’, utilizando ‘nunca’ como equivalente de ‘нигде’ [lado nenhum], para dotar a frase de uma maior naturalidade em português. A tradução de um advérbio de lugar por um advérbio de tempo constitui uma solução que, embora à primeira vista pareça afastar-se da literalidade, se aproxima da lógica idiomática e interpretativa da língua de chegada, garantindo uma receção mais espontânea e imediata por parte do leitor ou ouvinte.

O exemplo acima demonstra novamente como estes métodos estão interligados entre si, trabalhando em conjunto para possibilitar um TC o mais coeso e coerente possível.

f) **Negação do oposto**

Este tipo de modulação acontece quando a tradução passa a usar uma expressão contrária ao significado original da língua de partida. A inversão pode manifestar-se na transformação de frases afirmativas em negativas ou o contrário, conforme o que for mais adequado e natural na LC.

Exemplo n.º 27, Ato I Cena I (p. 131 do Anexo, p. 60 do Apêndice):

T1:

Иванов (*увидев Боркина, возраживает и вскакивает*). Миша, бог знает что... вы меня испугали... Я и так расстроен, а вы еще с глупыми шутками... (*Садится.*) Испугал и радуется...

Боркин (*хохочет*). Ну, ну... виноват, виноват. (*Садится рядом.*) Не буду больше, не буду... (*Снимает фуражку.*) Жарко. Верите ли, душа моя, в какие-нибудь три часа семнадцать верст отмахал... замучился... Пощупайте-ка, как у меня сердце бьется...

T2:

IVANOV (*ao ver Borkin, estremece e dá um salto*) — Misha, só Deus sabe o que... Assustou-me... Já estou aborrecido e ainda me vem com piadas parvas... (*Senta-se*). Assustou-me e ainda se regozija com isso...

BORKIN (*rindo-se às gargalhadas*) — Vá, vá... desculpe, peço desculpa. (*Senta-se ao seu lado*). Não volto a fazê-lo, prometo... (*Tira o boné*). Que calor. Acredite ou não, meu caro, já percorri mais de dezassete verstás em apenas três horas... Estou exausto... Ponha aqui a mão e veja como bate o meu coração...

Em vez de se repetir o ‘não volto’ [не буду] conforme o TO, em português soa mais natural recorrer à ‘negação do oposto’, substituindo-o assim por ‘prometo’.

Este exemplo serve ainda para mostrar o uso conjunto num trecho de tradução, não de vários métodos de tradução oblíqua como temos visto até agora, mas sim de um método de tradução oblíqua e um de tradução direta, tendo em conta o exemplo de transposição presente neste excerto supramencionado.

Exemplo n.º 28, Ato II Cena III (p. 153 do Anexo, p. 82 do Apêndice):

T1:

Саша. Ну, послушайте, сделайте мне такое одолжение! Если не хотите плясать, смеяться, петь, если все это скучно, то прошу вас, умоляю, хоть раз в жизни, для курьеза, чтобы удивить или насмешить, соберите силы и все разом придумайте что-нибудь остроумное, блестящее, скажите даже хоть дерзость или пошлость, но чтоб было смешно и ново! Или все разом совершите что-нибудь маленькое, чуть заметное, но хоть немножко похожее на подвиг, чтобы барышни хоть раз в жизни, глядя на вас, могли бы сказать: «Ах!» Послушайте, ведь вы желаете нравиться, но почему же вы не стараетесь нравиться? Ах, господа! Все вы не то, не то, не то!.. На вас глядя, мухи мрут и лампы начинают коптеть. Не то, не то!.. Тысячу раз я вам говорила и всегда буду говорить, что все вы не то, не то, не то!..

T2:

SASHA – Ouçam, façam-me esse favor! Se não querem dançar, rir, cantar, se tudo isso vos aborrece, então peço-vos que, pelo menos uma vez na vida, por diversão, para surpreender ou fazer rir, reúnam as vossas forças e, todos em conjunto, inventem qualquer coisa de espirituoso, de brilhante, digam-no mesmo que seja uma insolência ou uma vulgaridade, basta que seja engraçado e novo! Ou então, todos juntos, façam algo mais modesto e pouco notório, mas que pelo menos se pareça um pouco com uma proeza, para que as jovens damas, pelo menos uma vez na vida, ao olhar para vós, possam dizer: "Ah!". Ouçam, se querem agradar, por que não se esforçam por agradar? Ah, meus senhores! Nenhum de vós é assim, não é, não é!... Ao olhar para vós, até as moscas morrem e os candeeiros esfumaçam. Não são nada assim, nada assim!... Já vos disse mil vezes e dir-vos-ei sempre que nenhum de vós é assim, nenhum, nenhum, nenhum!...

No original, a ideia expressa é ‘estão todos errados, errados, errados’, no entanto, para facilitar a leitura e interpretação em palco do texto, optou-se por uma modulação recorrendo à negação do oposto, resultando em ‘nenhum de vós é assim, nenhum, nenhum, nenhum’. A opção por esta redação resulta também do facto de Sasha estar a enumerar uma longa lista de qualidades que nenhum dos seus interlocutores possui. Posto isto, não é que estejam errados, simplesmente não são como descrito por Sasha.

g) Substituição de intervalos por limites (no espaço e no tempo)

Esta modulação acontece quando um termo ou expressão que designa um local, frequentemente precedido por uma preposição de lugar, é substituído por uma palavra ou expressão que indica tempo na tradução.

Exemplo n.º 29, Ato II Cena III (p. 137 do Anexo, p. 66 do Apêndice):

T1:

Львов. Николай Алексеевич, позвольте мне думать о вас лучше!..

Иванов. Все это правда, правда... Вероятно, я страшно виноват, но мысли мои перепутались, душа скована какою-то ленью, и я не в силах понимать себя. Не понимаю ни людей, ни себя... (*Взглядывает на окно.*) Нас могут услышать, пойдёмте, пройдемся.

Встают.

Я, милый друг, рассказал бы вам с самого начала, но история длинная и такая сложная, что до утра не расскажешь.

Идут.

T2:

LVOV — (...) Nikolai Alekseevich, permita-me pensar melhor de si!...

IVANOV — É tudo verdade, é verdade... Provavelmente sou terrivelmente culpado, mas os meus pensamentos estão confusos, a minha alma está paralisada por uma certa preguiça e não consigo compreender-me a mim próprio. Não compreendo nem as pessoas, nem a mim próprio... (*Olha para a janela.*) Podem ouvir-nos, vamos dar um passeio. (*Levantam-se.*) Eu, caro amigo, contar-lhe-ia tudo desde o início, mas a história é longa e tão complicada que não se consegue contar numa noite. (*Caminham.*)

A modulação da expressão ‘до утра’ que significa ‘até de manhã’ para ‘numa noite’ dá maior naturalidade ao texto, uma vez que esta é uma redação mais recorrente no português, ao contrário da primeira que não é de frequente utilização, apesar de não estar sintática nem gramaticalmente incorreta.

h) Alteração de símbolo

Segundo Vinay & Darbelnet, “Some metaphors rely on quite distinctive images which defy literal translation. Translators may have to use modulation to change symbols and so avoid an overtranslation which would otherwise result” (Ibid., p.253), isto é, em diferentes línguas, ligadas a diferentes culturas, são atribuídos sentidos diferentes ao mesmo conceito, quando utilizados em metáforas, cabendo ao tradutor encontrar na LC a metáfora que melhor transmite a ideia presente no TO.

Exemplo n.º 30, Ato I Cena I (p. 132 do Anexo, p. 62 do Apêndice):

T1:

Боркин. Я вас спрашиваю: рабочим нужно платить или нет? Э, да что с вами говорить!.. (*Машиет рукой.*) Помещики тоже, черт подери, землевладельцы... Рациональное хозяйство... Тысяча десятин земли – и ни гроша в кармане... Винный погреб есть, а штопора нет... Возьму вот и продам завтра тройку! Да-с!.. Овес на корню продал, а завтра возьму и рожь продам.

T2:

BORKIN — Pergunto-lhe: é preciso, ou não, pagar aos trabalhadores? De nada vale falar consigo!.. (*Acena com a mão*). Mas que diabo, quem tem terras também é proprietário... Economia racional... Mil hectares de terra e nem um tostão no bolso... Temos uma adega, mas não temos saca-rolhas... Pego e vendo a troika amanhã! Sim, senhor!... Vendi a aveia diretamente do campo e amanhã pego no centeio e vendo-o.

Dos três excertos assinalados no exemplo acima, dois correspondem a casos de modulação por alteração de símbolo: ‘tostão’ e ‘diretamente do campo’.

No primeiro caso, trata-se de um termo culturalmente marcado — ‘грош’ [lit. *grosh*], uma pequena moeda de prata, que também pode ser traduzida por ‘grosso’ e que carrega a conotação de algo sem grande valor. Na tradução, optou-se por substituí-lo por ‘tostão’, um equivalente culturalmente marcado na língua de chegada. Este exemplo pode igualmente ser interpretado como um caso de ‘equivalente cultural’, conforme a terminologia proposta por Peter Newmark (1988).

No segundo caso, deparamo-nos com um idiomatismo que, traduzido literalmente, corresponderia a ‘pela raiz’. Dada a dificuldade de manter essa expressão com o mesmo impacto em português, procedeu-se à substituição do símbolo ‘raiz’ por ‘campo’, assegurando assim a preservação da ideia veiculada no original, ainda que com recurso a uma imagem diferente, mais natural no texto de chegada.

No terceiro excerto, temos um exemplo de modulação explicativa, uma vez que o termo arcaico ‘помещик’ [lit. *pomeshchik*] designa, no contexto histórico russo, membros da nobreza rural que detinham grandes propriedades e, frequentemente, servos ao seu serviço. Optou-se aqui por uma tradução descritiva ‘quem tem terras’, solução que se enquadra na categoria de ‘equivalente funcional’, segundo a teoria de Peter Newmark.

Exemplo n.º 31, Ato I Cena V (p. 140 do Anexo, p. 69 do Apêndice):

T1:

Иванов (...) (*Увидев графа, раздраженно.*) Всегда ты, дядя, перед глазами вертишься, не дашь поговорить наедине!

Шабельский (*плачущим голосом*). А черт меня возьми, нигде приюта нет! (*Вскакивает и идет в дом.*)

Иванов (*кричит ему вслед*). Ну, виноват, виноват! (*Львову.*) За что я его обидел? Нет, я решительно развинтился. Надо будет с собою что-нибудь сделать. Надо...

T2:

IVANOV — (...) (*Irrita-se ao ver o conde*). Estás sempre a girar à frente dos meus olhos, tio, nem me deixas falar a sós!

SHABELSKY (*com voz chorosa*) — Que diabo, onde quer que seja, estou sempre a mais!

Ergue-se de um salto e vai para casa.

IVANOV (*grita, seguindo-o*) — Então, desculpa, desculpa! (*Para Lvov*). Mas por que razão o ofendi eu? Decididamente, perdi o autodomínio. Tenho de fazer alguma coisa comigo mesmo. Tenho...

Enquanto no original a personagem se amaldiçoa ‘А черт меня возьми’ [figuradamente: Maldito seja eu], é mais frequente em português a referência ao diabo em cenários em que o sujeito se sente mal consigo próprio.

Exemplo n.º 32, Ato I Cena VI (p. 134 do Anexo, p. 63 do Apêndice):

T1:

Боркин (*живо*). (...) Голубчик, Николай Алексеевич, мамуся моя, ангел души моей, вы всё нервничаете, ей-богу, ноете, постоянно в мерлехлюндии, а ведь мы, ей-богу, вместе черт знает каких делов могли бы наделать! Для вас я на все готов... Хотите, я для вас на Марфуше Бабакиной женюсь? Половина приданого ваша... То есть не половина, а всё берите, всё!..

T2:

BORKIN (*com vivacidade*) — (...) Meu caro Nikolai Alekseevich, meu tesouro, anjo da minha alma, está sempre a enervar-se, sempre a lamentar-se, sempre de mau humor, quando juntos podíamos fazer coisas que nem ao Diabo lembram! Estou disposto a tudo por si... Quer que, para seu bem, me case com a Martushka Babakina? Metade do dote é seu... Metade não, fique com tudo. Tudo!..

‘Мамуся’ significa ‘mãezinha’, mas é também uma forma carinhosa na língua arcaica russa de tratar um homem ou uma mulher. Como se trata de um homem, optou-se por chamar-lhe ‘tesouro’.

Exemplo n.º 33, Lista das personagens no início do Ato I (p. 130 do Anexo, p. 59 do Apêndice):

T1: **Егорушка**, нахлебник Лебедевых

T2: Egorushka, papa-jantares dos Lebedev.

A tradução direta de ‘нахлебник’ é ‘parasita’, no entanto, para que o público português entenda melhor de quem se trata esta senhora, traduziu-se como ‘papa-jantares’, para acentuar a ideia de que esta personagem é uma aproveitadora, não apenas um incómodo.

3.3.3 Equivalência

Vinay & Darbelnet defendem que “one and the same situation can be rendered by two texts using completely different stylistic and structural methods. In such cases we are dealing with the method which produces equivalent texts” (Ibid., p. 38), portanto, a equivalência passa pela procura de equivalentes na LC para expressar o que é dito no TP. É geralmente usada com interjeições, onomatopeias ou provérbios que, apesar de serem diferentes em cada língua, transmitem o mesmo significado.

Exemplo n.º 34, Ato I Cena II (p. 134 do Anexo, p. 63 do Apêndice):

T1: **Боркин** (*живо*). (...) Вот память, а?

T2: BORKIN (*com vivacidade*) — (...) Isto é que é uma memória, hem?

Não se tratando de uma palavra, mas sim de uma interjeição, um som, tornou-se necessário encontrar duas expressões que transmitissem a mesma ideia.

Exemplo n.º 35, Ato I Cena I (p. 133 do Anexo, p. 62 do Apêndice):

T1: **Боркин**. (...) Вы думаете, я стану церемониться? Да? Ну нет-с, не на такого напали...

T2: BORKIN — Acha que vou fazer cerimónia? Acha? Bom, não senhor, eu não sou desses...

A expressão original é um idiomatismo que se traduz de grosso modo como ‘atacar a pessoa errada’, no sentido de subestimar o sujeito em questão ou, neste caso, não ser um certo tipo de indivíduo. Estamos perante uma dificuldade textual que apenas pode ser superada recorrendo a uma expressão da LC com significado semelhante.

Exemplo n.º 36, Ato I Cena II (p. 133 do Anexo, p. 62 do Apêndice):

T1: **Боркин**. С вашим Nicolas-voilà еще не так зашагаешь.

T2: BORKIN — Com o seu *Maître* Nicolas não se vai a lado nenhum.

O termo ‘Зашагаешь’ significa ‘pôr-se em marcha’, contudo esta *collocation* ‘с тобой ещё не так зашагаешь’ significa ‘não é assim tão fácil contigo’. Foi necessário recorrer a uma expressão da língua portuguesa que transmita a mesma ideia sem, no entanto, perder a naturalidade e fluidez necessárias para um texto que visa ser dito em palco.

Exemplo n.º 37, Ato I Cena II (p. 135 do Anexo, p. 64 do Apêndice):

T1: **Иванов** (*графу*). Ах, не зуди ты, зуда!

T2: IVANOV (*para o conde*) — Oh, não seja maçador e importuno!

A expressão ‘не зуди ты, зуда’ traduzir-se-ia à letra como ‘não coces a comichão’. Trata-se de um exemplo de aliteração [transcrição: *ne zudi ty, zuda*] e de um jogo de palavras, uma vez que Tchekhov cria aqui significados novos a partir do contexto. Na tradução, optou-se por recorrer à equivalência, que neste caso corresponde a algo como ‘não sejas maçador e importuno’, preservando assim a intenção comunicativa do original.

Exemplo n.º 38, Ato I Cena V (p. 140 do Anexo, p. 69 do Apêndice):

T1: **Шабельский** (*плачущим голосом*). А черт меня возьми, нигде приюта нет!

T2: SHABELSKY (*com voz chorosa*) — Que diabo, onde quer que seja, estou sempre a mais!

A expressão ‘нигде приюта нет’, traduzida à letra significa ‘não há abrigo em lado nenhum’. Uma vez que essa redação não faria sentido na LC foi necessário encontrar um equivalente em português que transmita a mesma ideia de ‘estou sempre a mais em todo o lado’ ou ‘não sou bem-vindo em lado nenhum’. Estamos mais uma vez perante um exemplo de uma passagem de texto em que foi necessário recorrer a mais do que um método dos listados para garantir a qualidade do TC.

Exemplo n.º 39, Ato I Cena VI (p. 160 do Anexo, p. 89 do Apêndice):

T1: **Иванов**. (...) Недостает, чтоб я, старый, мокрый петух, затянул новый роман!

T2: “IVANOV — (...) Só faltava agora a este cavalo velho, começar um novo romance!”

Enquanto no original russo se fala de um ‘velho galo molhado’, em português é mais comum o recurso à expressão ‘cavalo velho’.

Exemplo n.º 40, Ato I Cena VI (p. 134 do Anexo, p. 63 do Apêndice):

T1: **Боркин** (*живо*). (...) Голубчик, Николай Алексеевич, мамуся моя, ангел души моей, вы всё нервничаете, ей-богу, ноете, постоянно в мерехлюндии, а ведь мы, ей-богу, вместе черт знает каких делов могли бы наделать!

T2: BORKIN (*com vivacidade*) — (...) Meu caro Nikolai Alekseevich, meu tesouro, anjo da minha alma, está sempre a enervar-se, sempre a lamentar-se, sempre de mau humor, quando juntos podíamos fazer coisas que nem ao Diabo lembram!

Em russo arcaico, ‘мерехлюндии’ significa triste ou melancólico, por vezes com denotações de mau humor. Como dizer apenas triste ou melancólico não captaria todas as vertentes do termo russo, optou-se por recorrer a um equivalente.

3.3.4 Adaptação

A adaptação é considerada por Vinay & Darbelnet o limite mais extremo da tradução,

(...) it is used in those cases where the type of situation being referred to by the SL message is unknown in the TL culture. In such cases translators have to create a new situation that can be considered as being equivalent. Adaptation can, therefore, be described as a special kind of equivalence, a situational equivalence. (Ibid., p. 39)

Por outras palavras, torna-se necessária quando o evento/conceito/situação referido/a no texto de partida não existe na cultura da LC.

Exemplo n.º 41, Lista das personagens no início do Ato I (p. 130 do Anexo, p. 59 do Apêndice):

T1: Иванов Николай Алексеевич, непременный член по крестьянским делам присутствия

T2: Nikolai Alekseevich Ivanov, membro permanente da Comissão para Assuntos dos Camponeses

A expressão ‘Присутствие по крестьянским делам’ [Comissão para Assuntos dos Camponeses] era uma instituição governamental pré-revolucionária. O termo ‘присутствие’ literalmente significa ‘presença’. Uma vez que não existe em português o conceito retratado no original, foi necessário proceder à adaptação do texto sem alterar a mensagem.

Exemplo n.º 42, Lista das personagens no início do Ato I (p. 130 do Anexo, p. 59 do Apêndice):

T1: Косых Дмитрий Никитич, акцизный

T2: Dmitry Nikitich Kosykh, funcionário dos impostos especiais de consumo

‘Акцизный чиновник’ [lit. *aktsyzny chinovnik*] era o nome que se dava na Rússia czarista aos funcionários fiscais que controlavam a entrada nos cofres do tesouro do imposto de consumo sobre certos produtos como tabaco, vinho e açúcar. A posição não era considerada de prestígio. Na literatura fala-se dela com ironia, sendo os seus representantes considerados pessoas insignificantes, como é aqui o caso. Estamos perante uma dificuldade de carácter cognitivo que resulta numa perda, pois não é possível recriar no TC o sentimento de desdém presente no original.

Exemplo n.º 43, Ato I Cena II (p. 156 do Anexo, p. 85 do Apêndice):

T1: **Лебедев** (*Шабельскому*). (...) Напустил на себя какую-то мизантропию и носится с нею, как дурак с писаною торбой.

T2: LEBEDEV (*Para Shabelsky*) — (...) Envergaste em ti uma misantropia qualquer e andas por aí a alardear coisas sem importância.

A expressão idiomática russa ‘как дурак с писаною торбой’, por não possuir equivalente direto na língua de chegada, exigiu uma reformulação que transmitisse, de forma funcional, a carga expressiva e o sentido subjacente do original.

Exemplo n.º 44, Ato II Cena V (p. 159 do Anexo, p. 88 do Apêndice):

T1: **Боркин**. (...) Фанты, веревочку, горелки, танцы, фейерверки?

T2: BORKIN — (...) Ao jogo das prendas, ao jogo da corda, ao “apanha-me se puderes”?
Querem dançar ou querem fogo de artifício?

Para garantir a correta receção da mensagem na LC, foi necessário proceder a uma adaptação cultural das atividades enumeradas. Além disso, optou-se pela separação da frase em duas, para facilitar a leitura.

Com a realização deste projeto, foi possível um aprofundamento do meu conhecimento sobre as especificidades da tradução para teatro, tendo em conta os inúmeros aspetos que a distinguem de outros tipos de tradução literária, nomeadamente, o facto de que as falas das personagens devem ser de fácil pronúncia e soar naturalmente na língua de chegada (LC), o que é essencial para uma representação convincente.

Este trabalho levou-me, além disso, a aprofundar os meus conhecimentos sobre o autor da obra, um escritor que se tornou incontornável no âmbito da dramaturgia e a explorar alguns dos seus trabalhos mais relevantes, de modo a poder melhor expor, neste relatório, a sua vida e as suas contribuições artísticas. Este trabalho levou-me a conhecer os argumentos que servem de base à sua escrita, bem como às motivações e aos comportamentos das personagens presentes nas suas histórias. Com isto, o conhecimento sobre a sua vida e obra de Tchekhov, bem como o interesse que já pelo autor – que levou aliás à escolha do presente projeto – não só se alargaram, como também tornaram mais forte o desejo de continuar a traduzir obras suas.

Como resultado deste trabalho, é apresentada aqui uma proposta de tradução da peça *Ivanov* para português europeu, sendo de referir que, até à data, não foi publicada em Portugal nenhuma tradução da obra.

A apresentação da metodologia desenvolvida por Vinay & Darbelnet na obra *Comparative Stylistics of French and English. A methodology for translation* foi uma componente crucial deste trabalho. Os exemplos práticos sobre a aplicação desta metodologia na tradução da peça, permitem ao leitor uma compreensão mais profunda do processo tradutivo, ilustrando de forma concreta como os métodos propostos podem ser utilizados em situações reais.

Entre as principais dificuldades enfrentadas na tradução desta peça, há uma que se destaca em particular que tem a ver com o facto de a ação se desenrolar num período histórico bastante distinto do atual. O texto original encontra-se repleto de vocabulário que se tornou obsoleto ao longo do tempo, tendo algum dele caído em desuso, o que representa um desafio adicional para o tradutor, tendo sido, por isso, apresentadas possíveis soluções para ultrapassar estas dificuldades. Em algumas situações, por exemplo, optou-se por manter o vocabulário arcaico para enfatizar no espectador o contexto histórico da narrativa, que se passa na Rússia do século XIX. Noutras, reescreveram-se certas passagens, garantindo que a intenção do original seja preservada, utilizando os métodos de tradução direta e oblíqua mencionados no Capítulo III.

Este capítulo tem uma extrema importância, não só por possibilitar ao leitor a compreensão das escolhas realizadas ao longo de todo o processo tradutivo, como também para mim, enquanto estudante de tradução, para desenvolver o meu pensamento crítico relativamente às minhas próprias escolhas. A redação do Capítulo III resultou num amplo conhecimento adquirido relativamente aos métodos de tradução defendidos por Vinay & Darbelnet, assim como no desenvolvimento de capacidades mais seguras de tomada e justificação de decisões na tradução.

Consideramos que este projeto poderá constituir uma mais-valia para o panorama editorial e teatral português, ao disponibilizar uma versão acessível e atualizada de uma obra central da dramaturgia russa. Além disso, este projeto poderá vir a servir de base para realizações futuras – como encenações teatrais, estudos académicos ou novas edições – e funcionar como exemplo útil para outros tradutores em formação, demonstrando a aplicação prática de teorias tradutológicas a textos literários com forte carga histórica e cultural.

- Bassnett, S. (1985). Ways Through the Labyrinth: Strategies and Methods for Translating Theatre Texts. In Theo Hermans (ed.) *The Manipulation of Literature* (pp. 87-102). Routledge.
- _____ (1991). Translating for the Theatre: The Case Against Performability. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 4 (1), p. 99-111.
- _____ (1998). Still Trapped in the Labyrinth: Further Reflections on Translation and Theatre. In S. Bassnett, & A. Lefevere *Constructing Cultures: Essays On Literary Translation* (pp. 90-108). Multilingual Matters.
- _____ (2014a). *Translation Studies*. Routledge.
- _____ (2014b). *Translation*. Routledge.
- Chudakov, A. (2000). Dr Chekhov: a biographical essay (29 January 1860-15 July 1904). In V. Gottlieb, & P- Allain (Eds.), *The Cambridge Companion to Chekhov* (pp. 3-16). Cambridge University Press.
- Corrigan, R. (1955). Some Aspects of Chekhov's dramaturgy. *Educational Theatre Journal*, 7 (2), pp. 107-114.
- Gottlieb, V., & Allain, P. (Eds.). (2000). *The Cambridge Companion to Chekhov*. Cambridge. University Press.
- Guimarães, M.H. (2004). A Tradução para Teatro. *Polissema Revista de Letras do ISCAP*, 4, pp. 59-70.
- Levý, J. (2011), *The Art of Translation*. Benjamins.
- Marques, Y. (2024). "Autores russos no exílio: Vladimir Nabokov e Joseph Brodsky. Autotradução, receção e tradução intersemiótica" [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. Repositório UM. Retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/91721>
- Muttaleb, F. (2016). Shakespeare's Hamlet and Chekhov's Ivanov and the Type of the Russian Intellectual of the Late 19th Century Russia. *Basic Education College Magazine For Educational and Humanities Sciences*, 27, pp. 50-64. <https://www.iasj.net/iasj?func=fulltext&aId=125864>
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of a Translation*. Prentice Hall.

- _____ (2001). *Approaches to Translation*. Pergamon Press. [1981]
- Pavis, P. (2000). Ivanov: the invention of a negative dramaturgy. In V. Gottlieb, & P- Allain (Eds.), *The Cambridge Companion to Chekhov* (pp. 17-27). Cambridge University Press.
- Polotskaya, E. (2000). Chekhov and his Russia. In V. Gottlieb, & P- Allain (Eds.), *The Cambridge Companion to Chekhov* (pp. 70-79). Cambridge University Press.
- Shakh-Azivova, T. (2000). Chekhov on the Russian stage. In V. Gottlieb, & P- Allain (Eds.), *The Cambridge Companion to Chekhov* (pp. 162-175). Cambridge University Press.
- Tchekhov, A. (1983). Pis'ma [Cartas], 1887-setembro 1888. Disponível em <http://chehov.lit-info.ru/chehov/letters/1887-1888/letter-255.htm>
- _____ (10, 11 ou 12 de outubro 1887a). [Carta de A. Tchekhov a A. Tchekhov]. Disponível <http://chehov-lit.ru/chehov/letters/1887-1888/letter-316.htm>
- _____ (24 de outubro 1887b). [Carta de A. Tchekhov a A. Tchekhov]. Disponível em <http://chehov-lit.ru/chehov/letters/1887-1888/letter-325.htm>
- _____ (4 de novembro 1887c). [Carta de A. Tchekhov a N. Leikin]. Disponível em <http://chehov-lit.ru/chehov/letters/1887-1888/letter-329.htm>
- _____ (13 de março 1898). [Carta de A. Tchekhov a A. Suvorin]. Disponível em <https://bit.ly/3XePHKZ>
- Tchekhov, M. (1964). *Vokrug Tchekhova* [Sobre Tchekhov]. Disponível em https://ru.wikisource.org/wiki/Вокруг_Чехова.
- Vinay, J.-P., & Darbelnet, J. (1995). *Comparative Stylistics of French and English. A methodology for translation*. Benjamins.
- Whyman, R. (2011). *Anton Chekhov*. Routledge.

Apêndice I – Tradução da peça *Ivanov* de Anton Tchekhov

PEÇA DE TEATRO EM QUATRO ATOS

PERSONAGENS

Nikolai Alekseevich Ivanov, membro permanente da Comissão para Assuntos dos Camponeses.

Anna Petrovna, sua esposa, Sara Abramson, em solteira.

Conde Matvey Semenovich Shabelsky, seu tio materno.

Pavel Kirillych Lebedev, presidente do governo da Zemstvo²¹.

Zinaida Savishna, sua esposa.

Sasha, filha de Lebedev, 20 anos de idade.

Yevgeny Konstantinovich Lvov, um jovem médico da Zemstvo.

Marta Egorovna Babakina, jovem viúva, proprietária de terras, filha de um comerciante rico.

Dmitry Nikitich Kosykh, funcionário dos impostos especiais de consumo.

Mikhail Mikhailovich Borkin, parente distante de Ivanov e gerente da sua propriedade.

Avdotya Nazarovna, uma velha com profissão incerta.

Egorushka, papa-jantares dos Lebedev.

Primeiro convidado.

Segundo convidado.

Terceiro convidado.

Quarto convidado.

²¹ NdT: Zemstvo – sistema de administração local introduzido em 1864 por uma das reformas do czar Alexandre II da Rússia. Esta forma de organização autárquica introduziu um sistema de administração local por assuntos como vias de comunicação e trânsito, comércio, assistência médica e educação. Os líderes destes grêmios, muitas vezes oriundos das melhores famílias, eram eleitos por períodos de três anos.

Pyotr, criado de Ivanov.

Gavrila, criado dos Lebedev.

Convidados de ambos os sexos e criados.

A ação decorre num concelho da Rússia central.

ATO I

Jardim na propriedade de Ivanov. À esquerda, a fachada da casa com um terraço. Uma janela está aberta. Em frente ao terraço, existe uma ampla área semicircular de onde partem, em frente e à direita, alamedas para o jardim. Do lado direito, há sofás e mesinhas de jardim. Numa das últimas está aceso um candeeiro. Começa a anoitecer. Quando a cortina sobe, ouve-se um dueto de piano e violoncelo a ser ensaiado na casa.

CENA I

IVANOV e BORKIN

Ivanov está sentado à mesa a ler um livro. Borkin, de botas grandes e carregando uma espingarda, aparece no fundo do jardim; está ligeiramente embriagado; quando vê Ivanov, dirige-se na sua direção na ponta dos pés e, tendo chegado ao pé dele, faz-lhe pontaria à cara.

IVANOV (*ao ver Borkin, estremece e dá um salto*) — Misha, só Deus sabe o que... Assustou-me... Já estou aborrecido e ainda me vem com piadas parvas... (*Senta-se*). Assustou-me e ainda se regozija com isso...

BORKIN (*rindo-se às gargalhadas*) — Vá, vá... desculpe, peço desculpa. (*Senta-se ao seu lado*). Não volto a fazê-lo, prometo... (*Tira o boné*). Que calor. Acredite ou não, meu caro, já percorri mais de dezassete verstás²² em apenas três horas... Estou exausto... Ponha aqui a mão e veja como bate o meu coração...

IVANOV (*lê*) — Está bem, depois.

²² NdT: verstá é uma medida itinerária da Rússia equivalente a 1067 metros.

BORKIN — Não, apalpe agora. (*Pega na mão dele e encosta-a ao seu peito*). Está a ouvir? Tum-tum-tum-tum-tum-tum. Significa que tenho um problema cardíaco. Posso morrer de repente a qualquer momento. Ouça, lamentaria se eu morresse?

IVANOV — Estou a ler... depois...

BORKIN — Não, a sério, lamentaria se eu morresse de repente? Nikolai Alekseevich, lamentaria caso eu morresse?

IVANOV — Deixe-me em paz!

BORKIN — Diga lá, meu caro, teria pena?

IVANOV — Pena tenho que cheire a vodka. É repugnante, Misha.

BORKIN (*ri-se*) — Cheiro mesmo? É espantoso... Pensando bem, não é nada de espantar. Encontrei o juiz de instrução em Plesniki e, tenho de confessar, bebemos oito cálices de vodka cada um. Para dizer a verdade, beber é muito mau. Ouça, é mau, não é? É mau?

IVANOV — Isso é, no mínimo, insuportável... Entenda, Misha, isso é fazer troça...

BORKIN — Ora, ora... Desculpe, peço desculpa! Fique com Deus, fique aí descansado... (*Levanta-se e sai*). Mas que gente extraordinária, nem se lhes pode falar. (*Regressa*). Ah, sim! Quase me ia esquecendo... Queira dar-me oitenta e dois rublos!

IVANOV — Que oitenta e dois rublos?

BORKIN — Há que pagar aos trabalhadores amanhã.

IVANOV — Não tenho.

BORKIN — Muito obrigado! (*Em tom provocador*) Não tenho... Mas há que pagar aos trabalhadores, ou não? É preciso, não?

IVANOV — Não sei. Hoje não tenho nada. Espera até dia 1, quando receber o meu vencimento.

BORKIN — Então fale com essa gente!... Os trabalhadores não vêm buscar o dinheiro no dia 1, mas sim amanhã de manhã!...

IVANOV — Então, que faço eu agora? Vá lá, corte-me, talhe-me aos bocados... Mas que maneira detestável a sua de me incomodar exatamente quando estou a ler, a escrever ou...

BORKIN — Pergunto-lhe: é preciso, ou não, pagar aos trabalhadores? De nada vale falar consigo!... (*Acena com a mão*). Mas que diabo, quem tem terras também é proprietário... Economia racional... Mil hectares de terra e nem um tostão no bolso... Temos uma adega, mas não temos saca-rolhas... Pego e vendo a troika²³ amanhã! Sim, senhor!... Vendi a aveia diretamente do campo e amanhã pego no centeio e vendo-o. (*Dá passos pelo palco*). Acha que vou fazer cerimónia? Acha? Bom, não senhor, eu não sou desses...

CENA II

OS MESMOS, SHABELSKY (*nos bastidores*) e ANNA PETROVNA

A voz de SHABELSKY vinda da janela da casa — É impossível tocar consigo... Tem menos ouvido do que uma carpa recheada e a forma como martela as teclas é escandalosa.

ANNA PETROVNA (*Aparece na janela aberta*) — Quem estava aqui a falar ainda agora? Era você, Misha? Por que anda assim dessa maneira?

BORKIN — Com o seu *Maitre* Nicolas não se vai a lado nenhum.

ANNA PETROVNA — Ouça, Misha, mande trazer feno para o *croquet*.

BORKIN (*acena com a mão*) — Por favor, deixe-me em paz...

ANNA PETROVNA — Diga-me, mas que tom é esse... Esse tom não lhe assenta nada bem. Se quer ser amado pelas mulheres, então nunca se irrite na sua presença e não seja tão rígido... (*Para o marido*). Nikolai, vamos rebolar no feno!...

IVANOV — Anyuta, não é bom para ti ficares junto à janela aberta. Vai-te embora, por favor... (*Grita*). Tio, feche a janela!

A janela é fechada.

BORKIN — Não se esqueça ainda, que daqui a dois dias tem de pagar os juros ao Lebedev.

IVANOV — Eu sei. Vou hoje a casa do Lebedev e peço-lhe que espere... (*Olha para o relógio*).

BORKIN — Quando é que vai lá?

IVANOV — Agora.

²³ NdT: trenó puxado por três cavalos.

BORKIN (*com vivacidade*) — Espere lá, espere lá!... É que hoje parece que é o aniversário da Sashenka... Que diabo... Esqueci-me... Isto é que é uma memória, hem? (*Salta*). Vou lá, vou... (*Canta*). Vou lá... Vou tomar banho, mascar umas folhitas de tabaco, tomar três gotas de amoníaco e fico pronto a tudo recomeçar... Meu caro Nikolai Alekseevich, meu tesouro, anjo da minha alma, está sempre a enervar-se, sempre a lamentar-se, sempre de mau humor, quando juntos podíamos fazer coisas que nem ao Diabo lembram! Estou disposto a tudo por si... Quer que, para seu bem, me case com a Martushka Babakina? Metade do dote é seu... Metade não, fique com tudo. Tudo!..

IVANOV — Não diga disparates...

BORKIN — Não, a sério! Quer que me case com a Martushka? Dividimos o dote... Mas, para que lhe estou eu a dizer isto? Será que entende? (*Provocando-o:*) “Não diga disparates”. O senhor é um bom homem, é inteligente, mas falta-lhe nervo, golpe de asa, entende. Abrir asas assim até deixar tonto o diabo... O senhor é um psicopata, um choramingas; se fosse uma pessoa normal, teria um milhão num ano. Por exemplo, se eu tivesse agora dois mil e trezentos rublos, teria vinte mil dentro de duas semanas. Não acredita? É um disparate, na sua opinião? Não, não é um disparate... Dê-me dois mil e trezentos rublos e dentro de uma semana entrego-lhe vinte mil. Na outra margem, Ovsyanov tem à venda uma faixa de terreno, mesmo aqui à nossa frente, por dois mil e trezentos rublos. Se comprarmos essa faixa, ambas as margens serão nossas. Se ambas as margens forem nossas então, está a entender, temos o direito de represar o rio. Não é verdade? Construiremos um moinho e, assim que anunciarmos que queremos fazer uma represa, todos os que vivem ao longo do rio começarão a protestar, e aí nós diremos: *kommen-ziiir*²⁴, venham cá, se querem que não haja represa, paguem. Está a perceber? A fábrica Zarev dará cinco mil, Korolkov três mil, o mosteiro vai dar cinco mil...

IVANOV — Tudo isso são histórias, Misha... Se não quer discutir comigo, então guarde-as para si.

BORKIN (*senta-se à mesa*) — Claro!... Eu já sabia! Não faz nada e ainda me ata as mãos...

CENA III

²⁴ NdT: Do alemão „kommen Sie hier“ (venham cá).

OS MESMOS, SHABELSKY e LVOV

SHABELSKY (*saindo de casa com Lvov*) — Os médicos são iguais aos advogados, com a única diferença que os advogados só roubam e os médicos roubam e matam... Não me refiro aos presentes. (*Senta-se no sofá*). Charlatães, exploradores. Pode ser que algures numa Arcádia qualquer haja exceções à regra, mas... eu cá na minha vida já gastei vinte mil rublos e não conheci um único médico que não me parecesse um comprovado vigarista.

BORKIN (*para Ivanov*) — Sim, não faz nada e ainda me ata as mãos. Por isso é que não temos dinheiro...

SHABELSKY — Repito, não falo dos presentes. Talvez haja exceções, embora, pensando bem... (*Boceja*).

IVANOV (*fechando o livro*) — Então, Doutor, o que tem para me dizer?

LVOV (*lançando um olhar para a janela*) — A mesma coisa que lhe disse de manhã. Ela tem de ir para a Crimeia sem tardar. (*Anda pelo palco*).

SHABELSKY (*solta uma gargalhada*) — Para a Crimeia!... Misha, afinal de que é que tu e eu não sabemos tratar? É tão simples... Se alguma Madame Angot²⁵ ou Ofélia começar a tossicar ou a tossir de tédio, pega logo num papel e prescreve de acordo com as regras da ciência: primeiro um jovem médico, depois uma viagem à Crimeia, na Crimeia um Tártaro...

IVANOV (*para o conde*) — Oh, não seja maçador e importuno! (*Para Lvov*). Para ir para a Crimeia, é preciso dinheiro. Digamos que eu até arranjo, só que ela recusa-se terminantemente a partir nessa viagem...

LVOV — Sim, ela recusa-se.

Pausa.

BORKIN — Ouça, Doutor, Anna Petrovna está assim tão gravemente doente que seja necessário ir para a Crimeia?

LVOV (*lançando um olhar para a janela*) — Sim, está tísica...

BORKIN — Tss!... Isso não é bom... Eu próprio há bastante tempo que notei pela cara que ela não vai durar muito.

²⁵ NdT: personagem de uma opereta cómica de Alexandre Charles Lecocq.

LVOV — Então... fale baixo... ouve-se dentro de casa...

Pausa.

BORKIN (*suspirando*) — A nossa vida... A vida humana é como uma flor que cresce luxuriante num campo: vem um bode, come-a e já não há flor...

SHABELSKY — É só disparates, disparates e mais disparates... (*Boceja*). Disparates e trapaças.

Pausa.

BORKIN — E eu aqui, cavalheiros, não paro de ensinar Nikolai Alekseevich a ganhar dinheiro. Dei-lhe uma ideia maravilhosa, mas a minha pólvora, como de costume, caiu em terra molhada. Não é possível explicar-lhe... Olhem o ar dele: melancolia, spleen, tédio, desolação, tristeza...

SHABELSKY (*levanta-se e espreguiça-se*) — A todos, tu, cabeça genial, inventas e ensinas a arte de viver, só a mim nunca ensinaste... Ensina-me lá, cabeça inteligente, indica-me uma saída...

BORKIN (*levanta-se*) — Vou tomar banho... Adeus, cavalheiros... (*Para o Conde*). Tem vinte saídas... No seu lugar, dentro de uma semana teria vinte mil. (*Vai-se embora*).

SHABELSKY (*seguindo-o*) — Como é que é isso? Vá lá, ensina-me.

BORKIN — Não há nada a ensinar aqui. É muito simples... (*Regressa*). Nikolai Alekseevich, dê-me um rublo!

Ivanov silenciosamente dá-lhe o dinheiro.

BORKIN — Merci²⁶! (*para o Conde*) Ainda tem muitos trunfos nas mãos.

SHABELSKY (*seguindo-o*) — Pois bem, quais?

BORKIN — No seu lugar, numa semana eu teria trinta mil rublos, se não mais. (*Sai com o conde*).

IVANOV (*após uma pausa*) — Gente inútil, palavras inúteis, necessidade de responder a perguntas tolas - tudo isto, doutor, me extenuou a ponto de adoecer. Tornei-me irritável, irascível, brusco, mesquinho, ao ponto de não me reconhecer a mim próprio. Durante dias

²⁶ NdT: em francês, no original.

inteiros tenho dores de cabeça, insónias, ouço zumbidos... Mas definitivamente não há para onde fugir... Não há...

LVOV — Nikolai Alekseevich, preciso de ter uma conversa séria consigo.

IVANOV — Fale.

LVOV — É sobre Anna Petrovna. (*Senta-se*). Ela não aceita ir para a Crimeia, mas consigo iria.

IVANOV (*após refletir*) — Para irmos juntos, é preciso dinheiro. Além disso, não me dariam férias prolongadas. Já tirei férias uma vez este ano...

LVOV — Vamos admitir que isso é verdade. Continuemos. O melhor remédio para uma tísica é repouso absoluto, ora a sua esposa não tem um minuto de sossego. A sua relação com ela preocupa-a constantemente. Desculpe, estou emocionado e vou ser direto. O seu comportamento está a matá-la.

Pausa.

Nikolai Alekseevich, permita-me pensar melhor de si!...

IVANOV — É tudo verdade, é verdade... Provavelmente sou terrivelmente culpado, mas os meus pensamentos estão confusos, a minha alma está paralisada por uma certa preguiça e não consigo compreender-me a mim próprio. Não compreendo nem as pessoas, nem a mim próprio... (*Olha para a janela*). Podem ouvir-nos, vamos dar um passeio. (*Levantam-se*). Eu, caro amigo, contar-lhe-ia tudo desde o início, mas a história é longa e tão complicada que não se consegue contar numa noite. (*Caminham*). A Anyuta é uma mulher admirável, extraordinária... Mudou de religião por mim, abandonou o pai e a mãe, renunciou à riqueza e, se eu exigisse mais uma centena de sacrifícios, ela tê-los-ia feito sem pestanejar. Já eu, em nada sou notável e nada sacrifiquei. De resto, isso é uma longa história... A questão, caro doutor, (*hesita*) é que... em suma, casei-me em resultado de um amor apaixonado e jurei amá-la para sempre, mas... passaram cinco anos, ela ainda me ama e eu... (*Abre as mãos num gesto de impotência*). Diz-me que ela vai morrer em breve, mas eu não sinto nem amor, nem pena, apenas uma espécie de vazio, um cansaço. Para quem olhar para mim de fora, isto deve parecer terrível; mas nem eu percebo o que se passa com a minha alma...

Afastam-se pela alameda.

CENA IV

SHABELSKY *e depois* ANNA PETROVNA

SHABELSKY (*entra rindo às gargalhadas*) — Palavra de honra que ele não é um vigarista, mas sim um pensador, um virtuoso! É preciso erguer-lhe um monumento. Em si, ele combina a peçonha moderna em todas as suas formas: Ele é advogado, médico, negociante e tesoureiro. (*Senta-se no degrau mais baixo do terraço*). E o mais espantoso é que, ao que parece, nunca terminou curso nenhum... Mas que canalha brilhante ele seria se tivesse ainda adquirido cultura e aprendido humanidades! “O senhor”, diz ele, “numa semana pode ficar com vinte mil rublos. E ainda tem”, diz, “um trunfo nas mãos, o seu título de conde. (*Ri-se às gargalhadas*). Qualquer rapariga com dote casaria consigo...” (*Anna Petrovna abre a janela e olha para baixo*). “Quer que eu peça a mão da Martushka por si?”, diz ele. Qui est ce que c'est²⁷, Martushka? Ah, é aquela, a Babaca...ou Bacoca... A que parece uma lavadeira.

ANNA PETROVNA — É o senhor, Conde?

SHABELSKY — O que foi?

Anna Petrovna ri-se.

SHABELSKY (*imitando o sotaque iídiche*) — De que si rri?

ANNA PETROVNA — Lembrei-me de uma frase sua. Lembra-se do que disse ao almoço? Um ladrão perdoado, um cavalo... Como é que é?

SHABELSKY — Um judeu batizado, um ladrão perdoado, um cavalo curado, o preço é o mesmo.

ANNA PETROVNA (*ri-se*) — O senhor nem sequer um simples trocadilho é capaz de dizer sem mostrar raiva. O senhor é um homem mau. Falando seriamente, Conde, o senhor é muito mau. Viver consigo é enfadonho e assustador. Está sempre a queixar-se, a resmungar, todos para si são uns canalhas e uns patifes. Conde, diga-me com franqueza: alguma vez falou bem de alguém?

SHABELSKY — Mas que exame vem a ser este?

²⁷ Em francês no original.

ANNA PETROVNA — Vivemos debaixo do mesmo teto há já cinco anos e nunca o ouvi falar calmamente das pessoas, sem rancor e sem se rir. O que é que as pessoas lhe fizeram? E acha mesmo que é melhor que os outros?

SHABELSKY — Não penso nada disso. Sou um canalha, um porco com quipá como toda a gente. Sou um *mauvais ton*, um mal-educado, uma bota velha. Eu próprio estou sempre a ralhar comigo. Quem sou eu? O que sou eu? Era rico, livre, um pouco feliz e agora... sou um parasita, um papa-jantares, um palhaço sem cara. Fico indignado, mostro desprezo e, em resposta, eles riem-se; eu rio-me, eles acenam com a cabeça tristemente e dizem: o velho enlouqueceu... E, na maioria das vezes, não me ouvem nem reparam em mim...

ANNA PETROVNA (*calmamente*) — Está outra vez a gritar...

SHABELSKY — Quem é que está a gritar?

ANNA PETROVNA — A coruja. Grita todas as noites.

SHABELSKY — Deixe-a gritar. Pior do que está não pode ficar. (*Espreguiça-se*). Oh, minha querida Sarah, ganhasse eu cem ou duzentos mil rublos, mostrar-lhe-ia onde hibernam os lagostins!... Pudera a senhora ver-me. Sairia deste buraco, do pão da ociosidade e não poria aqui os pés até ao Juízo Final...

ANNA PETROVNA — E que faria se ganhasse?

SHABELSKY (*depois de pensar*) — Antes de mais, iria a Moscovo e ouviria os ciganos. Depois... Depois, daria um salto a Paris. Alugaria lá um apartamento e iria à igreja russa.

ANNA PETROVNA — E que mais?

SHABELSKY — Passaria os dias sentado junto à campa da minha mulher a pensar. E assim ficaria sentado junto à campa até morrer. A minha mulher está enterrada em Paris...

Pausa.

ANNA PETROVNA — Mas que enfadonho. Vamos tocar mais um dueto?

SHABELSKY — Muito bem, prepare as pautas.

CENA V

IVANOV (*aparece na alameda com Lvov*) — Você, meu caro amigo, só acabou o curso no ano passado, ainda é jovem e alegre, enquanto eu já tenho trinta e cinco anos. Tenho o direito de o aconselhar. Não se case com judias, psicopatas ou pedantes, escolha antes algo de vulgar, cinzento, sem cores vivas, sem sons desnecessários. Em suma, construa toda a sua vida segundo os padrões habituais. Quanto mais o tom de fundo for cinzento e monótono, melhor. Meu caro amigo, não lute sozinho contra milhares, não lute contra moinhos de vento, não bata com a cabeça nas paredes... Que Deus o proteja de todo o tipo de explorações agrícolas racionais, escolas especiais, discursos inflamados... Feche-se na sua concha e leve a cabo a pequena missão que Deus lhe deu... É mais confortável, mais honesto e mais saudável. Mas a vida que tenho levado é tão enfadonha! Ai que enfadonha!... Quantos erros, injustiças e disparates... (*Irrita-se ao ver o conde*). Estás sempre a girar à frente dos meus olhos, tio, nem me deixas falar a sós!

SHABELSKY (*com voz chorosa*) — Que diabo, onde quer que seja, estou sempre a mais!

Ergue-se de um salto e vai para casa.

IVANOV (*grita, seguindo-o*) — Então, desculpa, desculpa! (*Para Lvov*). Mas por que razão o ofendi eu? Decididamente, perdi o autodomínio. Tenho de fazer alguma coisa comigo mesmo. Tenho...

LVOV (*agitado*) — Nikolai Alekseevich, ouvi-o com atenção e... e, desculpe-me, mas vou falar francamente e sem rodeios. Na sua voz, na sua entoação, já para não falar das suas palavras, há tanto egoísmo sem alma, tanta insensibilidade fria... uma pessoa próxima de si está a morrer exatamente porque lhe é próxima, os seus dias estão contados, e o senhor... é capaz de não a amar, de passear, de dar conselhos, de se exhibir com ostentação... Não sei como lho dizer, não tenho o dom da palavra, mas... mas o senhor é-me profundamente antipático!...

IVANOV — Talvez, talvez... O senhor de fora vê melhor. É muito possível que me entenda... Eu sou provavelmente muito, muito culpado... (*Põe-se à escuta*). Parece que os cavalos já chegaram. Vou vestir-me... (*Dirige-se para a casa e pára*). Não gosta de mim, Doutor, e não o esconde. Isso honra o seu coração... (*Vai para casa*).

LVOV (*sozinho*) — Maldito caráter... Perdi outra vez a oportunidade e não falei com ele como deve ser... Não consigo falar com ele a sangue-frio! Mal abro a boca e digo uma palavra,

logo aqui... (*apontando para o peito*) começa a apertar, a dar voltas e a minha língua cola-se à garganta. Odeio este Tartufo, este vigarista arrogante, com toda a minha alma... E lá vai ele... Para a infeliz esposa toda a felicidade está em tê-lo perto de si, ele é o ar que ela respira, ela implora-lhe que passe com ela pelo menos uma noite e ele... Ele não é capaz... Ele sente-se apertado e a abafar em casa, como se vê. Se ele passa uma noite em casa, de tédio, ainda enfia uma bala na cabeça. Pobre homem... precisa de espaço para começar uma nova maldade... Oh, eu sei bem por que vais a casa desses Lebedev todas as noites! Sei, sei!

CENA VI

LVOV, IVANOV (*de chapéu e casaco*), SHABELSKY e ANNA PETROVNA

SHABELSKY (*saindo de casa com Ivanov e Anna Petrovna*) — Enfim, Nicolas²⁸, isto é desumano!... Sais todas as noites e nós ficamos aqui sozinhos. O tédio é tanto que às oito horas já vamos para a cama. Isto não é vida, é sim uma desgraça! E por que podes tu ir e nós não? Porquê?

ANNA PETROVNA — Conde, deixe-o em paz! Que vá, que vá...

IVANOV (*para a esposa*) — Mas onde podes tu ir assim doente? Estás enferma e, por isso, não deves expôr-te ao ar depois do pôr do sol... pergunta aqui ao médico. Tu não és nenhuma criança, Anyuta, tens de ser razoável... (*Para o Conde*). E tu, por que tens de ir lá?

SHABELSKY — Estou pronto a ir para o inferno, a lançar-me na boca de um crocodilo, só para não ficar aqui. Estou aborrecido! Sinto-me embrutecer de tanto tédio! Estão todos fartos de mim. Deixas-me em casa para que ela não se aborreça sozinha e eu só a exaspero!

ANNA PETROVNA — Deixe-o, Conde, deixe-o em paz! Que vá se ele lá se diverte.

IVANOV — Anna, por que me falas nesse tom? Sabes bem que não vou lá pela diversão! Preciso de falar sobre a nota promissória.

ANNA PETROVNA — Não percebo, por que tentas justificar-te? Vai lá! Quem é que te está a prender?

²⁸ NdT: deve pronunciar-se como em francês.

IVANOV — Meus amigos, não nos vamos comer uns aos outros! Será que isto é mesmo necessário?!

SHABELSKY (*com voz chorosa*) — Nicolas, meu caro, peço-te, leva-me contigo! Vou lá ver vigaristas e imbecis e talvez me divirta até um pouco. Afinal de contas, não vou a lado nenhum desde a Páscoa!

IVANOV (*irritado*) — Muito bem, vamos embora! Estou tão farto de vocês todos!

SHABELSKY — Sim? Então, *merci, merci...* (*Agarra-o alegremente pelo braço e puxa-o para o lado*). Posso usar o teu chapéu de palha?

IVANOV — Podes, mas despacha-te, por favor!

O Conde corre para dentro de casa.

IVANOV — Como estou cansado de todos vocês! Meu Deus, mas que estou eu a dizer? Anyuta, estou a falar-te num tom impossível. Isto nunca me aconteceu antes. Bom, adeus, Anyuta, voltarei à uma.

ANNA PETROVNA — Kolya, meu querido, fica em casa!

IVANOV (*agitado*) — Minha amada, minha desditosa amiga, peço-te que não me impeças de sair de casa à noite. É cruel e injusto da minha parte, mas deixa-me cometer esta injustiça! É tremendamente penoso para mim estar em casa! Logo que o sol se esconde, a minha alma começa a ser oprimida pelo tédio. Que anseio! Não me perguntes porquê. Eu próprio não sei. Juro que não sei! Aqui reina o tédio, mas vai-se aos Lebedev e lá é ainda pior; volto para casa e sou aqui outra vez tomado pela melancolia e assim é pela noite fora... É um verdadeiro desespero!...

ANNA PETROVNA — Kolya... então por que não ficas em casa? Falaríamos como dantes... jantaríamos juntos, leríamos... Eu e o resmungão aprendemos muitos duetos para ti... (*Abraça-o*). Fica!... (*Pausa*). Não te entendo. Isto já dura há um ano inteiro. Por que mudaste?

IVANOV — Não sei, não sei...

ANNA PETROVNA — E por que razão não queres que eu saia contigo à noite?

IVANOV — Se precisas mesmo de saber, eu digo-te. É um pouco cruel dizer isto, mas é melhor dizê-lo... Quando o tédio me atormenta, eu... começo a não gostar de ti. Nesses momentos, também estou a fugir de ti. Em suma, preciso de sair de casa.

ANNA PETROVNA — Tédio? Compreendo, compreendo... Sabes que mais, Kolya? Tenta, como dantes, cantar, rir, zangar-te... Fica, vamos rir, beber licor e logo esse tédio se dissipará. Queres que eu cante? Ou vamos sentar-nos no teu gabinete, às escuras, como dantes, e tu falas-me desse tédio... Tens uns olhos tão sofridos! Mergulharei neles, chorarei e logo ambos nos sentiremos mais aliviados... (*Ri-se e chora*). A menos que seja verdade, Kolya... que as flores renascem todas as primaveras, mas a alegria não? É isso? Bom, vai-te embora, vai...

IVANOV. Pede a Deus por mim, Anyuta! (*Caminha e detém-se a pensar*). Não, não posso!

Sai.

ANNA PETROVNA. Vai lá embora... (*Senta-se à mesa*).

LVOV (*andando pelo palco*). Anna Petrovna, tome como regra: assim que baterem as seis horas, deve retirar-se para os seus aposentos e não sair de lá até de manhã. A humidade da noite faz-lhe mal.

ANNA PETROVNA — Às suas ordens.

LVOV — Mas qual “às suas ordens”!? Estou a falar a sério.

ANNA PETROVNA — Mas eu cá não quero ser séria. (*Tosse*).

LVOV — Está a ver, já está a tossir...

CENA VII

LVOV, ANNA PETROVNA e SHABELSKY

SHABELSKY (*saindo de casa de chapéu e casaco*) — Onde está o Nikolai? Já trouxeram os cavalos? (*Caminha rapidamente e beija a mão de Anna Petrovna*). Boa noite, meu encanto! (*Faz uma careta e imita o sotaque iídiche*). Que trrapalhada! Descülpem, por favorr! (*Sai rapidamente*).

LVOV — Que bobo!

Pausa; ouvem-se os sons distantes de uma harmónica.

ANNA PETROVNA — Que tédio!... Os cocheiros e as cozinheiras estão para ali a bailar e eu... estou para aqui como uma abandonada... Yevgeny Konstantinovich, por onde anda? Venha cá, sente-se!...

LVOV — Não me posso sentar.

Pausa.

ANNA PETROVNA — Estão a tocar o “Tentilhão” na cozinha. (*Canta*). “Tentilhão, tentilhão, onde andastes tu a voar? Na ladeira andei, vodka a bebericar”.

Pausa.

Doutor, tem pai e mãe?

LVOV — O meu pai já morreu, mas mãe ainda tenho.

ANNA PETROVNA — Tem saudades da sua mãe?

LVOV — Não tenho tempo para saudades.

ANNA PETROVNA (*ri-se*) — As flores renascem todas as primaveras, mas a alegria não. Quem é que me disse esta frase? Deus me dê memória... Parece que foi o próprio Nikolai que a disse. (*Põe-se à escuta*). A coruja está outra vez a gritar!

LVOV — Pois deixe-a gritar.

ANNA PETROVNA — Sabe, doutor, começo a pensar que o destino me enganou. Muitas pessoas que talvez não sejam melhores do que eu são felizes e nada pagam pela sua felicidade. Já eu paguei por tudo, por absolutamente tudo!... E bem caro! Por que razão me cobram juros tão pesados? Meu amigo, tem tanto cuidado comigo, é tão delicado, tem medo de dizer a verdade, pensa que eu não sei que doença tenho? Sei perfeitamente. No entanto, é um aborrecimento falar disso... (*Com sotaque iídiche*). Desculpe, por favorr. Sabe contar anedotas engraçadas?

LVOV — Não, não sei.

ANNA PETROVNA — O Nikolai sabe. E começo também a espantar-me com a injustiça das pessoas. Por que razão não respondem ao amor com amor e pagam a verdade com mentiras? Diga-me: até quando é que o meu pai e a minha mãe me vão odiar? Vivem a cinquenta verstás de distância, e eu sinto o seu ódio dia e noite, mesmo durante o sono. E como quer que eu compreenda o anseio do Nikolai? Ele diz que não me ama, quando chega a noite,

quando é oprimido pela angústia. Eu compreendo isso e admito-o, mas imagine que ele deixava de me amar completamente! Claro que isso é impossível, mas e se acontecesse? Não, não, sobre isso nem sequer vale a pena pensar. (*Canta*). "Tentilhão, tentilhão, onde andastes tu a voar?..." (*Estremece*). Mas que pensamentos terríveis eu tenho!... Doutor, o senhor não tem família e há muita coisa que não consegue perceber...

LVOV — Está surpreendida... (*Senta-se ao seu lado*). Não, eu... Estou surpreendido consigo, a senhora surpreende-me! Bom, explique-me lá como é que a senhora, sendo inteligente, honesta e quase uma santa, se deixou enganar de forma tão descarada e arrastar para este ninho de corujas? Por que razão está aqui? O que tem a senhora em comum com esse homem frio e sem alma... Mas deixemos o seu marido! Que tem a senhora em comum com este ambiente vazio e vulgar? Oh, meu Deus!... E esse conde eternamente resmungão, enferrujado, louco e esse rabugento do Misha, vigarista dos vigaristas, com a sua fronha abominável... Explique-me para que está aqui? Como veio aqui parar?...

ANNA PETROVNA (*ri-se*) — Era exatamente isso que ele costumava dizer... Sem tirar nem pôr... Mas os olhos dele são maiores e, às vezes, quando ele começa a falar de alguma coisa de forma inflamada, eles são assim como brasas... Fale, fale!...

LVOV (*levanta-se e faz um gesto com a mão*) — Que hei de eu dizer? Vá para os seus aposentos...

ANNA PETROVNA — Diz que o Nikolai é este, aquele e aqueloutro. Como é que o conhece? É possível conhecer uma pessoa em seis meses? Ele é um homem admirável, doutor, e lamento que não o tenha conhecido há dois ou três anos. Ele agora anda melancólico, calado, não faz nada, mas dantes... Que encanto ele era!... Apaixonei-me por ele à primeira vista. (*Ri-se*). Olhei e catrapus, caí na ratoeira! Ele disse: vamos embora... E eu cortei todos os laços, sabe, como quem corta folhas secas com uma tesoura, e segui-o... (*Pausa*). Mas agora não é assim... Agora ele vai a casa dos Lebedev para se divertir com outras mulheres e eu... Estou sentada no jardim a ouvir uma coruja a gritar... (*Ouve-se o toque do guarda da noite*). Doutor, não tem irmãos?

LVOV — Não.

Anna Petrovna começa, de repente, a chorar.

LVOV — Então, que é isso? O que se passa consigo?

ANNA PETROVNA (*levanta-se*) — Não posso, doutor, tenho de lá ir...

LVOV — Aonde?

ANNA PETROVNA — Aonde ele está... Vou lá... Mande preparar os cavalos.

Corre para dentro de casa.

LVOV — Não, recuso-me terminantemente a tratar de si nestas condições! Não só não me pagam um cêntimo, como ainda me viram a alma de pernas para o ar!... Não, recuso-me! Chega!...

Entra em casa.

A cortina cai.

ATO II

O salão da casa dos Lebedev; acesso direto ao jardim: portas à direita e à esquerda. Mobiliário antigo e caro. O lustre, o candelabro e os quadros estão todos cobertos por panos.

CENA I

ZINAIDA SAVISHNA, KOSYKH, AVDOTYA NAZAROVNA, EGORUSHKA, GAVRILA, A COPEIRA,
VELHAS SENHORAS, CONVIDADOS, JOVENS DAMAS, BABAKINA

Zinaida Savishna está sentada no sofá. De ambos os lados, sentadas em poltronas, velhas senhoras convidadas; os mais jovens estão sentados em cadeiras. Ao fundo, perto da saída para o jardim, estão a jogar às cartas; entre os jogadores: Kosykh, Avdotya Nazarovna e Egorushka. Gavrila está de pé junto à porta da direita; a criada está a servir doces e petiscos num tabuleiro. Os convidados caminham do jardim para a porta à direita e vice-versa durante todo o Ato II. Babakina entra pela porta à direita e dirige-se a Zinaida Savishna.

ZINAIDA SAVISHNA (*Alegremente*) – Querida Marta Egorovna...

BABAKINA – Olá, zinaida savishna! Tenho a honra de a felicitar pelo seu recém-nascido... (*Beijando-a*). Deus permita que...

ZINAIDA SAVISHNA – Obrigada, minha querida, estou muito contente... Como vai a sua saúde?...

BABAKINA – Estou-lhe muito grata. (*Senta-se ao seu lado no sofá*). Olá, jovens!...

Os convidados levantam-se e fazem uma vénia.

PRIMEIRO CONVIDADO (*Rindo-se*) – Jovens... E a senhora porventura é velha?

BABAKINA (*Suspirando*) – Como nos podemos nós incluir entre os jovens?

PRIMEIRO CONVIDADO (*Rindo respeitosamente*) – Por amor de Deus... O único título é que é viúva, de resto pode dar dez pontos de vantagem a qualquer rapariga.

Gavrila traz chá a Babakina.

ZINAIDA SAVISHNA (*Para Gavrila*) – Então, é assim que se serve? Devias ter trazido uma geleia. De groselha, por exemplo...

BABAKINA – Não se preocupe, muito obrigada.

Pausa.

PRIMEIRO CONVIDADO – Veio por Mushkino, Marta Egorovna?

BABAKINA – Não, por Zaimyshche. A estrada é melhor.

PRIMEIRO CONVIDADO – Sem dúvida.

KOSYKH – Dois de espadas.

EGORUSHKA – Passo.

AVDOTYA NAZAROVNA – Passo.

SEGUNDO CONVIDADO – Passo.

BABAKINA – O valor das obrigações, querida Zinaida Savishna, voltou a subir em flecha. Já viu? No caso: Os títulos do primeiro empréstimo já valem duzentos e setenta e os do segundo quase duzentos e cinquenta... Isto nunca aconteceu...

ZINAIDA SAVISHNA (*Suspira*) – É bom para quem tem muitos...

BABAKINA – Não diga isso, querida. Mesmo que estejam a um ótimo preço, não é rentável manter neles o capital. Só o prémio do seguro chega para tornar a nossa vida impossível.

ZINAIDA SAVISHNA – É verdade, mas mesmo assim, minha querida, há que ter esperança...
(*Suspira*). Deus é misericordioso...

TERCEIRO CONVIDADO – Do meu ponto de vista, mesdames, penso que, neste momento, é muito pouco rentável ter capital. Os títulos com juros rendem dividendos extremamente baixos, além disso investir dinheiro é extremamente perigoso. A meu ver, mesdames, uma pessoa que tenha capital nos tempos que correm está numa posição bem mais crítica do que aquela, mesdames, que...

BABAKINA (*Suspira*) – É isso mesmo!

(*O primeiro convidado boceja*).

E pode-se bocejar assim à frente de senhoras?

PRIMEIRO CONVIDADO – Perdão, mesdames, fui eu sem querer.

Zinaida Savishna levanta-se e sai pela porta da direita; faz-se um longo silêncio.

EGORUSHKA – Dois de ouros.

AVDOTYA NAZAROVNA – Passo.

SEGUNDO CONVIDADO – Passo.

KOSYKH – Passo.

BABAKINA (*À parte*) – Meu Deus, que tédio, de morrer!

CENA II

Os mesmos, ZINAIDA SAVISHNA e LEBEDEV

ZINAIDA SAVICHINA – (*Saindo da porta à direita com Lebedev, em voz baixa*). Porque te sentaste aí? Não sejas prima-dona! Senta-te com os convidados! (*Retoma o seu lugar*).

LEBEDEV (*Bocejando*) – Mas que mal fiz eu a Deus? (*Vendo Babakina*). Meu Deus, está ali a minha doçura! A minha delícia turca!... (*Cumprimenta-a*). Como está, joia?..

BABAKINA – Estou-lhe muito grata.

LEBEDEV – Graças a Deus!... Graças a Deus! (*Senta-se numa poltrona*). Chegue aqui, chegue aqui... Gavril!

Gavril traz-lhe um cálice de vodka e um copo de água; ele bebe a vodka e lava-a com água.

PRIMEIRO CONVIDADO – Saúde!...

LEBEDEV – Mas que vem para aqui fazer a saúde! Já muito bom é não andar por aí a morte! (*Para a mulher*). Zyzyushka, onde está a nossa recém-nascida?

KOSYKH (Choramando) – Ora digam-me lá, porque ficamos sem a vaza? (*Levanta-se de um salto*). Mas por que raio é que perdemos?

AVDOTYA NAZAROVNA (*Levanta-se bruscamente e em cólera*) – Porque, meu caro, se não sabes jogar, então não te sentas. Mas que direito tens tu de liderar o jogo com o naipe do teu opositor! Daí teres ficado com um ás em conserva!...

Os dois correm para a frente, vindos detrás da mesa.

KOSYKH (*Com voz chorosa*) – Permitam-me, senhores... De ouros, eu tenho: o ás, o rei, a dama, todas as restantes oito cartas, um ás de espadas e só uma carta pequena de copas e ela, sabe-se lá porquê, não podia declarar um pequeno cheleme!... Eu disse sem trunfo...

AVDOTYA NAZAROVNA (*Interrompendo*) – Fui eu quem disse sem trunfo! Tu disseste dois sem trunfo...

KOSYKH – Isto é escandaloso!... Permitam-me... Você tem... Eu tenho... Você... (*Para Lebedev*). Sim, julgue por si próprio, Pavel Kirillych... De ouros, eu tenho o ás, o rei, a dama e todas as restantes oito cartas...

LEBEDEV (*Cerrando os ouvidos*) – Deixa-me em paz, por favor... Deixa-me em paz...

AVDOTYA NAZAROVNA (*Gritando*) – Eu disse sem trunfo!

KOSYKH (*Com fúria*) – Que eu seja um canalha excomungado, se voltar a sentar-me a jogar com esta solha! (*Sai rapidamente para o jardim*).

O segundo convidado sai atrás dele, Egorushka permanece à mesa.

AVDOTYA NAZAROVNA – Ufa!... Até me pôs a arder... Solha... Tu é que és uma solha!

BABAKINA – Sim, mas a avó também está zangada...

AVDOTYA NAZAROVNA (*Vendo Babakina, estende-lhe as mãos*) – A minha Yasochka, meu encanto, minha beleza!... Está aqui e eu, galinha cega, nem vejo... Minha querida!..

(*Beija-a no ombro e senta-se ao lado dela*).

Eis a alegria! Deixa-me olhar para ti, cisne branco! Deixa bater três vezes na madeira... para afastar o mau-olhado!..

LEBEDEV – Pára de cantar... Era melhor que lhe encontrasses um noivo...

AVDOTYA NAZAROVNA – E hei de encontrar! Pecadora que sou, não hei de morrer sem as dar em casamento, a ela e à Sashenka!... Não hei de morrer (*Suspira*). Mas onde é que se encontram hoje noivos? Olha para eles, para os nossos noivos, ali sentados e macambúzios como galos molhados!...

TERCEIRO CONVIDADO – É uma comparação muito infeliz. Do meu ponto de vista, mesdames²⁹, se os jovens de hoje preferem uma vida de solteiro, a culpa é das condições sociais, por assim dizer...

LEBEDEV – Ora, ora!... Não filosofes!... Não gosto!...

CENA III

Os mesmos e SASHA

SASHA (*Entra e dirige-se ao pai*) – O tempo está magnífico e os senhores aqui sentados neste ambiente abafado.

ZINAIDA SAVICHINA – Sashenka, será que ainda não reparaste que temos cá Marta Egorovna?

SASHA – Peço desculpa. (*Dirige-se a Babakina e cumprimenta-a*).

BABAKINA – Está uma senhora, Sashenka. Nem uma vez me veio visitar. (*Beijando-a*). Parabéns, minha querida...

SASHA – Obrigada. (*Senta-se ao lado do pai*).

²⁹ Em francês no original.

LEBEDEV – Sim, Avdotya Nazarovna, agora não é nada fácil no que toca a noivos. E já nem falo dos noivos, agora nem há onde arranjar padrinhos. Sem ofensa, mas a juventude de hoje em dia, Santo Deus, é a modos que azeda, sem frescura... Nem se dança, nem se fala, nem se bebe como deve ser...

AVDOTYA NAZAROVNA – Bem, todos eles são mestres a beber, é só dar-lhes...

LEBEDEV – Beber não é nada de mais, até um cavalo sabe beber... Não, há que beber como deve ser!... No nosso tempo, passava-se o dia inteiro nas aulas e, assim que chegava a noite, ia-se logo para um lugar qualquer com luz e ali se rodopiava como um pião até de madrugada... e dançava-se, e entretinha-se as raparigas, e tudo mais. (*Dá uma pequena palmada no seu próprio pescoço*). Às vezes, contava-se piadas e filosofava-se, enquanto não se esgotava a língua. Mas a de agora... (*Acena com a mão*). Não percebo... Nem é peixe, nem é carne. Em todo o concelho, só há um sujeito que vale a pena, mas esse é casado... (*Suspira*). E, ao que parece, já começa a encher-se...

BABAKINA – Quem é?

LEBEDEV – Nikolai Ivanov.

BABAKINA – Sim, é um bom homem de bem... (*Faz um trejeito*). Mas infeliz!...

ZINAIDA SAVICHINA – Como é que quer que ele seja feliz, minha querida! (*Suspira*). Como ele se enganou, coitado!... Casou com a sua judiazinha à espera de que os pais dela lhe dessem montanhas de ouro, mas aconteceu exatamente o contrário, coitado... Desde que ela mudou de religião, o pai e a mãe não querem saber dela e amaldiçoaram-na... Por isso, ele não recebeu nem um cêntimo. Agora arrepende-se, mas já é tarde...

SASHA – Mãe, isso não é verdade.

BABAKINA – Sachenka, como que não é verdade? Toda a gente o sabe. Se não houvesse interesse, por que se casaria ele então com uma judia? Será que falta russas? Ele enganou-se, minha querida, enganou-se... (*Vivamente*). Meu Deus, e agora ela está a pagar por isso! É de morrer a rir. Agora quando ele chega a casa de algum lado, logo ali lhe começa a dizer: "O teu pai e a tua mãe enganaram-me! Sai da minha casa para fora!" E para onde vai ela? O pai e a mãe não a aceitariam de volta; poderia ir para criada de quarto, mas não está habituada a trabalhar... E ele não a larga enquanto o conde chega em sua defesa. Se não fosse o conde, há muito que ele lhe teria feito a vida impossível.

AVDOTYA NAZAROVNA – E depois, às vezes, ele tranca-a na cave e - "come alho, sua essa e sua aquela"... E ela come, come, até não poder mais.

Risos.

SASHA – Pai, isto é tudo mentira!

LEBEDEV – E então? Deixa-as para lá dizer disparates à vontade... (*Grita*). Gavril!

Gavril serve-lhe vodka e água.

ZINAIDA SAVICHINA – Por isso é que ele foi à falência, coitado. Os negócios caíram todos por terra, minha querida... Se não fosse o Borkin a olhar pela propriedade, ele e a sua judia não teriam nada para comer. (*Suspira*). E como sofremos nós por causa dele, minha querida!... Só Deus sabe o que nós sofremos! Acredite, meu encanto, que já lá vão há três anos que ele nos deve nove mil rublos!

BABAKINA (*Horrorizada*) – Nove mil!...

ZINAIDA SAVICHINA – Sim... Foi o meu querido Pavel que decidiu emprestar-lhe. Ele não sabe distinguir a quem dar e a quem não dar. Já não falo do capital, isso é o menos, desde que ele pagasse os juros regularmente!...

SASHA (*Vivamente*) – Mãe, já disse isso mil vezes!

ZINAIDA SAVICHINA – E que tens tu a ver com isso? Por que estás tu a defendê-lo?

SASHA (*Levanta-se*) – Mas como é que tem a coragem de dizer tudo isso de um homem que não lhe fez mal nenhum? Mas, o que é que ele lhe fez?

TERCEIRO CONVIDADO – Alexandra Pavlovna, deixe-me dizer duas palavras! Eu tenho estima por Nikolai Alekseevich e sempre o tive em consideração, mas, falando entre nous, ele parece-me um aventureiro.

SASHA – Ah é? Os meus parabéns, se pensa assim.

TERCEIRO CONVIDADO – Prova disso é um facto, que me foi transmitido pelo seu encarregado de negócios, ou, por assim dizer, pelo seu cicerone, Borkin. Há dois anos, durante o surto de epizootia animal, ele comprou gado e fez um seguro...

ZINAIDA SAVICHINA – Sim, sim, sim! Eu lembro-me desse caso. Também me disseram isso.

TERCEIRO CONVIDADO – Ele fez o seguro e, tomem nota, depois ele infetou o gado com a peste e recebeu o prémio do seguro.

SASHA – Oh, isso é tudo um disparate! Um disparate! Ninguém comprou ou infetou gado! Foi o próprio Borkin que engendrou esse projeto e se vangloriava dele por todo o lado. Quando Ivanov soube disso, Borkin andou duas semanas a pedir que o desculpasse. Ivanov só tem culpa de ter um carácter fraco e de não ter força suficiente para mandar embora esse Borkin e também tem culpa de acreditar demais nas pessoas! Tudo o que ele tinha foi roubado, pilhado; dos seus desígnios generosos só não tirou partido, quem não quis.

LEBEDEV – Sashenka estás muito agitada! Então, acalma-te!

SASHA – Mas, para que dizem disparates? Mas que enfadonho é tudo isto! Ivanov, Ivanov, Ivanov e não se fala de mais nada. (*Vai até à porta e regressa*). Estou surpreendida! (*Para os jovens*). Estou positivamente surpreendida com a vossa paciência, meus senhores! Não estão fartos de estar assim aqui sentados? É que até o ar ficou imóvel de tédio! Digam qualquer coisa, divirtam as jovens, mexam-se! Bom, se não têm outros assuntos para além do Ivanov, então riem, cantem, dancem, ou algo assim...

LEBEDEV (*Ri-se*) – Isso, passa-lhes um bom raspanete!

SASHA – Ouçam, façam-me esse favor! Se não querem dançar, rir, cantar, se tudo isso vos aborrece, então peço-vos que, pelo menos uma vez na vida, por diversão, para surpreender ou fazer rir, reúnam as vossas forças e, todos em conjunto, inventem qualquer coisa de espirituoso, de brilhante, digam-no mesmo que seja uma insolência ou uma vulgaridade, basta que seja engraçado e novo! Ou então, todos juntos, façam algo mais modesto e pouco notório, mas que pelo menos se pareça um pouco com uma proeza, para que as jovens damas, pelo menos uma vez na vida, ao olhar para vós, possam dizer: "Ah!". Ouçam, se querem agradar, por que não se esforçam por agradar? Ah, meus senhores! Nenhum de vós é assim, não é, não é!... Ao olhar para vós, até as moscas morrem e os candeeiros esfumaçam. Não são nada assim, nada assim!... Já vos disse mil vezes e dir-vos-ei sempre que nenhum de vós é assim, nenhum, nenhum, nenhum!...

CENA IV

Os mesmos, IVANOV e BORKIN

SHABELSKY (*Entrando com Ivanov pela porta da direita*) — Quem é que está aqui a declamar? É você, Shashenka? (*Ri-se às gargalhadas e aperta-lhe a mão*). Parabéns, meu anjo, que Deus a deixe morrer mais tarde e não nascer uma segunda vez...

ZINAIDA SAVISHNA (*Alegremente*) — Nikolai Alekseevich, conde!

LEBEDEV — Oh! Quem vejo eu... O Conde! (*Dirige-se a ele*).

SHABELSKY (*Vendo Zinaida Savishna e Babakina, estende-lhes as mãos*) — Dois bancos num só sofá!... Dá gosto olhar! (*Cumprimenta-as; para Zinaida Savishna*). Olá, Zizi! (*Para Babkina*). Olá, pomponzinho!...

ZINAIDA SAVISHNA — Estou muito feliz por vê-lo, Conde. O senhor é uma visita tão rara cá em casa! (*Grita*). Gavril, chá! Sente-se, por favor!

(*Levanta-se, sai pela porta da direita e regressa imediatamente, com um ar extremamente preocupado*).

Sasha senta-se no lugar que ocupava anteriormente. Ivanov cumprimenta toda a gente em silêncio.

LEBEDEV (*Para Shabelsky*) — De onde é que vieste? Que bons ventos o trazem por cá? Mas que surpresa! (*Beija-o*). Conde, tu és mesmo danado! Não é assim que se comportam as pessoas honradas! (*Condu-lo pela mão até à ribalta*). Por que não tens vindo cá? Estás zangado ou quê?

SHABELSKY — E como haveria de vir até aqui? Em cima de uma vassoura? Eu não tenho cavalos e o Nikolai não me traz com ele, diz-me para ficar com a Sarah para ela não se aborrecer. Manda os teus cavalos a buscar-me, que eu venho...

LEBEDEV (*Acena com a mão*) — Pois é! Só que a Zyuzushka prefere morrer a dar cavalos. Meu caro amigo, tu és de entre todos o amigo que eu mais prezo! De toda a velharia, só eu e tu sobrevivemos! Amo em ti os meus antigos sofrimentos e a minha juventude perdida... Brincadeiras à parte, a verdade é que estou quase a chorar (*Beija o conde*).

SHABELSKY — Larga-me, larga-me! Que cheiro! Até parece vindo de uma adega de vinho...

LEBEDEV — Meu caro amigo, nem podes imaginar como me aborreço sem os meus amigos! É de uma pessoa se enforcar de tédio... (*Em voz baixa*). A Zayushka com a sua caixa de

empréstimos afugentou toda a gente de bem. Como vês, só ficaram os zulus... todos estes Dudkins e Budkins... Vá, toma o chá...

Gavrila serve chá ao conde.

ZINAIDA SAVISHNA (*Para Gavrila, em tom preocupado*) — Então, vê como serves? Traz ao menos uma compota. Doce de groselha, por exemplo...

SHABELSKY (*Ri-se às gargalhas; para Ivanov*) — Eu não te disse? (*Para Lebedev*). No caminho, apostei com ele que, assim que chegássemos, a Zizi iria começar logo a oferecer-nos doce de groselha...

ZINAIDA SAVISHNA — O senhor, Conde, continua o mesmo trocista... (*Senta-se*).

LEBEDEV — Foram feitas 20 barricas de doce, por isso há que o gastar.

SHABELSKY (*Sentando-se perto da mesa*) — Continua a amearhar, Zizi? Então, já tem um milhão?

ZINAIDA SAVISHNA (*Suspirando*) — Sim, para quem olha de fora, até parece que não há pessoas mais ricas do que nós. Mas de onde vem o dinheiro? É só conversa...

SHABELSKY — Sim, sim!... Nós sabemos!... Sabemos como joga mal às damas... (*Para Lebedev*). Pavel, diz-me honestamente: vocês já pouparam um milhão?

LEBEDEV — Não sei. Pergunta à Zizi...

SHABELSKY (*Para Babkina*) — E o pomponzinho gorduchinho em breve terá também um milhão! Ela fica mais bonita e rechonchuda a cada hora que passa! O que significa muito dinheiro...

BABAKINA — Estou-lhe muito grata, Excelência, mas só não gosto de ser ridicularizada.

SHABELSKY — Meu querido banco, chama a isto ridicularizar? É apenas um grito da alma, que o excesso de paixão traz aos meus lábios... O meu amor por si e pela Zyuzushka é infinito... (*Alegremente*). Oh, que delícia! ... Que êxtase!... Não consigo olhar-vos com indiferença...

ZINAIDA SAVISHNA — Continua o mesmo. (*Para Egorushka*). Egorushka, apaga as velas! Para quê estarem acesas, se não estão a jogar? (*Egorushka estremece sobressaltado, apaga as velas e senta-se. Para Ivanov*) Nikolai Alekseevich, como está a saúde da sua esposa?

IVANOV — Mal. Hoje, o médico disse claramente que ela está tísica...

ZINAIDA SAVISHNA — A sério? Que pena!... (*Suspira*). E nós todos gostamos tanto dela...

SHABELSKY — São só disparates, disparates, disparates!... Não está nada tísica, é charlatanice de médico, um truque. O nosso Esculápio quer andar lá por casa, por isso inventou que ela está tísica. Felizmente, o marido não é ciumento.

Ivanov faz um movimento de impaciência.

Quanto à Sara, não acredito numa única palavra sua, nem num único dos seus movimentos. Na minha vida, nunca confiei em médicos, advogados ou mulheres. Disparates, só disparates, charlatanices e truques!

LEBEDEV (*Para Shabelsky*) — És um sujeito espantoso, Matvey!... Envergaste em ti uma misantropia qualquer e andas por aí a alardear coisas sem importância. Pela aparência pareces um homem normal, mas quando comesças a falar parece que tens pus na língua; só te sai lixo pela boca fora...

SHABELSKY — E depois? Será que tenho de beijar os burlões e os canalhas?

LEBEDEV — E onde é que tu vês esses burlões e vigaristas?

SHABELSKY — É claro, que não estou a falar dos presentes, mas...

LEBEDEV — Aí tens o 'mas'... Tudo isso é um embuste.

SHABELSKY — Um embuste, dizes tu... Ainda bem que não tens mundividência alguma.

LEBEDEV — Qual é a minha mundividência? É estar aqui sentado à espera de esticar o pernil. É essa a minha visão do mundo. Este, meu irmão, não é o momento de pensarmos em visões do mundo. É isso... (*Grita*). Gavril!

SHABELSKY — Já bebeste demais... Olha só a cor do teu nariz!

LEBEDEV (*A beber*) — Deixa lá, meu caro, eu não me vou casar hoje.

ZINAIDA SAVISHNA — Há muito que o Doutor Lvov não nos visita. Esqueceu-se de nós completamente.

SASHA — Não posso com ele. Ele é a honestidade em pessoa. Ele não pede um copo de água, não acende um cigarro sem mostrar a sua extraordinária honestidade. Quer fale, quer cale, ele tem sempre escrito na testa: eu sou um homem honesto! Ele é um fastídio!

SHABELSKY — Um médico estreito de vistas e retilíneo! (*Em tom provocador*). "Abram alas ao trabalho honesto!" grita a cada passo como um papagaio, e pensa que, de facto, é um segundo Dobrolubov. Quem não grita é um patife. As suas opiniões surpreendem pela sua profundidade. Se um mujique é abastado e vive como um ser humano, então ele é um canalha e um culaque. Eu ando com um casaco de veludo e é um lacaio que me veste, então eu sou um crápula e um explorador de trabalho escravo. Ele é tão honesto, tão honesto, que a honestidade até lhe sai pelos ouvidos. Ele não consegue ter sossego. Eu até tenho medo dele... Palavra de honra!... Basta ver, como ele, por sentido do dever, é capaz de maltratar ou de ir à cara de alguém passar.

IVANOV — Ele é maçador, mas continuo a gostar dele; há nele muita sinceridade.

SHABELSKY — Bela sinceridade! Ele veio ter comigo ontem à noite e, sem mais nem menos: "O senhor, Conde, é-me profundamente antipático!" Muito obrigado! E tudo isto não é linear, pois há ali intolerância: a voz tremula, os olhos ardem como fogo e os joelhos tremem... Diabos levem essa sinceridade de ferro! É verdade que ele não pode comigo. É natural... eu próprio tenho consciência disso, mas para quê dizê-lo na cara? Sou uma má pessoa, mas, enfim, já tenho cabelos grisalhos... Honestidade medíocre e implacável!

LEBEDEV — Ora, ora!... Tu também foste jovem, tens de compreender.

SHABELSKY — Sim, eu fui jovem e estúpido, em tempos, senti-me um segundo Chatsky, ao denunciar canalhas e vigaristas, mas nunca na minha vida disse na cara a um ladrão que ele era um ladrão, nem nunca falei da corda na casa do enforcado. Eu recebi uma boa educação. E esse burro do vosso médico sentir-se-ia no sétimo céu e a cumprir com a sua missão se o destino lhe desse a oportunidade de, em nome dos princípios e dos ideais universais, me dar um murro na cara e no peito.

LEBEDEV — Os jovens são todos temperamentais. O meu tio era hegeliano... Por isso costumava reunir em sua casa muitos convidados. Depois de ter bebido bem, ele subia a uma cadeira e começava a gritar: "Vocês são uns ignorantes! Vocês são as forças das trevas que anunciam a alvorada de uma nova vida!" Blá-blá-blá... E lá estava ele para ali a pregar e a refilar...

SASHA — E os convidados?

LEBEDEV — Nada... Ouvem e bebem para si próprios. Uma vez, eu até o desafiei para um duelo... ao meu querido tio. Aconteceu por causa de Francis Bacon. Lembro-me como se

fosse ontem, de estar sentado, assim como o Matvey, e o meu tio com o falecido Gerasim Nilych estavam de pé aqui mesmo, perto do sítio onde está o Nikolai... De repente, Gerasim Nilych faz uma pergunta, meu irmão...

Borkin entra.

CENA V

Os mesmos e BORKIN

Borkin, vestido como um dândi, com um pacote nas mãos, a saltar e a cantarolar, entra pela porta da direita. Ouve-se um rumor de aprovação.

JOVENS DAMAS — Mikhail Mikhailovich!...

LEBEDEV — Michel Michelich! De quem toda a gente fala.

SHABELSKY — A alma da sociedade!

BORKIN — E aqui estou eu! (*Corre para Sasha*). Nobre senhorita, tomo a liberdade de felicitar o universo pelo nascimento de flor tão bela. Como tributo da minha admiração atrevo-me a oferecer-lhe... (*Dá-lhe o pacote*). Fogos de artifício e luzes de bengala do meu próprio fabrico. Que eles iluminem a noite da mesma forma que a menina ilumina a escuridão do reino das trevas. (*Faz uma vénia teatral*).

SASHA — Obrigada...

SHABELSKY (*Ri-se e dirige-se a Ivanov*) — Por que não mandas este Judas embora?

BORKIN (*Para Lebedev*) — Os meus respetos a Pavel Kirillich! (*Para Ivanov*). Ao Patrão... (*Canta*). Nicolas-voilà, ah, ah, ah! (*Passa por toda a gente*). À venerável Zinaida Savishna... à divina Marta Egorovna... à antiquíssima Avdotya Nazarovna... a Sua Excelência, o Conde...

SHABELSKY (*Ri-se*) — A alma da sociedade... Mal entrou, a atmosfera tornou-se mais rarefeita. Deram conta?

BORKIN — Ufa, estou cansado... Acho que cumprimentei toda a gente. Então, que novidades, cavalheiros? Não há nada de extraordinário que tenha atraído a vossa atenção? (*Rapidamente*

para Zinaida Savishna). Ah, ouça mamã... No meu caminho... (*Para Gavrila*). Dá-me chá, Gavryusha, mas sem doce de groselha! (*Para Zinaida Savishna*). Há pouco, ao vir para cá, vi camponeses a arrancar a casca dos salgueiros ao longo rio. Por que não entrega à exploração o salgueiral?

LEBEDEV (*Para Ivanov*) — Por que não mandas este Judas embora?

ZINAIDA SAVISHNA (*Assustada*) — É verdade, nunca me passou pela cabeça!...

BORKIN (*Fazendo ginástica com os braços*) — Não consigo passar sem exercício físico... Que posso eu inventar de especial? Marta Egorovna, estou com boa veia... Sinto-me inspirado! (*Canta*) "Estou outra vez à tua frente..."

ZINAIDA SAVISHNA — Organize alguma coisa, pois está toda a gente enfadada.

BORKIN — Cavalheiros, por que razão estão todos tão sisudos? Estão sentados tal qual os membros de um tribunal de jurados!... Vamos lá inventar qualquer coisa. A que querem jogar? Ao jogo das prendas, ao jogo da corda, ao “apanha-me se puderes”? Querem dançar ou querem fogo de artifício?

JOVENS DAMAS (*Batendo palmas*) — Fogo de artifício, fogo de artifício! (*Correm para o jardim*).

SASHA (*Para Ivanov*) — Por que está tão aborrecido hoje?

IVANOV — Dói-me a cabeça, Sachenka e tudo isto é aborrecido...

SASHA — Vamos para a sala de estar.

Saem pela porta da direita; todos vão para o jardim, exceto Zinaida Savishna e Lebedev.

ZINAIDA SAVISHNA — Isto, sim, eu entendo: Chegou este rapaz e, em menos de um minuto, pôs toda a gente alegre. (*Baixa a mecha do candeeiro grande*). Para quê queimar velas em vão, enquanto todos estão no jardim. (*Apaga as velas*).

LEBEDEV (*Seguindo-a*) — Zyuzushka, temos de dar de comer aos convidados...

ZINAIDA SAVISHNA — Vejam só quantas velas... não é sem motivo que as pessoas julgam que somos ricos. (*Apaga-as*).

LEBEDEV (*Seguindo-a*) — Zyuzushka, faz servir alguma coisa de comer às pessoas... São jovens, por certo estão com fome, coitados... Zyuzushka...

ZINAIDA SAVISHNA — O Conde não terminou o seu chá. Só é pena o açúcar que gastou.
(*Dirige-se à porta da esquerda*).

LEBEDEV — Birra!... (*Sai para o jardim*).

CENA VI

IVANOV e SASHA

SASHA (*entrando com Ivanov pela porta da direita*). — Foram todos para o jardim.

IVANOV — É assim, Sachenka. Antigamente, quando tinha de trabalhar e pensar muito, nunca me sentia cansado; agora que não faço nada, nem penso em nada, sinto-me cansado do corpo e do espírito. A minha consciência dói-me dia e noite e sinto-me profundamente culpado, embora, no fundo, não entenda em que consiste a minha culpa. E depois há a doença da minha mulher, problemas de dinheiro, discussões sem fim, mexericos, conversas inúteis, o tolo do Borkin... Estou farto da minha casa, e viver nela é para mim pior do que ser torturado. Com sinceridade, Sachenka, até a companhia da minha mulher, que me ama, se tornou insuportável para mim. Somos velhos amigos, por isso espero que não se zangue com a minha sinceridade. Vim a vossa casa para me divertir, mas também aqui o fastídio não me larga e já começo a ter vontade de ir para casa. Perdoe-me, mas vou-me esgueirar.

SASHA — Nikolai Alekseevich, eu compreendo-o. A razão do seu mal está na solidão. Precisava de ter ao pé de si alguém que o amasse e o compreendesse. Só o amor o pode curar.

IVANOV — Mas que coisa diz, Sachenka! Só faltava agora a este cavalo velho, começar um novo romance! Deus me livre de tal coisa! Não, meu pequeno génio, um romance não seria a solução. Digo-lhe, como se diante de Deus estivesse, que sou capaz de suportar tudo: a angústia, a loucura, a ruína, a perda da minha mulher, a minha velhice precoce, a solidão, mas não consigo aguentar este escárnio de mim próprio. Morro de vergonha só de pensar que eu, um homem saudável e forte, me transformei numa espécie de Hamlet, de Manfred, de homem de uma geração perdida. Nem o diabo consegue perceber! Há pessoas patéticas que se sentem lisonjeadas quando dizem que eles são Hamlets ou inúteis, mas para mim isso é uma desonra! Isso ultraja o meu orgulho, a vergonha oprime-me e eu soffro...

SASHA (*Em tom de brincadeira, entre lágrimas*) — Nikolai Alekseevich, vamos fugir para a América.

IVANOV — A preguiça mal me deixa chegar até ao limiar da porta e fala em ir para a América...

Dirigem-se para o jardim.

Falando a sério, Sasha, viver aqui não é fácil para si! Quando olho para as pessoas à sua volta, fico assustado: com quem vai casar aqui? Só há uma esperança: que algum tenente ou estudante de passagem a roube e a leve embora daqui...

CENA VII

IVANOV, SASHA e ZINAIDA SAVISHNA

Zinaida Savishna (entra pela porta da esquerda com um boião de compota).

IVANOV — Desculpe, Sachenka, já a apanho...

Sasha sai para o jardim.

Zinaida Savishna, tenho um pedido a fazer-lhe...

ZINAIDA SAVISHNA — Que deseja, Nikolai Alekseevich?

IVANOV (*Hesitante*) — É que, como sabe, depois de amanhã é a data de pagamento da minha letra do empréstimo. Ficar-lhe-ia muito grato, se pudesse alargar o prazo ou deixar que acrescente os juros ao capital. É que, neste momento, não tenho dinheiro nenhum...

ZINAIDA SAVISHNA (*Assustada*) — Nikolai Alekseevich, como é isso possível? Mas que vem a ser isso? Não, nem pense nisso e, por amor de Deus, não me atormente, pobre de mim...

IVANOV — Desculpe, perdoe-me. (*Sai para o jardim*).

ZINAIDA SAVISHNA — Meu Deus, como ele me assustou!... Até estou toda a tremer... toda a tremer... (*Sai pela porta da direita*).

CENA VIII

KOSYKH

KOSYKH (*Saindo da porta da esquerda e atravessando o palco*) – De ouros, eu tenho o ás, o rei, a dama e todas as restantes oito cartas, o ás de espadas e uma... uma carta pequena de copas, e ela, diabo, não era capaz de anunciar um pequeno chaleme! (*Sai pela porta da direita*).

CENA IX

AVDOTYA NAZAROVNA e o PRIMEIRO CONVIDADO

AVDOTYA NAZAROVNA (*Vindo do jardim com o primeiro convidado*) – Era capaz de a desfazer assim em pedaços, àquela sovina... Desfazia-a toda! Isto é de bradar aos céus! Estou aqui desde as cinco horas e ela nem um arenque rançoso me ofereceu!... Mas que lar!... Mas que governo de casa!

PRIMEIRO CONVIDADO – O tédio é tanto que só me apetece bater com a cabeça na parede! Mas que gente, Deus me perdoe!... Com o tédio e a fome com que estou, pouco falta para começar a uivar como um lobo e a morder as pessoas.

AVDOTYA NAZAROVNA – Era capaz de a desfazer assim aos bocadinhos, velha pecadora.

PRIMEIRO CONVIDADO – Eu cá, minha velha amiga, vou beber qualquer coisa e vou para casa! Não preciso das tuas noivas para nada. Que amor pode haver para este impuro que não bebe um copo desde o almoço?

AVDOTYA NAZAROVNA – Vamos lá então procurar...

PRIMEIRO CONVIDADO – Chiu!... Devagar! Parece que o schnapps está na sala de jantar, no guarda-louça. Vamos encostar o Egorushka à parede... Chiu!...

Saem pela porta da esquerda.

CENA X

ANNA PETROVNA e LVOV

Anna Petrovna e Lvov (saindo pela porta da direita).

ANNA PETROVNA – Não se preocupe, eles ficarão contentes de nos ver. Não está aqui ninguém. Devem estar no jardim.

LVOV – Mas por que razão me trouxe aqui, a casa destes milhafres? Isto não é lugar para nós! As pessoas honestas não deviam respirar este ambiente!

ANNA PETROVNA – Ouça, Senhor Honesto, ao acompanhar uma dama é pouco cortês falar só sobre a sua honestidade o caminho todo. Pode ser que isso até seja justo, mas é, no mínimo, enfadonho. Nunca fale com uma mulher sobre as suas virtudes. Deixe que ela as descubra. Quando o meu Nikolai era assim como o senhor, estando na companhia de senhoras, ele só cantava e contava histórias. No entanto, todas elas sabiam que tipo de pessoa ele era.

LVOV – Oh, não me fale do seu Nikolai, eu conheço-o muito bem!

ANNA PETROVNA – O senhor é boa pessoa, mas não percebe nada. Vamos para o jardim. Ele nunca diria: "Eu sou honesto! Sinto-me a abafar neste ambiente! Milhafres! Ninho de corujas! Crocodilos!". Ele deixava os animais em paz e, quando acontecia ficar indignado, eu só o ouvia dizer: "Oh, como fui injusto hoje!", ou: "Anyuta, tenho pena deste homem!" Era assim, já o senhor...

Saem.

CENA XI

AVDOTYA NAZAROVNA e o PRIMEIRO CONVIDADO

PRIMEIRO CONVIDADO (*Saindo pela porta da esquerda*) – Se não está na sala de jantar, então deve estar algures na despensa. Seria de sondar a Egorushka. Vamos pela sala de estar.

AVDOTYA NAZAROVNA – Era capaz de a desfazer assim aos pedaços!

Saem pela porta da direita.

CENA XII

BABAKINA, BORKIN e SHABELSKY

Babakina e Borkin saem a correr do jardim a rir; Shabelsky saltita atrás deles, rindo e esfregando as mãos.

BABAKINA – Que tédio! (*Ri-se às gargalhadas*). Que tédio! Estão todos para aqui sentados, como se tivessem engolido um pau! De tédio, até os ossos enrijeceram. (Dá um salto). Temos de nos desentorpecer!...

Borkin agarra-a pela cintura e beija-a na face.

SHABELSKY (*Ri-se às gargalhadas e estala os dedos*) – Que diabo! (*Solta um grasnido*). De certa forma...

BABAKINA – Largue-me, tire as mãos, seu desavergonhado, ou sabe-se lá o que o Conde irá pensar! Largue-me!...

BORKIN – Anjo da minha alma, joia do meu coração!... (*Beijando-a*). Empréstimo-me dois mil e trezentos rublos!...

BABAKINA – Não, não e não... O que quiseres, mas quanto ao dinheiro, lamento imenso... Não, não e não!... Ai, tire as mãos!...

SHABELSKY (*A saltitar por perto*) – Um pompom... Tem o seu próprio encanto...

BORKIN (*Sério*) – Já chega. Vamos lá falar sobre negócios. Pensemos direta e comercialmente. Responda-me diretamente, sem subtilezas, nem rodeios se sim ou não? Oiça! (*A aponta para o conde*). Ele precisa de dinheiro, pelo menos três mil euros de rendimento anual. A senhora precisa de um marido. Quer ser condessa?

SHABELSKY (*Rindo a bom rir*) – Um cínico espantoso!

BORKIN – Quer ser condessa? Sim ou não?

BABAKINA (*Alvorçada*) – Está a inventar, Misha, a sério... E estas coisas não se fazem assim, de um momento para o outro... Se o conde quiser, pode fazê-lo ele próprio, e... e eu não sei como é que de repente, de imediato...

BORKIN – Então, não comece a turvar as águas! Isto é uma questão comercial... Sim ou não?

SHABELSKY (*Rindo-se e esfregando as mãos*) – De facto, ei? Diabo, será mesmo que esta abominação te convém? Ei? Pomponzinho... (*Beija Babakina na cara*). Meu encanto!... Meu pickle!..

BABAKINA – Espere aí, pare! O senhor assustou-me por completo... Vá-se embora, vá!... Não, não se vá embora!...

BORKIN – Vá lá, depressa! Sim ou não? Não temos tempo a perder...

BABAKINA – Sabe uma coisa, Conde? Venha a minha casa passar aí uns três dias... Em minha casa há alegria, não é como aqui... Venha amanhã... (*Para Borkin*). Não está a brincar comigo?

BORKIN (*Zangado*) – Mas quem é que brinca com assuntos sérios?

BABAKINA – Espere, espere... Ai! Sinto-me mal! Sinto-me mal! Condessa... Sinto-me mal!... Vou desmaiar...

Borkin e o conde, rindo-se, pegam nela pelos braços e, beijando-a nas faces, levam-na embora pela porta da direita.

CENA XIII

IVANOV, SASHA e, depois, ANNA PETROVNA

Ivanov e Sasha entram a correr, vindos do jardim.

IVANOV (*Agarrando a cabeça com as mãos em desespero*) – Não pode ser! Não, não faça isso!... Oh, não!...

SASHA (*Arrebatadamente*) – Amo-o loucamente... Sem si a minha vida não tem sentido. Sem si, não há felicidade, nem alegria! O senhor é tudo para mim...

IVANOV – Mas para quê? Porquê? Ó meu Deus, não percebo nada... Não faça isso, Sachenka!...

SASHA – Na minha infância, o senhor era a minha única alegria; amava-o a si e à sua alma como a mim mesma e agora... Eu amo-o, Nikolai Alekseevich... Consigo, eu iria até onde quisesse, fosse até ao fim do mundo, fosse até ao túmulo! Só seja rápido, por amor de Deus, senão sufoco...

IVANOV (*Começa a rir-se alegremente*) – Mas o que é isso? Isso significa começar a vida de novo? É isso, Sachenka? Minha querida! (*Puxa-a para junto de si*). É a minha juventude, a minha frescura...

Anna Petrovna entra pelo jardim e, ao ver o marido e Sasha, pára presa ao chão.

Quer dizer, viver? Sim? Voltar, de novo, a trabalhar?

Beijam-se. Depois do beijo, Ivanov e Sasha olham em redor e vêem Anna Petrovna.

IVANOV (*Horrorizado*) – Sara!

A cortinha cai.

ATO III

O escritório de Ivanov. Sobre a secretária, estão pousados, em desordem, papéis, livros, pacotes com documentos oficiais, bugigangas e revólveres; ao lado dos papéis há um candeeiro, um frasco com vodka e um prato com arenque, pedaços de pão e pepinos. Nas paredes, há mapas geográficos, quadros, armas, pistolas, foices, chicotes, etc. É meio-dia.

CENA I

SHABELSKY, LEBEDEV, BORKIN e PYOTR

Shabelsky e Lebedev estão sentados em ambas as extremidades da secretária. Borkin está no meio do palco, montado numa cadeira. Pyotr está de pé junto à porta.

LEBEDEV – A França tem uma política clara e definida... Os franceses sabem o que querem. Eles querem tirar a pele aos fabricantes de salsichas e mais nada, mas na Alemanha, amigo, a música é outra. Além da França, a Alemanha tem mais a quem se atirar...

SHABELSKY – Que disparate!.. Na minha opinião, os alemães são cobardes e os franceses outro tanto... Só fazem figas uns aos outros com as mãos nos bolsos. Acredita, o caso vai limitar-se às figas. Eles não vão lutar.

BORKIN – E quanto a mim não há por que lutar? Porquê todos esses armamentos, congressos e despesas? Sabem o que eu faria? Reunia os cães de todo o país inoculava-os com uma boa dose de vírus da raiva e soltava-os no país inimigo. Num mês, todos os meus inimigos ficariam a espumar de raiva.

LEBEDEV (*Ri-se*) – Vejam só, a cabeça é pequena, mas tem tantas grandes ideias, quanto há peixes no oceano.

SHABELSKY – Um virtuoso!

LEBEDEV – Ora Deus te valha, não me faças rir, Michel Michelich! (*Parando de se rir*). Bem, meus senhores, muito bem se fala de política, mas nem uma palavrinha sobre vodka. *Repetatur!*³⁰ (*Enche três copos*). Há nossa saúde... (*Bebem e petiscam.*) O arenque, é de longe o melhor dos aperitivos.

SHABELSKY – Não, o pepino é melhor... Desde a criação do mundo que os cientistas têm andado a pensar e ainda nada inventaram de melhor do que os pickles de pepino... (*Para Pyotr*). Pyotr, vai buscar pepinos e diz na cozinha para fritarem quatro pastéis de cebola. Vê que venham quentes.

Pyotr sai.

LEBEDEV – Com vodka também é bom comer caviar. Mas é preciso saber prepará-lo... Requer sabedoria... Pega-se num quarto de caviar, dois pés de cebolinho, azeite, mistura-se e, já se sabe, depois... espreme-se um limão por cima de tudo. É de morrer e chorar por mais! Fica-se louco só com o cheiro.

BORKIN – Depois da vodka, também é bom petiscar barbos fritos. Só é preciso saber fritá-los. É preciso limpá-los, depois passá-los por pão ralado e fritá-los até ficarem bem secos, de modo a estalar entre os dentes... crack, crack, crack...

SHABELSKY – Ontem, em casa da Babakina, comeu-se um bom petisco, cogumelos boletos.

LEBEDEV – Pois claro...

³⁰ NdT: “Repetatur”, repitamos. Em latim no original.

SHABELSKY – Só que são cozinhados de uma forma especial. Com cebola, loureiro e todo o tipo de especiarias. Assim que se abre a panela e dela sai o vapor, o cheiro... uma delícia!

LEBEDEV – E então? *Repetatur*, meus senhores! (*Bebem.*) *Á* nossa saúde! (*Olha para o relógio*). Não posso esperar pelo Nikolai. Está na hora de ir. Disseste que em casa da Babakina serviram cogumelos, mas nós, pelas nossas bandas, ainda não vimos cogumelos. Diz-me, por favor, por que diabo vais tu visitar a Marta com tanta frequência?

SHABELSKY (*Apontando com a cabeça para Borkin*) – É ele que quer casar-me com ela...

LEBEDEV – Casar com ela? Que idade tens?

SHABELSKY – Sessenta e dois anos.

LEBEDEV – Está na hora de casares. E a Marta é o par ideal para ti.

BORKIN – A questão aqui não é a Marta, mas sim as suas libras esterlinas.

LEBEDEV – Com que então o que queres são as libras da Marta?... E ovos de ganso, não queres?

BORKIN – Mas mal o homem se case, logo mete tudo ao bolso e aí, sim, vão ver o que são ovos de ganso. Vá, lambam a boca de inveja...

SHABELSKY – Mas ele está a falar a sério. Este génio tem a certeza que eu lhe obedecerei e me casarei...

BORKIN – E então? Já não tem a certeza?

SHABELSKY – Estás louco... Quando tive eu a certeza, homem?..

BORKIN – Obrigado... Muito obrigado! Então isso quer dizer que me quer deixar mal? Ora se casa, ora não se casa... Nem o próprio diabo entende, mas eu já dei a minha palavra de honra! Então, não se vai casar?

SHABELSKY (*Encolhe os ombros*) – Ele está a falar a sério... Mas que homem incrível!

BORKIN (*Indignado*) – Nesse caso, para que era preciso dar a volta à cabeça a uma mulher honesta? Ela ficou louca com a ideia de vir a ser condessa, não dorme, não come... Isso são coisas com que se brinque? Isso é justo?

SHABELSKY (*Estalando os dedos*) – Afinal, e por que não? Por que não hei de eu entrar nesta brincadeira, ã? Só para os enfurecer! Está bem. Eu faço isso. Palavra de honra, que faço... Isto vai ser divertido!

Entra Lvov.

CENA II

Os mesmos e LVOV

LEBEDEV – Os nossos humildes respeitos a Esculápio (*Estende a mão a Lvov e canta*). “Venha, venha, meu doutor, perante a morte morro de pavor” ...

LVOV – Nikolai Alekseevich, já chegou?

LEBEDEV – Não, eu próprio estou à espera dele há mais de uma hora.

Lvov anda impacientemente pelo palco.

LEBEDEV – Meu caro, como está a saúde de Anna Petrovna?

LVOV – Mal.

LEBEDEV (*Suspira*) – Será que posso ir apresentar-lhe os meus respeitos?

LVOV – Não, por favor, não vá. Ela parece estar a dormir...

Pausa.

LEBEDEV – É simpática e agradável... (*Suspira*). No dia de anos da Sachenka, quando ela desmaiou, olhei para a cara dela e percebi então que ela, coitadinha, não vai viver muito tempo. Não percebo, porque se sentiu ela mal na altura? Corro a ver o que se passa e vejo que ela está pálida no chão, Nikolai ajoelhado a seu lado, também pálido, e a Sachenka banhada em lágrimas. Depois do que aconteceu, eu e a Sachenka levámos uma semana para recuperar do choque.

SHABELSKY (*Para Lvov*) – Diga-me, reverendíssimo servidor da ciência, que cientista descobriu que as visitas frequentes de um jovem médico podem fazer bem a senhoras com

doenças pulmonares? Esta é uma grande descoberta! Grandiosa! Ela está relacionada com a alopatia ou com a homeopatia?

Lvov quer responder, mas faz um gesto de desprezo e sai.

Shabelsky – Que olhar devastador...

LEBEDEV – Também tens uma língua bem dura! Por que razão o ofendeste?

SHABELSKY (*Irritado*) – E por que mente ele? Ela está tísica, não há esperança, ela está a morrer... Ele está a mentir! E eu isso não suporto!

LEBEDEV – Por que achas que ele está a mentir?

SHABELSKY (*Levanta-se e caminha*) – Não posso admitir a ideia de que uma pessoa morra de repente, assim sem mais nem menos. Deixemos esta conversa!

CENA III

Os mesmos e KOSYKH

KOSYKH (*Entra a correr, sem fôlego*) – Nikolai Alekseevich está em casa? Bom dia! (*Aperta rapidamente a mão a toda a gente*). Está em casa?

BORKIN – Ele não está.

KOSYKH (*Senta-se e levanta-se de um salto*). Nesse caso, adeus! (*Bebe um cálice de vodka e come rapidamente algumas entradas*). Tenho de ir... Afazeres... Estou exausto... Mal me seguro nas pernas...

LEBEDEV – Que vento o trouxe por cá?

KOSYKH – Venho de casa do Barabanov. Estivemos a jogar toda a noite e só agora terminámos... Perdi em cheio... Este Barabanov joga mal que nem um sapateiro! (*Com uma voz chorosa*). Escutem. Eu lanço... (*Volta-se para Borkin, que se afasta dele de um salto*). Ele joga ouros, eu jogo, outra vez, copas, ele ouros... E isto sem fazer vaza. (*Para Lebedev*). Jogamos quatro cartas de paus. Eu tenho o às, a rainha de paus e, de espadas, o às, o dez e o dois.

LEBEDEV (*Tapas os ouvidos*) – Pare, pare, por amor de Deus, pare!

KOSYKH (*Para o conde*) – Está a perceber: um às, a rainha, um cinco de paus, um às, um dez e um dois de espadas...

SHABELSKY (*Afasta-o com as mãos*) – Vá-se embora, não quero ouvir!

KOSYKH – E, de repente, uma desgraça. O meu às de espadas é apanhado na primeira rodada...

SHABELSKY (*Pega num revólver de cima da mesa*) – Afaste-se ou eu disparo!...

KOSYKH (*Fazendo um gesto com a mão*) – Que diabo!.. Mas será que não há mesmo ninguém com quem falar? Vive-se como se fosse na Austrália: nem interesses comuns, nem solidariedade... Vive cada um para seu lado... Mas tenho de ir... Está na hora. (*Pega no boné*). Tempo é dinheiro... (*Estende a mão a Lebedev*). Passo!...

Riem-se. Kosykh sai e, já na porta, dá de caras com Avdotya Nazarovna.

CENA IV

Os mesmos e AVDOTYA NAZAROVNA

AVDOTYA NAZAROVNA (*Dá um grito*) – Maldito sejas! Quase me fazias cair!

TODOS – Ah, ah, ah!... A sempre omnipresente!...

AVDOTYA NAZAROVNA – Aqui estão eles e eu à procura por toda a casa. Bom dia, jovens falcões, bom apetite... (*Cumprimenta*).

LEBEDEV – O que a traz por cá?

AVDOTYA NAZAROVNA – Venho cá tratar de um assunto, meu amigo! (*Para o Conde*). Um assunto que diz respeito a Sua Excelência. (*Faz uma vénia*). Pediram-me para fazer uma vénia e perguntar pela sua saúde... E ela, a minha boneca, pediu-me para lhe dizer que se não for lá esta noite, irá chorar muito. A minha querida disse-me assim ‘chama-o para o lado e sussurra-lhe ao ouvido, em segredo’. E porquê em segredo? Aqui todos se conhecem. Aqui não se trata de ir roubar galinhas, mas sim de agir segundo a lei e por amor e com

consentimento mútuo. Eu nunca bebo, pecadora que sou, mas numa ocasião como esta, até vou beber.

LEBEDEV – E eu também. (*Serve de beber*). E tu, velha fala-barato, continuas rija. Quando te conheci há trinta anos já eras velha...

AVDOTYA NAZAROVNA – Já perdi a conta aos anos... Enterrei dois maridos e ter-me-ia casado terceira vez, só que ninguém nos quer sem dote. Tive oito filhos ao todo... (*Pega no cálice*). Bem, graças a Deus, começámos um bom negócio e, se Deus quiser, levá-lo-emos a bom fim! Eles hão de viver felizes e nós olharemos para eles e alegrar-nos-emos. Que vivam felizes e em harmonia... (*Bebe*). Que vodka forte!

SHABELSKY (*Rindo-se às gargalhadas, para Lebedev*) – Mas o que é mais engraçado, percebes, é que eles estão persuadidos que eu... É espantoso! (*Levanta-se*). E afinal, Pavel, por que não hei de eu entrar nesta brincadeira de mau gosto? Só para contrariar... É assim que dizem, ‘toma, cão velho, come!’” ã, Pavel?

LEBEDEV – Estás a dizer disparates, Conde. O nosso único negócio, meu amigo, é pensar que chegou a hora de morrer e quanto às libras esterlinas da Marta, esquece, já não é para nós... O nosso tempo já passou.

SHABELSKY – Não, eu vou fazer isso! Palavra de honra, que vou!

Ivanov e Lvov entram.

CENA V

Os mesmos, IVANOV e LVOV

LVOV – Peço-lhe que me conceda só cinco minutos.

LEBEDEV – Nikolai! (*Vai ao encontro de Ivanov e beija-o*). Olá, meu velho amigo... Há uma hora que estou à tua espera.

AVDOTYA NAZAROVNA (*Faz uma vénia*) – Bom dia, senhor!

IVANOV (*Com amargura*) – Meus senhores, voltaram a transformar o meu gabinete num bar!... Já pedi mil vezes a todos e a cada um em particular que o não fizessem... (*Dirige-se à mesa*). Bem, entornaram vodka nos papéis... migalhas, pepinos... É nojento!

LEBEDEV – A culpa é minha, Nikolai, a culpa é minha... Desculpa. Meu amigo, preciso de falar contigo sobre um assunto muito importante...

BORKIN – Eu também.

LVOV – Nikolai Alekseevich, posso falar consigo?

IVANOV (*Apontando para Lebedev*) – Ele também precisa de falar comigo. Espere, atendo-o a seguir... (*Para Lebedev*). Então que desejas tu?

LEBEDEV – Meus senhores, preciso de falar com ele confidencialmente. Importam-se por favor...

O conde sai com Avdotya Nazarovna, seguido por Borkin e só depois Lvov.

IVANOV – Pavel, tu podes beber à vontade, o mal é teu, mas, por favor, não incentives o meu tio a beber. Ele dantes nunca bebia. É mau para ele.

LEBEDEV (*Assustado*) – Eu não sabia, meu caro... Nem sequer prestei atenção...

IVANOV – Infelizmente, se esta criança velha morre, o mal será meu, não vosso... De que precisas?...

Pausa.

LEBEDEV – É assim, meu caro amigo... Não sei como começar, para não ser odioso. Nikolai, sinto-me envergonhado ao ponto de corar, a minha língua enrola-se, mas, meu caro, põe-te na minha posição, tens de compreender que eu nada depende da minha vontade, eu sou um negro, um trapo... Perdoa-me...

IVANOV – O que se passa?

LEBEDEV – A minha mulher mandou-me... Por favor, em nome da nossa amizade, paga-lhe os juros! Acreditas tu, que ela me massacrou a paciência, que me atormentou e martirizou até à exaustão? Livra-te dela, por amor de Deus...

IVANOV – Pavel, tu sabes que eu agora não tenho dinheiro.

LEBEDEV – Eu sei, eu sei, mas que posso eu fazer? Ela não quer esperar. E se ela protestar a nota de câmbio, como é que nós, eu e a Sachenka, te vamos olhar nos olhos?

IVANOV – Eu próprio sinto vergonha, Pavel, ficaria feliz se a terra me engolisse, mas... mas onde é que vou eu buscar esse dinheiro? Diz-me, onde? Só me resta uma coisa. Esperar pelo outono, quando vender o trigo.

LEBEDEV (*Gritando*) – Ela não quer esperar!

Pausa.

IVANOV – A tua situação é desagradável, delicada, mas a minha é ainda pior. (*Caminha e pensa*). Não consigo pensar em nada... Não tenho nada para vender...

LEBEDEV – E se fosses a casa do Milbach? Afinal ele deve-te dezasseis mil rublos. (*Ivanov faz um gesto de desalento com a mão.*) Fazemos assim, Nikolai... Eu sei que vais praguejar, mas... faz um favor a este velho bebedor! Entre amigos... Olha-me como amigo... Tu e eu fomos estudantes, liberais... Com ideias e interesses comuns... Ambos estudámos na Universidade de Moscovo... *Alma mater*... (*Puxa da carteira*). Tenho aqui guardado algum dinheiro. Ninguém lá em casa sabe. Aceita como empréstimo... (*Tira o dinheiro e coloca-o em cima da mesa*). Põe de lado o teu amor-próprio e vê isto como um ato de amizade... Se estivesse no teu lugar, eu aceitaria logo, palavra de honra... (*Pausa.*) Aqui estão sobre a mesa – onze mil rublos. Vai ter com ela hoje e entrega-lhos pessoalmente. “Aqui tem Zinaida Savishna, desejo que se engasgue!” Só não digas que me pediste emprestado. Que Deus te guarde! É que senão sou castigado com compota de groselha! (*Olhando atentamente para a cara de Ivanov*). Bom, não é preciso isso! (*Tira rapidamente o dinheiro da mesa e mete-o no bolso*). Não faças isso! Eu estava a brincar... Desculpa, por amor de Deus!

Pausa.

LEBEDEV – Estás a sentir-te mal? (*Ivanov faz um gesto com a mão.*) Pois é... (*Suspira*). Chegou para ti a hora de sofrer e penar. O homem, meu amigo, é como um samovar. A maior parte do tempo, ele está frio na prateleira, mas acontece que, por vezes, põem-lhe carvão e... psh... psh! Esta comparação não serve para nada, só que não consigo pensar numa mais inteligente... (*Suspira*). As desgraças endurecem a alma. Não tenho pena de ti, Nikolasha, tu vais conseguir sair deste infortúnio para fora, tudo acaba por passar. Mas tenho pena, meu amigo e estou aborrecido com as pessoas... Diz-me, por favor, de onde vêm estes mexericos!

Correm tantos boatos sobre ti pelo concelho, irmão, que o ajudante do procurador está prestes a vir a tua casa... Que és um assassino, um vampiro, um ladrão...

IVANOV – Isso são tudo balelas. Olha, dói-me a cabeça.

LEBEDEV – Isso é porque pensas muito.

IVANOV – Eu não penso em nada.

LEBEDEV – E tu, Nikolai, não te preocupes com nada e vem a nossa casa. A Sachenka gosta de ti, compreende-te e aprecia-te. Ela, Nikolai, é uma pessoa honesta e boa. Não sai à mãe, nem ao pai, talvez a um bravo viajante... Às vezes, olho para ela, meu amigo, e não acredito que eu, um bebedor de nariz gordo, tenho um tesouro assim. Vai até lá falar com ela de coisas inteligentes e diverte-te. Ela é uma pessoa leal e sincera...

Pausa.

IVANOV – Pavel, meu velho, deixa-me sozinho...

LEBEDEV – Compreendo, compreendo... (*Olha apressadamente para o relógio*). Eu compreendo. (*Beija Ivanov*). Adeus. Ainda tenho de ir à bênção da escola. (*Dirige-se para a porta e pára*). Ela é inteligente... Ontem, a Sachenka e eu falámos sobre os mexericos. (*Ri-se*). E ela sai-se com um aforismo: "Papá, os pirilampos", disse ela, "brilham à noite só para serem mais facilmente vistos e comidos pelos pássaros noturnos e as pessoas boas existem para serem alimento de calúnias e boatos". Que dizes? Um génio! Uma nova George Sand!...

IVANOV – Pavel! (*Interrompe-o*). Que se passa comigo?

LEBEDEV – Eu próprio queria perguntar-te, mas, francamente, acanhei-me de o fazer. Não sei, meu amigo! Por um lado, pareceu-me que foste tomado por vários infortúnios, embora, por outro lado, saiba que não és daqueles que... Os problemas não te vão derrotar. Mas há qualquer outra coisa, Nikolai, só não percebo o quê!

IVANOV – Eu próprio não compreendo. Parece-me ou não... Nada. (*Pausa.*) Bom, o que eu queria dizer era o seguinte. Eu tinha um trabalhador, o Semyon, de quem te deves lembrar. Uma vez, na altura da debulha, ele quis gabar-se da sua força diante das raparigas, pôs dois sacos de centeio às costas e ficou todo derreado. Pouco tempo depois, morreu. Parece-me a mim, que estou tão derreado quanto ele. Escola, universidade, depois gerir a herdade, escolas e projetos... A minha fé era diferente da de toda a gente, não me casei da mesma forma que os outros, entusiasmei-me, arrisquei, desbaratei o meu dinheiro por toda a parte, fui feliz e

sofri como mais ninguém no concelho. Tudo isto, Pavel, são os meus sacos. Pus um fardo às minhas costas e elas cederam. Aos vinte anos, já somos todos heróis, lançamos mãos a tudo, podemos fazer tudo e, aos trinta, estamos extenuados e já não servimos para nada. Como é que explicas tu este cansaço? No entanto, talvez não seja isso... Não é isso, não é isso!... Vai com Deus, Pavel, já te importunei.

LEBEDEV (*Rapidamente*) – Sabes que mais? És uma vítima deste meio, meu velho!

IVANOV – É estúpido, Pavel, e pouco original. Vai lá!

LEBEDEV – De facto, é estúpido. Agora, eu próprio vejo que é estúpido. Vou-me embora, já me vou embora!... (*Sai*).

CENA VI

IVANOV e, depois, LVOV

IVANOV (*Sozinho*) – Mas que pessoa má, patética e insignificante eu sou. É preciso ser tão patético, gasto e encharcado de bebida como o Pavel para ainda me amarem e respeitarem. Como me desprezo, meu Deus! Como odeio profundamente a minha voz, os meus passos, as minhas mãos, esta roupa, os meus pensamentos. Não é isto ridículo, lamentável? Ainda nem há um ano que eu era saudável e forte, era alegre, incansável, entusiasta, trabalhava com estas mesmas mãos, falava de tal maneira que até os ignorantes se comoviam até às lágrimas, sabia chorar perante a dor e indignava-me perante o mal. Eu sabia o que era inspiração, conhecia o encanto e a poesia das noites calmas em que sentados à secretária, trabalhamos de manhã à noite ou entretemos a mente com sonhos. Eu tinha fé e olhava o futuro como se olhasse a minha mãe nos olhos... E agora, oh meu Deus! Estou exausto, perdi a fé e passo os meus dias e noites na ociosidade. Nem o cérebro, nem os braços, nem as pernas obedecem. A herdade está em ruínas e as florestas são derrubadas pelo machado. (*Chorando*). A minha terra olha para mim como uma órfã. Não espero nada, não me arrependo de nada e a minha alma treme de medo perante o dia de amanhã... E a história com Sara? Eu jurei-lhe amor eterno, prometi-lhe felicidade e abria-lhe os olhos para um futuro que ela nem sequer em sonhos vira. Ela acreditou. E, durante estes cinco anos, só a vi apagar-se sob o peso dos seus sacrifícios e a enfraquecer na luta com a sua consciência, mas, Deus sabe, sem nenhum olhar de reprovação, sem uma única palavra de censura da minha parte!... E depois? Deixei de a

amar... Como? Porquê? Por que motivo? Não compreendo. Aqui está ela a sofrer com os dias contados e eu, como o último dos cobardes, fujo do seu rosto pálido, do seu peito afundado, dos seus olhos suplicantes... Que vergonha, que vergonha! (*Pausa.*) Sasha, ainda tão juvenzinha, é sensível aos meus infortúnios. Ela declara-me, a mim, que sou quase um velho, o seu amor e eu fico inebriado, esqueço-me de tudo no mundo e, num élan, como levado por música, grito: "Uma nova vida! Felicidade!" E, no dia seguinte, acredito tão pouco nesta vida e na felicidade, quanto em duendes... Que se passa comigo? Para que abismo me estou a empurrar a mim próprio? De onde me vem esta fraqueza? O que é que aconteceu aos meus nervos? Basta que a minha mulher doente fira o meu amor-próprio, que um criado seja desajeitado, ou que a minha arma não dispare, que logo me torno rude, zangado e fora de mim... (*Pausa.*) Não percebo, não percebo, não percebo! É de dar um tiro na cabeça!...

LVOV (*Entra*) – Preciso de lhe dar uma explicação, Nikolai Alekseevich!

IVANOV – Se nós nos formos a explicar todos os dias, doutor, não teremos força para isso.

LVOV – Consente em ouvir-me?

IVANOV – Ouço-o todos os dias e ainda não consegui perceber, o que é que deseja de mim exatamente?

LVOV – Falo de forma clara e inequívoca e só quem não tem coração é que não me consegue entender...

IVANOV – Que a minha mulher está a morrer, eu sei; que sou irremediavelmente culpado perante ela, também sei; que o senhor é uma pessoa honesta e sincera, também sei! De que precisa mais?

LVOV – Revolta-me a crueldade humana... A sua mulher está a morrer. Ela tem um pai e uma mãe que ama e que gostaria de ver antes de morrer; eles sabem perfeitamente que ela vai morrer em breve e que ela ainda os ama, mas eles, ó maldita crueldade, persistem em amaldiçoá-la, como fazendo alarde do seu fanatismo religioso! O senhor é a pessoa por quem ela sacrificou tudo, tanto a casa materna, como a paz de consciência, e o senhor, todos os dias, de forma manifesta e com objetivos evidentes vai a casa desses Lebedev!

IVANOV – Há já duas semanas que lá não vou...

LVOV (*Sem o ouvir*) – Com pessoas como o senhor, é necessário falar diretamente e sem rodeios, e se não me quiser ouvir, então não me ouça! Eu estou habituado a chamar as coisas pelo seu nome... Precisa desta morte para empreender novas façanhas, mas será que não pode esperar? Se a deixasse morrer tranquilamente, se não estivesse sempre a massacrá-la com o seu cinismo declarado, será que perderia a sua Lebedeva e o seu dote? Não agora, mas dentro de um ano ou dois, o senhor, que é Tartufo prodigioso, teria tempo de seduzir a rapariga e apoderar-se do seu dote, tal como agora... Por que tem tanta pressa? Por que precisa que a sua mulher morra agora e não daqui a um mês ou dentro de um ano?

IVANOV – Que suplício!... Doutor, o senhor é um péssimo médico se pensa que um homem se pode conter infinitamente. Faço um grande esforço para não responder aos seus insultos.

LVOV – Vá lá, a quem é que quer enganar? Deixe cair a máscara.

IVANOV – Homem inteligente que é, pense! Na sua opinião, não há nada mais fácil do que compreender-me a mim próprio! Certo? Eu casei-me com a Anna para receber um grande dote... Não me deram nenhum dote, falhei nos cálculos e agora torno-lhe a vida impossível neste mundo para casar com outra e receber o seu dote... É isso? Como é tudo claro e simples... O homem é uma máquina tão elementar e simples... Não, doutor, em cada um de nós, há demasiadas engrenagens, parafusos e válvulas para que nos possamos julgar uns aos outros com base nas primeiras impressões ou em dois ou três sinais exteriores. Eu não o compreendo a si e o senhor não me compreende a mim e ambos não nos compreendemos a nós próprios. É possível ser-se um excelente médico e, ao mesmo tempo, nada saber sobre as pessoas. Não seja assim tão seguro de si e concorde comigo.

LVOV – Não me diga que acha que é assim tão opaco e que eu não tenho cabeça que chegue para poder distinguir a baixeza da honestidade?

IVANOV – É óbvio que nós nunca nos vamos entender... Pela última vez pergunto-lhe e, por favor, responda sem preâmbulos. O que quer de mim exatamente? O que procura alcançar? (*Irritado*). E com quem tenho a honra de falar: com o meu procurador ou com o médico da minha mulher?

LVOV – Eu sou médico e, como médico, exijo que mude o seu comportamento... Ele está a matar Anna Petrovna!

IVANOV – Mas que devo eu fazer? O quê? Se me compreende melhor do que eu a mim próprio, então diga-me, de forma precisa, o que devo fazer?

LVOV – Pelo menos, aja com mais pudor.

IVANOV – Oh, meu Deus! Mas será que o senhor entende o que está a dizer (*Bebe água*). Deixe-me em paz. Sou mil vezes culpado, responderei perante Deus, e a si ninguém o autorizou a torturar-me diariamente...

LVOV – E quem o autorizou a insultar, em mim, a verdade? O senhor torturou e envenenou a minha alma. Até vir parar a este concelho, eu admitia a existência de pessoas imbecis, loucas, viciadas, mas nunca acreditei que existissem pessoas criminosas que dirigem conscientemente a sua vontade para o mal... Eu respeitava e amava as pessoas, mas quando o vi...

IVANOV – Já ouvi isso!

LVOV – Já ouviu? (*Vê Sasha a entrar, envergando um vestido de montar*). Agora, penso que nos entendemos perfeitamente! (*Encolhe os ombros e sai*).

CENA VII

IVANOV e SASHA

IVANOV (*Assustado*) – Sashenka, és tu?

SASHA – Sim, sou eu. Bom dia! Não estavas à espera? Por que estiveste tanto tempo sem vir a nossa casa?

IVANOV – Sashenka, por amor de Deus, é imprudente! A tua chegada pode ter um efeito devastador na minha esposa.

SASHA – Ela não me vai ver. Eu entrei pelas traseiras. Já me vou embora. Estava preocupada. Estás bem de saúde? Por que não nos visitaste tanto tempo?

IVANOV – A minha mulher sem isso já se sente ofendida, está quase a morrer, e tu vens cá. Sasha, Sasha, é leviano e desumano da tua parte!

SASHA – E que devia eu fazer? Há duas semanas que não estás connosco, não respondeste às minhas cartas. Estou exausta. Imaginava que estavas aqui num sofrimento insuportável,

doente, a morrer. Não dormi sossegada uma única noite... Já me vou embora... Diz-me, pelo menos, estás bem?

IVANOV – Não, torturei-me a mim próprio, as pessoas atormentam-me sem parar... Não tenho forças! E se isso não bastasse, tu apareces! Que doentio, que anormal que isto é! Sasha que culpado que sou, muito culpado!...

SASHA – Como gostas tu de proferir palavras assustadoras e patéticas! A culpa é tua? Achas? A culpa é tua? Então diz-me de que és tu culpado?

IVANOV – Não sei, não sei...

SASHA – Isso não é resposta. Todo o pecador tem de saber quais são os seus pecados. Será que forjaste notas falsas?

IVANOV – Não tem piada!

SASHA – És culpado por teres deixado de amar a tua mulher? Talvez, mas ninguém é senhor dos seus sentimentos. Tu não querias deixar de a amar. É culpa tua que ela nos surpreendeu, quando eu declarava o meu amor por ti? Não, tu não querias que ela visse...

IVANOV (*Interrompendo*) – Etcétera, etcétera... Amei, deixei de amar, não sou senhor dos meus sentimentos. Tudo isto são lugares-comuns, frases banais que não ajudam em nada...

SASHA – É cansativo falar contigo. (*Olha para o quadro*). Que bem desenhado está o cão! Foi extraído da natureza?

IVANOV – Sim, foi. E todo este nosso caso é um lugar-comum e banal. Ele perdeu a coragem e a terra fugiu-lhe debaixo dos pés. Ela apareceu, alegre de espírito, forte, e estendeu-lhe a mão para o ajudar. É bonito e parece verdade apenas nos romances, não na vida real...

SASHA – E na vida também.

IVANOV – Estou a ver que compreendes bem a vida! Os meus queixumes inspiram em ti um sentimento de medo que é de louvar, imaginas que encontraste em mim um segundo Hamlet, mas, na minha opinião, esta minha perturbação anímica, com toda a sua parafernália, só pode servir de matéria para rir e nada mais! Deviam rir-se às gargalhadas com as minhas peripécias, mas tu não, tu queres ser meu guarda! Para me salvares, para levar a cabo um ato de heroísmo! Ai, como estou eu hoje zangado comigo próprio! Sinto que esta minha tensão de hoje vai acabar mal... Ou parto alguma coisa, ou...

SASHA – É isso, é exatamente isso que é preciso. Parte alguma coisa, quebra em pedaços, ou grita. Estás zangado comigo, fiz uma asneira ao decidir vir cá. Bom, então zanga-te, grita comigo, bate com os pés. Então? Começa a zangar-te... (*Pausa.*) Então?

IVANOV – Tu tens graça.

SASHA – Que bom! Parece-me ver um sorriso! Por favor, tem a bondade de sorrir outra vez?

IVANOV (*Ri-se*) – Reparei que, quando comesas a salvar-me e a ensinar-me a viver, ficas com uma cara extremamente ingénua e as tuas pupilas ficam grandes, como se estivesses a olhar para um cometa. Espera, tens pó no ombro. (*Tira o pó do ombro dela*). Um homem ingénua é um tolo. Mas vocês, as mulheres, conseguem ser ingenuas de uma forma que isso acaba por ser gentil, são, afetuoso e não tão tolo como poderia parecer. Só por que razão vocês agem todas da mesma forma? Enquanto o homem se encontra de boa saúde, forte e alegre, não lhe prestam atenção nenhuma, mas assim que ele começa a entrar em declínio e a lamentar-se, agarram-se logo ao seu pescoço. Será que ser esposa de um homem forte e corajoso é pior do que ser enfermeira de um falhado em lágrimas?

SASHA – É pior!

IVANOV – Porquê? (*Ri-se às gargalhadas*). O Darwin é que não sabe disso, senão já lhe teria dado nas orelhas! Vocês estão a estragar a raça humana. Graças a vocês, em breve, só nascerão no mundo choramingas e neuropatas.

SASHA. Os homens não entendem muita coisa. Qualquer rapariga prefere um falhado a um sortudo, porque a seduz um amor ativo... Percebes? Ativo. Os homens estão demasiado ocupados e, por isso, o amor está para eles em terceiro plano. Conversar com a esposa, passear com ela no jardim, divertir-se, chorar sobre a sua campa e é tudo. E para nós amor significa vida. Eu amo-te, o que quer dizer que o meu sonho é curar-te da tristeza, é ir contigo até ao fim do mundo... Tu sobes a uma montanha e eu subo-a contigo; tu descas ao abismo e eu desço também. Por exemplo, seria uma grande felicidade para mim copiar os teus papéis toda a noite, ou vigiar toda a noite para que ninguém te acorde, ou caminhar contigo cem verstás. Lembro-me que, há cerca de três anos, tu vieste uma vez a nossa casa durante a debulha todo coberto de pó, bronzeado, exausto e pediste de beber. Trouxe-te um copo de água e tu já estavas deitado no sofá e dormias como uma pedra. Dormiste durante meio-dia e, todo esse tempo, fiquei à porta a vigiar para que ninguém entrasse. E eu sentia-me tão bem! Quanto maior é o trabalho, melhor é o amor, isto é, parece mais forte, entendes?

IVANOV – Amor ativo... Hum... Isso é feitiço, uma filosofia de jovem donzela ou talvez seja assim que deva ser... (*Encolhe os ombros*). Quem sabe? (*Alegremente*). Sasha, palavra de honra que sou uma pessoa decente!... Julga por ti própria. Eu sempre gostei de filosofar, mas nunca na minha vida disse que “as nossas mulheres não prestam”, ou que “certa mulher seguiu por mau caminho”. Sentia-me apenas agradecido, nada mais! Nada mais! Minha querida menina, como és tu engraçada! E eu, que tolo e ridículo sou. Perturbo toda a gente e lamento-me dias a fio. (*Ri-se*). Bu-u! Bu-u! (*Afasta-se rapidamente*). Vá, agora, vai-te embora, Sasha! Nós deixámo-nos enlevar...

SASHA – Sim, está na altura de ir embora. Adeus! Receio que o honesto do teu médico, levado pelo sentido do dever, já tenha denunciado a Anna Petrovna que estou aqui. Escuta. Vai já ter com a tua esposa e fica lá sentado o tempo que for necessário. Se for necessário um ano, fica lá um ano. Se dez, fica lá dez anos. Cumpre com o teu dever. E sofre e pede-lhe perdão e chora. É assim que deve ser. E, acima de tudo, não te esqueças do trabalho.

IVANOV – Sinto-me, outra vez, como se tivesse comido demasiados cogumelos amanitas mata-moscas. Outra vez!

SASHA – Bem, que Deus te proteja! Não precisas de pensar em mim! Dentro de duas semanas escreve-me uma linha, que eu agradeço E eu escrever-te-ei...

Borkin espreita pela porta.

CENA VIII

Os mesmos e BORKIN

BORKIN – Nikolai Alekseevich, posso? (*Ao ver Sasha*). Peço desculpa, não estou a ver... (*Entra*). Bonjour!

SASHA (*Envergonhada*) – Olá...

BORKIN – Estás mais gorda, mais bonita.

SASHA (*Para Ivanov*) – Então vou-me embora, Nikolai Alekseevich... Vou-me embora. (*Sai*).

BORKIN – Uma visão maravilhosa! Ia à procura da prosa, mas deparo-me com a poesia...
(*Canta*) “Surgiste à luz como avezinha...”

Ivanov caminha entusiasmado pelo palco.

Borkin – (*Senta-se*). E nela, Nicolas, há algo que não há nas outras. Não é verdade? Algo de especial... de fantasmagórico... (*Suspira*). De facto, ela é a noiva mais rica de todo o condado, mas a mamã é tão rabugenta que ninguém se vai querer envolver. Depois da morte dela, tudo ficará para a Sashenka, mas até lá, ela dar-lhe-á dez mil rublos, um ferro de frisar e outro de engomar e ainda a manda curvar-se a seus pés. (*Remexe nos bolsos*). Fumemos um charuto “De Los Majores”. Quer? (*Estende a cigarreira*). São bons, fumam-se.

IVANOV (*Dirige-se a Borkin, sufocado pela raiva*) – Saia imediatamente da minha casa para fora! (*Borkin levanta-se e deixa cair o charuto.*) Saia já daqui!

BORKIN – Nicolas, mas que é que se passa? Por que está zangado?

IVANOV – Porquê? Onde é que arranjou esses charutos? E acha que eu não sei onde e por que razão leva o velho todos os dias?

BORKIN (*Encolhe os ombros*) – E o que é que isso tem a ver consigo?

IVANOV – Canalha! Todos esses planos infames que anda a espalhar por todo o concelho, fizeram de mim um homem desonesto aos olhos das pessoas! Não temos nada em comum e peço-lhe que saia já da minha casa! (*Afasta-se rapidamente*).

BORKIN – Sei que está a dizer isso tudo por despeito, por isso não me vou zangar consigo. Insulte à vontade... (*Apanha o charuto*). Está na hora de largar essa melancolia. Já não é nenhum estudante...

IVANOV – O que é que eu lhe disse? (*Tremendo*). Está a brincar comigo?

Anna Petrovna entra.

CENA IX

Os mesmos e ANNA PETROVNA

BORKIN – Aqui está Anna Petrovna... Vou-me embora. (*Sai*).

Ivanov pára junto à mesa, cabisbaixo.

ANNA PETROVNA (*Após uma pausa*) – Por que veio ela agora aqui? (*Pausa.*) Estou a perguntar-te. Por que veio ela aqui?

IVANOV – Não perguntes, Anyuta. (*Pausa.*) A culpa é toda minha. Pensa no castigo que me queres dar, eu suportarei tudo, mas... não perguntes... Não tenho forças para falar.

ANNA PETROVNA (*Furiosa*) – Por que estava ela aqui? (*Pausa.*) Ah, então é assim que tu és! Agora compreendo-te. Finalmente vejo que pessoa és tu. Desonesto, baixo... Lembras-te, quando vieste e me mentiste que me amavas... Eu acreditei e deixei o meu pai, a minha mãe, a minha fé e segui-te... Mentiste-me ao falar sobre a verdade, sobre a bondade, sobre os teus planos honestos. Eu acreditei em cada uma das tuas palavras...

IVANOV – Anyuta, eu nunca te menti...

ANNA PETROVNA – Vivi contigo durante cinco anos, fui definhando e fiquei doente, mas amava-te e não te deixei um único instante... Eras o meu ídolo... E depois? Durante todo este tempo tu enganaste-me da forma mais descarada possível...

IVANOV – Anyuta, não digas mentiras. Eu enganei-me, sim, mas nunca menti na minha vida... Disso não me podes censurar...

ANNA PETROVNA – Agora percebo tudo... Casaste comigo e pensaste que o meu pai e a minha mãe me perdoariam e me dariam dinheiro... Foi isso que pensaste...

IVANOV – Oh, meu Deus! Anyuta, não ponhas à prova a minha paciência... (*Chora.*)

ANNA PETROVNA – Cala-te! Quando viste que não havia dinheiro, começaste um novo jogo... Agora lembro-me e percebo tudo. (*Chora.*) Tu nunca me amaste nem me foste fiel... Nunca!...

IVANOV – Anna, isso é uma mentira!... Diz o que quiseres, mas não me insultes com mentiras...

ANNA PETROVNA – Tu és um homem desonesto e baixo... Deves dinheiro ao Lebedev e agora, para fugires à dívida, queres dar a volta à cabeça da sua filha, enganá-la tal como me enganaste a mim. Não é verdade?

IVANOV (*Ofegante*) – Cala-te, por amor de Deus! Não posso responder por mim... Estou a sufocar de raiva, e... posso ofender-te...

ANNA PETROVNA – Sempre me enganaste descaradamente, e não foi só a mim... Tu atribuíste a Borkin a culpa de todos os teus atos desonestos, mas agora sei quem é o responsável...

IVANOV – Anna, cala-te, vai-te embora, senão perco o tento na língua. Estou tentado a dizer-te algo terrível, ofensivo... (*Grita*). Cala-te, sua judia!...

ANNA PETROVNA – Não me calo... Tu enganaste-me durante demasiado tempo, para que eu fique calada...

IVANOV – Então não te calas? (*Debate-se consigo mesmo.*) Pelo amor de Deus...

ANNA PETROVNA – Agora vai lá enganar o Lebedev...

IVANOV – Então fica a saber que... vais morrer em breve... O médico disse-me que vais morrer em breve...

ANNA PETROVNA (*Senta-se, com voz trémula*) – Quando é que ele disse isso?

Pausa.

IVANOV (*Agarrando a cabeça*) – Como sou culpado! Meu Deus, que culpado eu sou! (*Soluçando*).

A cortina cai.

Decorreu cerca de um ano entre o terceiro e quarto atos.

ATO IV

Uma das salas de receção de convidados na casa dos Lebedev. Diante do arco que separa a sala do salão nobre, à direita e à esquerda, há portas. Veem-se uma peça antiga em bronze e retratos de família. A decoração é festiva. Há um piano, sobre ele um violino, ao lado, de pé, está um violoncelo. Durante todo este ato, os convidados circulam pelo salão, envergando trajes de baile.

CENA I

LVOV

LVOV (*Entra e olha para o relógio*) – Já passa das quatro. A bênção deve estar a começar... Serão abençoados e depois levados ao altar. Aqui está o triunfo da virtude e da verdade! Não tendo conseguido roubá-la, ele torturou Sara até à morte e logo encontrou outra. Perante esta, será também hipócrita, enquanto não a roubar e, depois de roubada, quem nos diz que não a manda para o mesmo sítio onde jaz a pobre Sara. Uma velha história de culaques³¹... (*Pausa.*) Ele está no sétimo céu da felicidade, viverá bem até uma idade muito avançada e morrerá com a consciência tranquila. Não, eu vou expor-te! Quando eu te arrancar essa maldita máscara e quando todos ficarem a saber que pássaro tu és, voarás a pique do sétimo céu até um poço tão fundo, de onde nem o diabo te tirará! Eu sou um homem honesto, a minha missão é intervir e abrir os olhos aos cegos. Vou cumprir com o meu dever e, amanhã, vou-me embora deste maldito concelho! (*Pondera*). Mas como devo eu agir? É uma perda de tempo entrar em explicações com os Lebedev. Devo desafiá-lo para um duelo? Ou armar um escândalo? Meu Deus, estou preocupado que nem um rapazinho e perdi completamente a capacidade de pensar. Que hei de fazer? Um duelo?

CENA II

LVOV e KOSYKH

KOSYKH (*Entra e dirige-se alegremente a Lvov*) – Ontem anunciei um pequeno cheleme de paus, mas acabei por fazer um grande, só que Barabanov voltou a estragar-me o jogo todo! Estávamos nós a jogar e eu digo-lhe: sem trunfos. Ele passa. Dois de paus. Ele passa. Eu lanço dois de ouros... três de paus... e, imagine só, veja se imagina, eu declaro um cheleme, mas ele não mostra o ás dele. Se o sacana tivesse mostrado o ás, eu teria declarado um grande cheleme sem trunfo...

LVOV – Lamento, mas não jogo às cartas e, por isso, não posso partilhar o seu entusiasmo. A bênção está para breve?

³¹ NdT: Na Rússia do séc. XIX e início do séc. XX, designavam-se assim os fazendeiros ou camponeses, proprietários de terras, exploradas com recurso a trabalhadores assalariados.

KOSYKH – Deve ser em breve. Estão a ajudar a Zinaida a vir a si. Ela chora que nem uma baleia. Tem pena do dote.

LVOV – E da filha não?

KOSYKH – Do dote. Sim, é uma pena. Se ele se casar, não vai pagar a dívida. Não se protestam as letras do genro.

CENA III

Os mesmos e BABAKINA.

BABAKINA (*Muito aperaltada, atravessa o palco, passando por Lvov e Kosykh; este último solta um risinho; ela olha em redor*) – Pateta!

Kosykh toca-lhe na cintura com o dedo e dá uma gargalhada.

BABAKINA – Campónio! (*Sai*).

KOSYKH (*Ri às gargalhadas*) – A mulher é completamente louca! Enquanto não lhe subiu à cabeça a ideia de ser condessa, ela era uma mulher como qualquer outra, mas agora está intratável. (*Em tom agastado*). Campónio!

LVOV (*Agitado*) – Ouça, diga-me com sinceridade: qual é a sua opinião sobre Ivanov?

KOSYKH – Não vale nada. Joga mal que nem um sapateiro. No ano passado, na Quaresma, ocorreu um caso desses. Sentamo-nos a jogar, eu, o conde, Borkin e ele. Eu a dar as cartas...

LVOV (*Interrompendo*) – Ele é boa pessoa?

KOSYKH – Ele? É um finório! Um espertalhão que já passou por tudo. Ele e o conde fazem um lindo par. Detetam, pelo faro, tudo aquilo de que podem lançar mão. Deu de encontro com a judiazinha, mas teve azar e agora está a fazer-se aos cofres da Zinaida. E seja eu amaldiçoado, aposto como dentro de um ano leva a Zinaida à miséria. Ele à Zinaida e o conde à Babakina. Levam-lhes o dinheiro e viverão felizes para sempre. Doutor, por que está hoje tão pálido? Está branco como a cal.

LVOV – Não é nada. Ontem bebi demasiado.

CENA IV

Os mesmos, LEBEDEV e SASHA

LEBEDEV (*Entrando com Sasha*) – Vamos falar aqui. (*Para Lvov e Kosykh*). Queiram sair, seus zulus, ide ter com as jovens senhoras ao salão. Precisamos de falar em privado.

KOSYKH (*Passando por Sasha, estala os dedos com admiração*) – Que belo quadro! Uma verdadeira dama de trunfo!

LEBEDEV – Vai lá embora, homem das cavernas, vai lá!

Lvov e Kosykh saem.

LEBEDEV – Senta-te, Sachenka, é assim... (*Senta-se e olha à sua volta*). Ouve com atenção e com o devido respeito. O que se passa é o seguinte: a tua mãe ordenou-me que te dissesse o seguinte... Percebes? Não é em meu nome que falo. Foi a tua mãe que me mandou que o fizesse.

SASHA – Sê breve, papá!

LEBEDEV – O teu dote é de quinze mil rublos em prata... É assim... Ouve para que não haja depois conversas! Espera! Isto é só o começo, o melhor está para vir. O teu dote é de quinze mil rublos, mas tendo em conta que Nikolai Alekseevich deve nove mil à tua mãe, esse valor será subtraído ao teu dote... Bom, além disso...

SASHA – Por que me estás a dizer isso?

LEBEDEV – A tua mãe mandou!

SASHA – Deixem-me em paz! Se tivesses um pouco de respeito por mim e por ti, não te permitirias falar comigo dessa maneira. Não preciso do vosso dote! Não pedi, nem pedirei!

LEBEDEV – Porque é que te atiras a mim? Em Gogol, as duas ratazanas primeiro farejaram e só depois se foram embora,³² já tu, uma rapariga emancipada, sem farejar, atiras-te a mim.

³² NDT: Referência à obra *O Inspetor Geral*, de Nikolai Gogol.

SASHA – Deixem-me em paz, não ofendam os meus ouvidos com os vossos cálculos mesquinhos.

LEBEDEV (*Em cólera*) – Safa! Vocês todos vão levar a que eu me corte com uma faca ou que apunhale alguém! Uma não pára de chorar o dia todo, de importunar, de rezingar, de contar copeques³³, e esta aqui, inteligente, humana, que diabo, emancipada, não consegue compreender o seu próprio pai! Estou a insultar os seus ouvidos! Ora, antes de vir aqui insultar os teus ouvidos, eu estava ali... (*Aponta para a porta*) A ser desfeito em pedaços, a ser esquartejado. Ela não consegue perceber! Deram-vos a volta à cabeça e perderam a transmontana... Não me aborreçam! (*Dirige-se para a porta e pára*) Não gosto, não gosto de nada em vocês!

SASHA – De que é que não gostas?

LEBEDEV – Não gosto de nada! De nada!

SASHA – De nada?

LEBEDEV – Por isso, vou sentar-me à tua frente e vou contar-te. Não gosto de nada, nem sequer quero assistir a este teu casamento! (*Dirige-se a Sasha e falando carinhosamente*). Tu, desculpa Sachenka, pode ser que o teu casamento seja inteligente, honesto, elevado, com princípios, mas há algo de errado nisto! Ele não se assemelha aos outros casamentos. Tu és jovem, fresca, pura como um cristal, bonita, já ele é um viúvo, gasto e arruinado. E, que Deus lhe valha, mas eu não o entendo. (*Dá um beijo à filha*). Sachenka, desculpa, mas há algo de errado nisso. As pessoas já falam muito. Não percebem lá muito bem como essa Sara morreu e como depois, de repente, ele quis casar contigo... (*Vivamente*.) Mas pensando bem, pareço mesmo uma coscuvilheira, um velho de saias. Não me dês ouvidos. Não ouças ninguém, ouve-te só a ti própria.

SASHA – Papá, eu própria sinto que algo não está bem... Não está bem, não está. Se soubesses como é difícil para mim! É insuportável! Tenho vergonha e medo de o admitir. Papá, meu querido pai, anima-me, por amor de Deus... Diz-me o que devo fazer.

LEBEDEV – Como assim? Que queres tu dizer?

SASHA – Tenho medo como nunca tive! (*Olha em seu redor*). Tenho a impressão de não o compreender e de nunca vir a compreendê-lo. Durante todo o tempo em que fui sua noiva,

³³ NdT: *Moeda russa que vale um centésimo do rublo.*

ele nunca sorriu, nunca me olhou diretamente nos olhos. Sempre a queixar-se, a arrepender-se de alguma coisa, a aludir a alguma culpa, a estremecer... Estou cansada. Há até momentos em que parece que... não o amo tanto quanto deveria. E quando ele vem a nossa casa ou fala comigo, fico aborrecida. Que significa tudo isto, papá? Tenho medo!

LEBEDEV – Minha querida, minha única filha, ouve o teu velho pai. Recusa-o!

SASHA (*Assustada*) – Que dizes tu?

LEBEDEV – A sério, Sachenka. Haverá um escândalo, todo o concelho irá dar à língua, mas é melhor passar por um escândalo do que dar cabo de si próprio para o resto da vida.

SASHA – Não digas isso, não digas isso, papá! Nem quero ouvir. Tenho de lutar contra os pensamentos sombrios. Ele é um homem bom, infeliz e incompreendido; eu vou amá-lo, vou compreendê-lo, vou pô-lo de pé. Vou cumprir a minha missão. Está decidido!

LEBEDEV – Isso não é uma missão, mas sim uma obsessão.

SASHA – Chega. Confessei-te o que não queria admitir nem a mim própria. Não digas a ninguém. Esquece.

LEBEDEV – Não percebo nada. Ou estou a ficar burro devido à idade ou, então, são vocês todos que se tornaram muito inteligentes e só eu estou condenado a não perceber completamente nada.

CENA V

Os mesmos e SHABELSKY

SHABELSKY (*entrando*) – O diabo que os carregue a todos e a mim também! É escandaloso!

LEBEDEV – Que tens tu?

SHABELSKY – Não, a sério, eu preciso a todo o custo de cometer uma canalhice qualquer, uma maldade para que não só eu, mas também toda a gente fique revoltada com isso. E vou mesmo fazê-lo. Palavra de honra! Já disse ao Borkin para anunciar hoje o meu noivado. (*Ri-se*). Já que todos são vis, eu também o serei.

LEBEDEV – Estou farto de ti! Ouve, Matvey, se continuas a dizer tais coisas, acabarão por te mandar, passe a expressão, para o manicómio.

SHABELSKY – E por que razão seria um manicómio pior do que qualquer outra casa? É um favor que me fazes, se me lebares para lá agora mesmo. Faz-me esse favor. São todos maus, mesquinhos, insignificantes, incompetentes, eu próprio nada valho e já não acredito numa única palavra do que digo...

LEBEDEV – Sabes que mais, meu velho? Põe um fitilho na boca, acende-o e sopra o fumo na cara das pessoas. Ou melhor ainda, pega no teu chapéu e vai para casa. Isto é um casamento, todos se estão a divertir e tu aqui a grasnar como um corvo. Sim, é verdade... (*Shabelsky inclina-se sobre o piano e soluça.*) Meu Deus!... Matvey!... Conde!... O que é que se passa contigo? Matvey, meu irmão... meu anjo... ofendi-te? Perdoa-me, não passo de um cão velho... Perdoa a este bebedor... Bebe um pouco de água...

SHABELSKY – Não é preciso. (*Levanta a cabeça.*)

LEBEDEV – Por que choras?

SHABELSKY – Por nada, só...

LEBEDEV – Não, Matvey, não mintas... Porquê? Qual é a razão?

SHABELSKY – Olhei agora para este violoncelo e... e lembrei-me da judiazinha...

LEBEDEV – Mas de que te foste tu lembrar agora! Que Deus guarde a sua alma em eterno descanso, só não é este o momento para o lembrar...

SHABELSKY – Nós costumávamos tocar duetos juntos... Uma mulher maravilhosa, excelente!

Sasha soluça.

LEBEDEV – Tu também? Vá, domina-te. Meu Deus, estão os dois a chorar, mas eu... eu... Pelo menos saiam daqui, se não os convidados vão ver!

SHABELSKY – Pavel, quando o sol brilha, até no cemitério se é feliz. Quando há esperança, até a velhice é boa. Só eu não tenho nenhuma esperança, nenhuma!

LEBEDEV – Sim, a coisa não está fácil para ti... Não tens nem filhos, nem dinheiro, nem ocupação... Que se há de fazer? (*Para Sasha*) E tu que tens?

SHABELSKY – Pasha, dá-me dinheiro. No outro mundo, saldamos as contas. Irei a Paris ver a campa da minha mulher. Na minha vida dei muito, reparti metade da minha fortuna e, por isso, tenho o direito de pedir. Além disso, estou a pedir a um amigo...

LEBEDEV (*Confuso*) – Meu caro amigo, eu não tenho um copeque que seja! Pensando melhor, está bem, está bem. Quer dizer, não o prometo, percebes... muito bem, muito bem! (*À parte*). Mas que martírio!

CENA VI

Os mesmos, BABAKINA e, depois, ZINAIDA SAVISHNA

BABAKINA (*Entra*) – Onde está o meu cavaleiro? Conde, como se atreve a deixar-me sozinha? Ui, que maroto! (*Bate na mão do Conde com o leque*).

SHABELSKY (*Com repugnância*) – Deixe-me em paz! Odeio-a!

BABAKINA (*Surpreendida*) – O quê?... hã?...

SHABELSKY – Afaste-se daqui!

BABAKINA (*Cai numa poltrona*) – Ai! (*Chora.*)

ZINAIDA SAVISHNA (*Entra a chorar*) – Acabou de chegar alguém... Parece ser o padrinho do noivo. Está na hora da bênção... (*Soluça*).

SASHA (*Suplicante*) – Mamã!

LEBEDEV – Mas está toda a gente numa choradeira! Belo quarteto! Chega de humidade! Matvey!... Marfa Egorovna!... Assim, vão acabar por me fazer chorar... (*Chora.*) Oh, meu Deus!

ZINAIDA SAVISHNA – Se não precisas mais da tua mãe, se já não lhe obedeces... então dou-te o prazer de teres a minha bênção...

Entra Ivanov, de fraque e luvas.

CENA VII

Os mesmos e IVANOV

LEBEDEV – Só me faltava isto! O que se passa?

SASHA – Por que estás tu aqui?

IVANOV – Desculpem, cavalheiros, permitam-me falar a sós com a Sasha.

LEBEDEV – Vai contra as regras vir ter com a noiva antes do casamento! Está na hora de ires para a igreja!

IVANOV – Pavel, peço-te...

Lebedev encolhe os ombros; ele, Zinaida Savishna, o conde e Babakina saem.

CENA VIII

IVANOV e SASHA

SASHA (*De forma severa*) – De que precisas tu?

IVANOV – Estou a ferver de raiva, mas consigo falar com sangue frio. Ouve. Estava agora a vestir-me para o casamento, olhei-me de relance ao espelho e vejo que tenho nas têmporas... cabelos brancos. Não, Sachenka! Antes que seja tarde demais, temos de parar com esta comédia sem sentido... Tu és jovem, és pura, tens a vida pela frente, e eu...

SASHA – Nada disso é novidade para mim, já o ouvi milhares de vezes e estou farta! Vai para a igreja, não faças esperar as pessoas.

IVANOV – Eu agora vou para casa e tu vais anunciar aos teus que não vai haver casamento. Explica-lhes isso de alguma maneira. Está na hora de ganharmos juízo. Eu fiz de Hamlet e tu de sublime donzela, mas agora chega.

SASHA (*a ferver de cólera*) – Que tom é esse? Não te quero ouvir.

IVANOV – Mas eu digo e repito.

SASHA – Porque vieste? Os teus queixumes estão a transformar-se em escárnio.

IVANOV – Não, eu já não me queixo! Escárnio? Sim, estou a fazer troça. E se fosse possível rir-me de mim próprio de forma mil vezes mais forte e fazer com que todo o mundo se ria, eu fá-lo-ia! Olhei-me de relance ao espelho e foi como se o âmago da minha consciência rebentasse! Ri-me de mim próprio e quase enlouqueci de vergonha. (*Ri-se*). Melancolia! Nobre nostalgia! Vaga dor! Pouco falta para escrever poesia. Gemer, lamentar-me como um Lázaro, entristecer as pessoas, aperceber-me que perdi para sempre a força de viver, que estou enferrujado, que vivi o que tinha a viver, que sucumbi à fraqueza e que me atolei até às orelhas nesta vil melancolia, dar-me conta disso enquanto o sol brilha intensamente, quando até a formiga arrasta o seu fardo e está satisfeita consigo mesma – não, muito obrigado. Ver como uns te consideram um charlatão, outros têm pena de ti, aqueles outros te estendem uma mão amiga, enquanto outros há – e isso é ainda pior – que escutam com devoção os meus suspiros, que olham para ti como se fosses um segundo Maomé, na esperança que, de um momento para o outro, lhes anuncies uma nova religião... Não, graças a Deus, ainda tenho orgulho e consciência! Quando vinha para cá ria-me de mim próprio, e parecia-me que de mim se riam os pássaros, as árvores...

SASHA – Isso não é raiva, é loucura!

IVANOV – Achas? Não, eu não estou louco. Agora eu vejo as coisas à sua verdadeira luz, e o meu pensamento é tão puro, quanto a tua consciência. Nós amamo-nos, mas o nosso casamento não se pode realizar! Eu próprio, posso zangar-me e ser azedo o quanto eu quiser, mas não tenho o direito de arruinar a vida dos outros! Com os meus queixumes, eu envenenei o último ano de vida da minha mulher. Enquanto minha noiva, desaprendeste a rir e envelheceste cinco anos. O teu pai, para quem tudo era claro na vida, graças a mim deixou de compreender as pessoas. Quer eu vá a uma reunião, em visita a alguém, à caça, onde quer que vá, levo comigo o tédio, o desânimo e o descontentamento. Espera, não me interrompas! Sou brusco, cruel, mas, perdoa-me, a raiva sufoca-me e não consigo falar de outra forma. Nunca menti, não maldisse a vida, mas, tendo-me tornado um descontente, contra minha vontade e sem dar por isso, maldigo-a, digo mal da minha sorte, queixo-me, quem me ouve fica contagiado pelo meu asco pela vida e começam também a maldizê-la. E com que tom! É como se eu, ao viver, estivesse a fazer um favor à natureza. Maldito eu seja!

SASHA – Pára... Do que acabaste de dizer, decorre que estás farto de te lamentar e que chegou a hora de começar uma nova vida!... E isso é ótimo!...

IVANOV – Não vejo nada de bom nisso. E que vida nova é essa? Estou perdido e isso é irreversível! É hora de ambos entendermos isso. Uma vida nova!

SASHA – Nikolai, vê se caís em ti. Onde foste tu buscar que estás perdido? Que tipo de cinismo é esse? Não, não quero falar, nem ouvir mais nada... Vai para a igreja!

IVANOV – Estou perdido!

SASHA – Não grites assim, os convidados podem ouvir!

IVANOV – Se uma pessoa inteligente, instruída e saudável, sem razão aparente, começa a lamentar-se como um Lázaro e a rebolar em plano inclinado, então a queda será rápida e não haverá nada que a salve! E onde está a minha salvação? Em quê? Não posso beber, pois o vinho faz-me doer a cabeça, não sei escrever maus versos; não consigo rezar pela minha preguiça espiritual e ver nela algo de elevado. Não posso. Preguiça é preguiça, fraqueza é fraqueza. Chamemos as coisas pelos seus nomes. Estou perdido, acabado e nada mais há a dizer sobre isso! (*Olha à sua volta*). Pode chegar alguém. Escuta. Se me amas, então ajuda-me. Agora mesmo, desiste de mim, já! Depressa...

SASHA – Ai, Nikolai, se tu soubesses o quanto estou cansada, o quanto a minha alma está exausta por tua causa! Tu és bom e inteligente, tenta refletir. Como é possível levantar tais problemas? Não há um dia que passe sem um novo problema, cada um mais difícil do que o outro... Eu queria um amor ativo, mas isto é um martírio!

IVANOV – E quando te tornares minha esposa os problemas serão ainda mais difíceis. Desiste! Compreende: não é o amor que fala em ti, mas a teimosia de uma natureza honesta. Tu estabeleceste por objetivo ressuscitar a todo o custo em mim o ser humano, salvar-me e sentias-te lisonjeada pela ideia de estares a cometer uma proeza... Agora estás pronta a recuar, mas um falso sentimento impede-te de o fazeres. Compreende!

SASHA – Que lógica estranha e absurda a tua! Mas como posso eu renunciar a ti? Como renuncio eu? Não tens nem mãe, nem irmã, nem amigos... Estás arruinado, a tua propriedade foi sendo roubada aos bocados, és caluniado por toda a parte...

IVANOV – Foi tolo vir aqui. Devia ter agido como queria.

Lebedev entra.

CENA IX

Os mesmos e LEBEDEV

SASHA (*Corre ao encontro do pai*) – Papá, por amor de Deus, ele correu até aqui como um louco e não pára de me atormentar! Ele exige que eu renuncie a ele, não quer arruinar a minha vida. Diz-lhe que não necessito da sua grandeza de alma! Eu sei o que estou a fazer.

LEBEDEV – Não percebo nada... Que grandeza de alma?

IVANOV – Não vai haver casamento!

SASHA – Vai, sim! Pai, diz-lhe que vai haver casamento!

LEBEDEV – Espera, espera!... Por que não queres tu que haja casamento?

IVANOV – Já lhe expliquei porquê, mas ela não quer entender.

LEBEDEV – Não, não é a ela, mas sim a mim que tens de explicar, para que eu entenda! Ai, Nikolai Alekseevich! Deus te julgará! Tu lançaste tanta confusão na nossa vida que tenho a impressão de viver entre pessoas estranhas e bizarras: olho em volta e não percebo nada... Que suplício... Que queres tu que este velho faça contigo? Que te desafie para um duelo?

IVANOV – Não é preciso nenhum duelo. Só é preciso ter a cabeça no lugar e perceber a língua russa.

SASHA (*Caminha agitada pelo palco*) – Isto é terrível! Parece uma criança!

LEBEDEV – Nada mais há a fazer! Só nos resta erguer as mãos e mais nada. Ouve, Nikolai! Na tua opinião, tudo isto é inteligente, subtil, de acordo com todas as regras da psicologia, só que, na minha opinião, isto é um escândalo e uma desgraça. Ouve este velho homem pela última vez! O que eu te digo é que acalmes o teu espírito! Olha para as coisas com simplicidade, como toda a gente! É tão simples quanto isso! Neste mundo, tudo é simples. O teto é branco, as botas são pretas, o açúcar é doce. Tu amas a Sasha, ela ama-te. Se amas, fica, se não amas, vai embora, não guardaremos ressentimento. É tão simples quanto isso! Ambos são pessoas saudáveis, inteligentes, decentes e, graças a Deus, têm de comer e de vestir... De que mais precisas tu? Não tens dinheiro? Que importância tem isso! A felicidade não está no dinheiro... Claro que compreendo... a tua propriedade está hipotecada, não tens como pagar os juros, mas eu como pai, compreendo... A mãe que faça o que quiser, é lá com

ela; se não quer dar dinheiro, que não dê. A Sachenka diz que não precisa de dote. São princípios, Schopenhauer... Tudo isso são ninharias... Eu tenho dez mil rublos escondidos no banco. (*Olha em redor*). Cá em casa nem o cão sabe da sua existência... É herança da avó... É para os dois... Peguem, mas como palavra dada vale mais que dinheiro, deem dois mil ao Matvey...

Os convidados reúnem-se no salão.

IVANOV – Pavel, não vale a pena falar. Eu faço o que me manda a consciência.

SASHA – E eu ajo como manda a minha. Podes dizer o que quiseres, que eu não te vou deixar ir embora. Vou chamar a mamã.

Ela sai.

CENA X

IVANOV e LEBEDEV

LEBEDEV – Não percebo nada...

IVANOV – Ouve, meu velho amigo... Não vou explicar-te aqui quem eu sou: se honesto ou vil, se saudável ou psicopata. Tu não o poderias entender. Eu fui jovem, feroso, sincero, inteligente; amei, odiei e acreditei como ninguém é capaz de o fazer, trabalhei por dez e por dez tive esperança, lutei contra moinhos de vento, bati com a cabeça na parede; sem medir as minhas forças, sem refletir, sem conhecer a vida, carreguei com um fardo que logo me derreou e me deixou extenuado; estava ansioso por agir, por gastar a juventude, sentia-me inebriado, entusiasmado, e trabalhei, sem conhecer limites. E diz-me: será que poderia ter sido de outra forma? É que nós somos poucos e o trabalho é muito, mesmo muito! Meu Deus, quanto! E olha quão cruelmente a vida, que eu combati, se vingou de mim! Estou acabado! Aos trinta anos, já estou a pagar a fatura, já estou velho e de roupão. Erro entre as pessoas, com a cabeça pesada e a alma preguiçosa, cansado, martirizado, abatido, sem fé, sem amor, sem um objetivo, como uma sombra, sem saber quem sou, por que vivo e o que quero. E já me parece que o amor é um disparate, que as carícias são repugnantes, que o trabalho não serve para nada, que as canções e os discursos inflamados são vulgares e velhos. E para todo o lado levo comigo a tristeza, o tédio frio, o descontentamento, a aversão à vida...

Estou irremediavelmente perdido! Diante de ti está um homem que, aos trinta e cinco anos, já está cansado, desiludido, esmagado pelas suas façanhas insignificantes. A vergonha consome-o e ele ri-se da sua própria fraqueza... Oh, como o meu orgulho se revolta dentro de mim e que raiva me sufoca! (*Cambaleando*). Olha o que fiz de mim! Até já cambaleio... Estou fraco. Onde está o Matvey? Ele que me leve para casa.

Voices na sala: “O padrinho do noivo chegou!”.

CENA XI

Os mesmos, SHABELSKY, BORKIN e, depois, LVOV e SASHA

SHABELSKY (*Entra*) – E aqui estou eu, envergando um fraque emprestado e gasto... sem luvas... e quantos olhares trocistas, piadas tolas e sorrisos vulgares por causa disso... Que gentinha abominável!

BORKIN (*Entra rapidamente com um ramo de flores, de fraque e com uma flor de padrinho na lapela*) – Ufa! Onde está ele? (*Para Ivanov*). Há muito tempo que o esperam na igreja e, em vez disso, está para aqui a filosofar. Mas que comediante! É mesmo um comediante! É que não é com a noiva que tem de ir, mas sim comigo e depois venho da igreja buscar a noiva. Será que nem isso consegue perceber? É mesmo um comediante!

LVOV (*Entra, para Ivanov*) – Ah, está aqui? (*Em voz alta*). Nikolai Alekseevich Ivanov, declaro publicamente que o senhor é um canalha!

IVANOV (*impassível*) – Muito agradecido.

Confusão geral.

BORKIN (*para Lvov*) – Meu caro senhor, isso é infame! Desafio-o para um duelo!

LVOV – Senhor Borkin, considero humilhante para mim não só bater-me, mas até falar consigo! Quanto ao senhor Ivanov, ele pode exigir de mim satisfações, quando lhe aprouver.

SHABELSKY – Meu caro senhor, eu bater-me-ei consigo!

SASHA (*Para Lvov*) – Porquê? Porque o insultou? Meus senhores, permitam que ele que me diga a mim, porquê?

LVOV – Alexandra Pavlovna, eu ofendi-o não sem razão. Eu vim aqui, enquanto homem honesto, para vos abrir os olhos e peço-vos que me ouçam.

SASHA – Que pode o senhor dizer? Que é um homem honesto? Isso todo o mundo o sabe! É melhor que me diga em consciência, o senhor compreende-se a si próprio ou não? Entrou aqui agora mesmo como um homem honesto e insulta-o de forma tão afrontosa que quase me matou. Dantes, quando o perseguia como uma sombra e o impedia de viver, o senhor tinha a certeza de estar a cumprir com o seu dever, de ser um homem honesto. O senhor intrometia-se na sua vida privada, dizia mal dele e condenava-o; sempre que podia, bombardeava-nos, a mim e a todos os seus conhecidos, com cartas anónimas, pensando sempre que era um homem honesto. E crente de agir honestamente, o senhor, um médico, nem mesmo a esposa dele doente poupou, não lhe dando sossego com as suas suspeitas. E fosse qual fosse a agressão ou ato vil e cruel que fizesse, o senhor continuava a acreditar ser uma pessoa extraordinariamente honesta e avançada!

IVANOV (*Rindo*) – Isto não é um casamento, mas sim um parlamento! Bravo, bravo!...

SASHA (*Para Lvov*) – E agora pense bem, o senhor compreende-se a si próprio, ou não? Que gente estúpida e sem coração! (*Pega na mão de Ivanov*) Vamos embora daqui, Nikolai! Pai, vamos embora!

IVANOV – Vamos embora? Para onde? Espera, vou acabar com isto agora mesmo! A minha juventude acordou em mim, o antigo Ivanov começou de novo a falar!

Puxa de um revólver.

SASHA (*Dá um grito*) – Eu sei o que ele quer fazer! Nikolai, por amor de Deus!

IVANOV – Demorei a descer a encosta, chegou a hora de parar! É hora de partir! Afastem-se! Obrigado, Sasha!

SASHA (*Gritando*) – Nikolai, por amor de Deus! Detenham-no!

IVANOV – Deixem-me!

Afasta-se a correr para o lado e dá um tiro na cabeça.

FIM

Апехо I – Реца *Ivanov*

Действующие лица

Иванов Николай Алексеевич, неперенный член по крестьянским делам присутствия.

Анна Петровна, его жена, урожденная Сарра Абрамсон.

Шабельский Матвей Семенович, граф, его дядя по матери.

Лебедев Павел Кириллыч, председатель земской управы.

Зинаида Саввишна, его жена.

Саша, дочь Лебедевых, 20-ти лет.

Львов Евгений Константинович, молодой земский врач.

Бабакина Марфа Егоровна, молодая вдова, помещица, дочь богатого купца.

Косых Дмитрий Никитич, акцизный.

Боркин Михаил Михайлович, дальний родственник Иванова и управляющий его имением.

Авдотья Назаровна, старуха с неопределенною профессией.

Егорушка, нахлебник Лебедевых.

1-й гость.

2-й гость.

3-й гость.

4-й гость.

Петр, лакей Иванова.

Гаврила, лакей Лебедевых.

Гости обоего пола, лакеи.

Действие происходит в одном из уездов средней полосы России.

Действие первое

Сад в имении Иванова. Слева фасад дома с террасой. Одно окно открыто. Перед террасой широкая полукруглая площадка, от которой в сад, прямо и вправо, идут аллеи. На правой стороне садовые диванчики и столики. На одном из последних горит лампа. Вечереет. При поднятии занавеса слышно, как в доме разучивают дуэт на рояле и виолончели.

I

Иванов и Боркин.

Иванов сидит за столом и читает книгу. Боркин, в больших сапогах, с ружьем, показывается в глубине сада; он навеселе; увидев Иванова, на цыпочках идет к нему и, поравнявшись с ним, прицеливается в его лицо.

Иванов (*увидев Боркина, вздрагивает и вскакивает*). Миша, бог знает что... вы меня испугали... Я и так расстроен, а вы еще с глупыми шутками... (*Садится.*) Испугал и радуется...

Боркин (*хохочет*). Ну, ну... виноват, виноват. (*Садится рядом.*) Не буду больше, не буду... (*Снимает фуражку.*) Жарко. Верите ли, душа моя, в какие-нибудь три часа семнадцать верст отмахал... замучился... Пощупайте-ка, как у меня сердце бьется...

Иванов (*читая*). Хорошо, после...

Боркин. Нет, вы сейчас пощупайте. (*Берет его руку и прикладывает к груди.*) Слышите? Ту-ту-ту-ту-ту-ту. Это, значит, у меня порок сердца. Каждую минуту могу скоропостижно умереть. Послушайте, вам будет жаль, если я умру?

Иванов. Я читаю... после...

Боркин. Нет, серьезно, вам будет жаль, если я вдруг умру? Николай Алексеевич, вам будет жаль, если я умру?

Иванов. Не приставайте!

Боркин. Голубчик, скажите: будет жаль?

Иванов. Мне жаль, что от вас водкой пахнет. Это, Миша, противно.

Боркин *(смеется)*. Разве пахнет? Удивительное дело... Впрочем, тут нет ничего удивительного. В Плесниках я встретил следователя, и мы, признаться, с ним рюмок по восьми стукнули. В сущности говоря, пить очень вредно. Послушайте, ведь вредно? А? вредно?

Иванов. Это, наконец, невыносимо... Поймите, Миша, что это издевательство...

Боркин. Ну, ну... виноват, виноват!.. Бог с вами, сидите себе... *(Встает и идет.)* Удивительный народ, даже и поговорить нельзя. *(Возвращается.)* Ах, да! Чуть было не забыл...

Пожалуйста восемьдесят два рубля!..

Иванов. Какие восемьдесят два рубля?

Боркин. Завтра рабочим платить.

Иванов. У меня нет.

Боркин. Покорнейше благодарю! *(Дразнит.)* У меня нет... Да ведь нужно платить рабочим? Нужно?

Иванов. Не знаю. У меня сегодня ничего нет. Подождите до первого числа, когда жалованье получу.

Боркин. Вот и извольте разговаривать с такими субъектами!.. Рабочие придут за деньгами не первого числа, а завтра утром!..

Иванов. Так что же мне теперь делать? Ну, режьте меня, пилите... И что у вас за отвратительная манера приставать ко мне именно тогда, когда я читаю, пишу или...

Боркин. Я вас спрашиваю: рабочим нужно платить или нет? Э, да что с вами говорить!.. *(Машет рукой.)* Помещики тоже, черт подери, землевладельцы... Рациональное хозяйство... Тысяча десятин земли – и ни гроша в кармане... Винный

погреб есть, а штопора нет... Возьму вот и продам завтра тройку! Да-с!.. Овес на корню продал, а завтра возьму и рожь продам. (*Шагает по сцене.*) Вы думаете, я стану церемониться? Да? Ну, нет-с, не на такого напали...

II

Те же, Шабельский (за сценой) и Анна Петровна.

Голос Шабельского за окном: «Играть с вами нет никакой возможности... Слуха у вас меньше, чем у фаршированной щуки, а туше возмутительное».

Анна Петровна (*показывается в открытом окне*). Кто здесь сейчас разговаривал?

Это вы, Миша? Что вы так шагаете?

Боркин. С вашим Nicolas-voilà еще не так зашагаешь.

Анна Петровна. Послушайте, Миша, прикажите принести на крокет сена.

Боркин (*машет рукой*). Оставьте вы меня, пожалуйста...

Анна Петровна. Скажите, какой тон... К вам этот тон совсем не идет. Если хотите, чтобы вас любили женщины, то никогда при них не сердитесь и не солидничайте... (*Мужу.*) Николай, давайте на сене кувыркатся!..

Иванов. Тебе, Анюта, вредно стоять у открытого окна. Уйди, пожалуйста... (*Кричит.*) Дядя, закрой окно!

Окно закрывается.

Боркин. Не забывайте еще, что через два дня нужно проценты платить Лебедеву.

Иванов. Я помню. Сегодня я буду у Лебедева и попрошу его подождать... (*Смотрит на часы.*)

Боркин. Вы когда туда поедете?

Иванов. Сейчас.

Боркин (*живо*). Пойдите, пойдите!.. ведь сегодня, кажется, день рождения Шурочки... Те-те-те-те... А я забыл... Вот память, а? (*Прыгает.*) Поеду, поеду... (*Поет.*) Поеду... Пойду выкупаюсь, пожую бумаги, приму три капли нашатырного спирта и – хоть сначала начинай... Голубчик, Николай Алексеевич, мамуся моя, ангел души моей, вы всё нервничаете, ей-богу, ноете, постоянно в мерехлюндии, а ведь мы, ей-богу, вместе черт знает каких делов могли бы наделать! Для вас я на все готов... Хотите, я для вас на Марфуше Бабакиной женюсь? Половина приданого ваша... То есть не половина, а всё берите, всё!..

Иванов. Будет вам вздор молоть...

Боркин. Нет, серьезно, ей-богу, хотите, я на Марфуше женюсь? Приданое пополам... Впрочем, зачем я это вам говорю? Разве вы поймете? (*Дразнит.*) «Будет вздор молоть». Хороший вы человек, умный, но в вас не хватает этой жилки, этого, понимаете ли, взмаха. Этак бы размахнуться, чтобы чертям тошно стало... Вы психопат, нюня, а будь вы нормальный человек, то через год имели бы миллион. Например, будь у меня сейчас две тысячи триста рублей, я бы через две недели имел двадцать тысяч. Не верите? И это, по-вашему, вздор? Нет, не вздор. Вот дайте мне две тысячи триста рублей, и я через неделю доставлю вам двадцать тысяч. На том берегу Овсянов продает полоску земли, как раз против нас, за две тысячи триста рублей. Если мы купим эту полоску, то оба берега будут наши. А если оба берега будут наши, то, понимаете ли, мы имеем право запрудить реку. Ведь так? Мы мельницу будем строить, и как только мы объявим, что хотим запруду сделать, так все, которые живут вниз по реке, поднимут гвалт, а мы сейчас: коммен зи гер³⁴, – если хотите, чтобы плотины не было, заплатите. Понимаете? Заревская фабрика даст пять тысяч, Корольков три тысячи, монастырь даст пять тысяч...

Иванов. Все это, Миша, фокусы... Если не хотите со мною ссориться, то держите их при себе.

Боркин (*садится за стол*). Конечно!.. Я так и знал!.. И сами ничего не делаете, и меня связываете...

³⁴ Идите-ка сюда (нем. kommen Sie hier).

III

Те же, Шабельский и Львов.

Шабельский (*выходя со Львовым из дома*). Доктора – те же адвокаты, с тою только разницей, что адвокаты только грабят, а доктора и грабят и убивают... Я не говорю о присутствующих. (*Садится на диванчик.*) Шарлатаны, эксплуататоры... Может быть, в какойнибудь Аркадии попадаются исключения из общего правила, но... я в свою жизнь пролечил тысяч двадцать и не встретил ни одного доктора, который не казался бы мне патентованным мошенником.

Боркин (*Иванову*). Да, сами ничего не делаете и меня связываете. Оттого у нас и денег нет...

Шабельский. Повторяю, я не говорю о присутствующих... Может быть, есть исключения, хотя, впрочем... (*Зевает.*)

Иванов (*закрывая книгу*). Что, доктор, скажете?

Львов (*оглядываясь на окно*). То же, что и утром говорил: ей немедленно нужно в Крым ехать. (*Ходит по сцене.*)

Шабельский (*прыскает*). В Крым!.. Отчего, Миша, мы с тобою не лечим? Это так просто... Стала перхать или кашлять от скуки какая-нибудь мадам Анго или Офелия, бери сейчас бумагу и прописывай по правилам науки: сначала молодой доктор, потом поездка в Крым, в Крыму татарин...

Иванов (*графу*). Ах, не зуди ты, зуда! (*Львову.*) Чтобы ехать в Крым, нужны средства. Допустим, что я найду их, но ведь она решительно отказывается от этой поездки... **Львов**. Да, отказывается.

Пауза.

Боркин. Послушайте, доктор, разве Анна Петровна уж так серьезно больна, что необходимо в Крым ехать?..

Львов (*оглядывается на окно*). Да, чахотка...

Боркин. Пес!.. нехорошо... Я сам давно уже по лицу замечал, что она не протянет долго.

Львов. Но... говорите потише... в доме слышно...

Пауза.

Боркин (*вздыхая*). Жизнь наша... Жизнь человеческая подобна цветку, пышно произрастающему в поле: пришел козел, съел и – нет цветка...

Шабельский. Все вздор, вздор и вздор!.. (*Зевает.*) Вздор и плутни.

Пауза.

Боркин. А я, господа, тут все учу Николая Алексеевича деньги наживать. Сообщил ему одну чудную идею, но мой порох, по обыкновению, упал на влажную почву. Ему не втолкуешь... Посмотрите, на что он похож: меланхолия, сплин, тоска, хандра, грусть...

Шабельский (*встает и потягивается*). Для всех ты, гениальная башка, изобретаешь и учишь всех, как жить, а меня хоть бы раз поучил... Поучи-ка, умная голова, укажи выход...

Боркин (*встает*). Пойду купаться... Прощайте, господа... (*Графу.*) У вас двадцать выходов есть... На вашем месте я через неделю имел бы тысяч двадцать. (*Идет.*) **Шабельский** (*идет за ним*). Каким это образом? Ну-ка, научи.

Боркин. Тут и учить нечему. Очень просто... (*Возвращается.*) Николай Алексеевич, дайте мне рубль!

Иванов молча дает ему деньги.

Мерсі! (*Графу.*) У вас еще много козырей на руках.

Шабельский (*идя за ним*). Ну, какие же?

Боркин. На вашем месте я через неделю имел бы тысяч тридцать, если не больше. (*Уходит с графом.*)

Иванов (*после паузы*). Лишние люди, лишние слова, необходимость отвечать на глупые вопросы – всё это, доктор утомило меня до болезни. Я стал раздражителен, вспыльчив, резок, мелочен до того, что не узнаю себя. По целым дням у меня голова болит, бессонница, шум в ушах... А деваться положительно некуда... Положительно...

Львов. Мне, Николай Алексеевич, нужно серьезно поговорить с вами.

Иванов. Говорите.

Львов. Я об Анне Петровне. *(Садится.)* Она не соглашается ехать в Крым, но с вами она поехала бы.

Иванов *(подумав)*. Чтобы ехать вдвоем, нужны средства. К тому же, мне не дадут продолжительного отпуска. В этом году я уже брал раз отпуск...

Львов. Допустим, что это правда. Теперь далее. Самое главное лекарство от чихотки – это абсолютный покой, а ваша жена не знает ни минуты покоя. Ее постоянно волнуют ваши отношения к ней. Простите, я взволнован и буду говорить прямо. Ваше поведение убивает ее.

Пауза.

Николай Алексеевич, позвольте мне думать о вас лучше!..

Иванов. Все это правда, правда... Вероятно, я страшно виноват, но мысли мои перепутались, душа скована какою-то ленью, и я не в силах понимать себя. Не понимаю ни людей, ни себя... *(Взглядывает на окно.)* Нас могут услышать, пойдемте, пройдемся.

Встают.

Я, милый друг, рассказал бы вам с самого начала, но история длинная и такая сложная, что до утра не расскажешь.

Идут.

Анюта замечательная, необыкновенная женщина... Ради меня она переменяла веру, бросила отца и мать, ушла от богатства, и если бы я потребовал еще сотню жертв, она принесла бы их, не моргнув глазом. Ну-с, а я ничем не замечателен и ничем не жертвовал. Впрочем, это длинная история... Вся суть в том, милый доктор *(мнется)*, что... короче говоря, женился я по страстной любви и клялся любить вечно, но... прошло пять лет, она все еще любит меня, а я... *(Разводит руками.)* Вы вот говорите мне, что она скоро умрет, а я не чувствую ни любви, ни жалости, а какую-то пустоту, утомление. Если со стороны поглядеть на меня, то это, вероятно, ужасно; сам же я не понимаю, что делается с моею душой... *Уходят по аллее.*

Шабельский, потом Анна Петровна.

Шабельский (*входит и хохочет*). Честное слово, это не мошенник, а мыслитель, виртуоз! Памятник ему нужно поставить. В себе одном совмещает современный гной во всех видах: и адвоката, и доктора, и кукуевца, и кассира. (*Садится на нижнюю ступень террасы.*) И ведь нигде, кажется, курса не кончил, вот что удивительно... Стало быть, каким был бы гениальным подлецом, если бы еще усвоил культуру, гуманитарные науки! «Вы, говорит, через неделю можете иметь двадцать тысяч. У вас, говорит, еще на руках козырный туз – ваш графский титул. (*Хохочет.*) За вас любая девица пойдет с приданым»...

Анна Петровна открывает окно и смотрит вниз.

«Хотите, говорит, посватаю за вас Марфушу?» Qui est ce que c'est³⁵ Марфуша? Ах, это та, Балабалкина... Бабакалкина... эта, что на прачку похожа.

Анна Петровна. Это вы, граф?

Шабельский. Что такое?

Анна Петровна смеется.

(*Еврейским акцентом.*) Зачиво вы шмеетесь?

Анна Петровна. Я вспомнила одну вашу фразу. Помните, вы говорили за обедом? Вор прощенный, лошадь... Как это?

Шабельский. Жид крещеный, вор прощенный, конь леченый – одна цена.

Анна Петровна (*смеется*). Вы даже простого каламбура не можете сказать без злости. Злой вы человек. (*Серьезно.*) Не шутя, граф, вы очень злы. С вами жить скучно и жутко. Всегда вы брюзжите, ворчите, все у вас подлецы и негодяи. Скажите мне, граф, откровенно: говорили вы когда-нибудь о ком хорошо?

Шабельский. Это что за экзамен?

³⁵ Кто это (франц.).

Анна Петровна. Живем мы с вами под одною крышей уже пять лет, и я ни разу не слыхала, чтобы вы отзывались о людях спокойно, без желчи и без смеха. Что вам люди сделали худого? И неужели вы думаете, что вы лучше всех?

Шабельский. Вовсе я этого не думаю. Я такой же мерзавец и свинья в ермолке, как все. Моветон и старый башмак. Я всегда себя браню. Кто я? Что я? Был богат, свободен, немного счастлив, а теперь... нахлебник, приживалка, обезличенный шут. Я негодную, презираю, а мне в ответ смеются; я смеюсь, на меня печально кивают головой и говорят: спятил старик... А чаще всего меня не слышат и не замечают...

Анна Петровна (*покойно*). Опять кричит...

Шабельский. Кто кричит?

Анна Петровна. Сова. Каждый вечер кричит.

Шабельский. Пусть кричит. Хуже того, что уже есть, не может быть. (*Потягивается.*) Эх, милейшая Сарра, выиграй я сто или двести тысяч, показал бы я вам, где раки зимуют!.. Только бы вы меня и видели. Ушел бы я из этой ямы от даровых хлебов, и ни ногой бы сюда до самого страшного суда...

Анна Петровна. А что бы вы сделали, если бы вы выиграли?

Шабельский (*подумав*). Я прежде всего поехал бы в Москву и цыган послушал. Потом... потом махнул бы в Париж. Нанял бы себе там квартиру, ходил бы в русскую церковь...

Анна Петровна. А еще что?

Шабельский. По целым дням сидел бы на жениной могиле и думал. Так бы я и сидел на могиле, пока не околел. Жена в Париже похоронена...

Пауза.

Анна Петровна. Ужасно скучно. Сыграть нам дуэт еще, что ли?

Шабельский. Хорошо, приготовьте ноты.

Анна Петровна уходит.

Шабельский, Иванов и Львов.

Иванов (*показывается на аллее со Львовым*). Вы, милый друг, кончили курс только в прошлом году, еще молоды и бодры, а мне тридцать пять. Я имею право вам советовать. Не женитесь вы ни на еврейках, ни на психопатках, ни на синих чулках, а выбирайте себе что-нибудь заурядное, серенькое, без ярких красок, без лишних звуков. Вообще всю жизнь стройте по шаблону. Чем серее и монотоннее фон, тем лучше. Голубчик, не воюйте вы в одиночку с тысячами, не сражайтесь с мельницами, не бейтесь лбом о стены... Да хранит вас бог от всевозможных рациональных хозяйств, необыкновенных школ, горячих речей... Запритесь себе в свою раковину и делайте свое маленькое, богом данное дело... Это теплее, честнее и здоровее. А жизнь, которую я пережил, – как она утомительна! Ах, как утомительна!.. Сколько ошибок, несправедливостей, сколько нелепого... (*Увидев графа, раздраженно.*) Всегда ты, дядя, перед глазами вертишься, не даешь поговорить наедине!

Шабельский (*плачущим голосом*). А черт меня возьми, нигде приюта нет! (*Вскакивает и идет в дом.*)

Иванов (*кричит ему вслед*). Ну, виноват, виноват! (*Львову.*) За что я его обидел? Нет, я решительно развинтился. Надо будет с собою что-нибудь сделать. Надо...

Львов (*волнуясь*). Николай Алексеевич, я выслушал вас и... и, простите, буду говорить прямо, без обиняков. В вашем голосе, в вашей интонации, не говоря уж о словах, столько бездушного эгоизма, столько холодного бессердечия... Близкий вам человек погибает оттого, что он вам близок, дни его сочтены, а вы... вы можете не любить, ходить, давать советы, рисоваться... Не могу я вам высказать, нет у меня дара слова, но... но вы мне глубоко несимпатичны!..

Иванов. Может быть, может быть... Вам со стороны виднее... Очень возможно, что вы меня понимаете... Вероятно, я очень, очень виноват... (*Прислушивается.*) Кажется, лошадей подали. Пойду одеться... (*Идет к дому и останавливается.*) Вы, доктор, не любите меня и не скрываете этого. Это делает честь вашему сердцу... (*Уходит в дом.*)

Львов (*один*). Проклятый характер... Опять упустил случай и не поговорил с ним как следует... Не могу говорить с ним хладнокровно! Едва раскрою рот и скажу одно

слово, как у меня вот тут (*показывает на грудь*) начинает душить, переворачиваться, и язык прилипает к горлу. Ненавижу этого Тартюфа, возвышенного мошенника, всею душой... Вот уезжает... У несчастной жены все счастье в том, чтобы он был возле нее, она дышит им, умоляет его провести с нею хоть один вечер, а он... он не может... Ему, видите ли, дома душно и тесно. Если он хоть один вечер проведет дома, то с тоски пулю себе пустит в лоб. Бедный... ему нужен простор, чтобы затеять какую-нибудь новую подлость... О, я знаю, зачем ты каждый вечер едешь к этим Лебедевым! Знаю!

VI

Львов, Иванов (в шляпе и пальто), Шабельский и Анна Петровна.

Шабельский (*выходя с Ивановым и с Анной Петровной из дому*). Наконец, Nicolas, это бесчеловечно!.. Сам уезжаешь каждый вечер, а мы остаемся одни. От скуки ложимся спать в восемь часов. Это безобразие, а не жизнь! И почему это тебе можно ездить, а нам нельзя? Почему?

Анна Петровна. Граф, оставьте его! Пусть едет, пусть...

Иванов (*жене*). Ну, куда ты, больная, поедешь? Ты больна и тебе нельзя после заката солнца быть на воздухе... Спроси вот доктора. Ты не дитя, Аня, нужно рассуждать... (*Графу*.) А тебе зачем туда ехать?

Шабельский. Хоть к черту в пекло, хоть к крокодилу в зубы, только чтоб не здесь оставаться. Мне скучно! Я отупел от скуки! Я надоел всем. Ты оставляешь меня дома, чтобы ей не было одной скучно, а я ее загрыз, заел!

Анна Петровна. Оставьте его, граф, оставьте! Пусть едет, если ему там весело.

Иванов. Аня, к чему этот тон? Ты знаешь, я не за весельем туда еду! Мне нужно поговорить о векселе.

Анна Петровна. Не понимаю, зачем ты оправдываешься? Поезжай! Кто тебя держит? **Иванов.** Господа, не будемте есть друг друга! Неужели это так необходимо?!

Шабельский (*плачущим голосом*). Nicolas, голубчик, ну, я прошу тебя, возьми меня с собою! Я погляжу там мошенников и дураков и, может быть, развлекусь. Ведь я с самой Пасхи нигде не был!

Иванов (*раздраженно*). Хорошо, поедем! Как вы мне все надоели!

Шабельский. Да? Ну, mercі, mercі... (*Весело берет его под руку и отводит в сторону.*) Твою соломенную шляпу можно надеть?

Иванов. Можно, только поскорей, пожалуйста!

Граф бежит в дом.

Как вы все надоели мне! Впрочем, господа, что я говорю? Аня, я говорю с тобою невозможным тоном. Никогда этого со мною раньше не было. Ну, прощай, Аня, я вернусь к часу.

Анна Петровна. Коля, милый мой, останься дома!

Иванов (*волнуясь*). Голубушка моя, родная моя, несчастная, умоляю тебя, не мешай мне уезжать по вечерам из дому. Это жестоко, несправедливо с моей стороны, но позволяй мне делать эту несправедливость! Дома мне мучительно тяжело! Как только прячется солнце, душу мою начинает давить тоска. Какая тоска! Не спрашивай, отчего это. Я сам не знаю. Клянусь истинным богом, не знаю! Здесь тоска, а поедешь к Лебедевым, там еще хуже; вернешься оттуда, а здесь опять тоска, и так всю ночь... Просто отчаяние!..

Анна Петровна. Коля... а то остался бы! Будем, как прежде, разговаривать... Поужинаем вместе, будем читать... Я и брюзга разучили для тебя много дуэтов... (*Обнимает его.*) Останься!..

Пауза.

Я тебя не понимаю. Это уж целый год продолжается. Отчего ты изменился?

Иванов. Не знаю, не знаю...

Анна Петровна. А почему ты не хочешь, чтобы я уезжала вместе с тобою по вечерам?

Иванов. Если тебе нужно, то, пожалуй, скажу. Немножко жестоко это говорить, но лучше сказать... Когда меня мучает тоска, я... я начинаю тебя не любить. Я и от тебя бегу в это время. Одним словом, мне нужно уезжать из дому.

Анна Петровна. Тоска? понимаю, понимаю... Знаешь что, Коля? Ты попробуй, как прежде, петь, смеяться, сердиться... Остайся, будем смеяться, пить наливку и твою тоску разгоним в одну минуту. Хочешь, я буду петь? Или пойдем, сядем у тебя в кабинете, в потемках, как прежде, и ты мне про свою тоску расскажешь... У тебя такие страдальческие глаза! Я буду глядеть в них и плакать, и нам обоим станет легче... *(Смеется и плачет.)* Или, Коля, как? Цветы повторяются каждую весну, а радости – нет? Да? Ну, поезжай, поезжай...

Иванов. Ты помолись за меня богу, Аня! *(Идет, останавливается и думает.)*
Нет, не могу! *(Уходит.)*

Анна Петровна. Поезжай... *(Садится у стола.)*

Львов *(ходит по сцене).* Анна Петровна, возьмите себе за правило: как только бьет шесть часов, вы должны идти в комнаты и не выходить до самого утра. Вечерняя сырость вредна вам.

Анна Петровна. Слушаю-с.

Львов. Что «слушаю-с»? Я говорю серьезно.

Анна Петровна. А я не хочу быть серьезною. *(Кашляет.)* **Львов.** Вот видите, – вы уже кашляете...

VII

Львов, Анна Петровна и Шабельский.

Шабельский *(в шляпе и пальто выходит из дома).* А где Николай? Лошадей подали?

(Быстро идет и целует руку Анне Петровне.) Покойной ночи, прелесть!
(Гримасничает.)

Гевалт! Жвините, пожалуйста! *(Быстро уходит.)* **Львов.** Шут!

Пауза; слышны далекие звуки гармоники.

Анна Петровна. Какая скука!.. Вон кучера и кухарки задают себе бал, а я... я – как брошенная... Евгений Константинович, где вы там шагаете? Идите сюда, сядьте!..

Львов. Не могу я сидеть.

Пауза.

Анна Петровна. На кухне «чижика» играют. *(Поет.)* «Чижик, чижик, где ты был? Под горою водку пил».

Пауза.

Доктор, у вас есть отец и мать?

Львов. Отец умер, а мать есть.

Анна Петровна. Вы скучаете по матери?

Львов. Мне некогда скучать.

Анна Петровна *(смеется).* Цветы повторяются каждую весну, а радости – нет. Кто мне сказал эту фразу? Дай бог память... Кажется, сам Николай сказал. *(Прислушивается.)* Опять сова кричит!

Львов. Ну и пусть кричит.

Анна Петровна. Я, доктор, начинаю думать, что судьба меня обсчитала. Множество людей, которые, может быть, и не лучше меня, бывают счастливы и ничего не платят за свое счастье. Я же за всё платила, решительно за всё!.. И как дорого! За что брать с меня такие ужасные проценты?.. Душа моя, вы все осторожны со мною, деликатничаете, боитесь сказать правду, но думаете, я не знаю, какая у меня болезнь? Отлично знаю. Впрочем, скучно об этом говорить... *(Еврейским акцентом.)* Жвините, пожалуйста! Вы умеете рассказывать смешные анекдоты?

Львов. Не умею.

Анна Петровна. А Николай умеет. И начинаю я также удивляться несправедливости людей: почему на любовь не отвечают любовью и за правду платят ложью? Скажите: до каких пор будут ненавидеть меня отец и мать? Они живут за пятьдесят верст отсюда, а я день и ночь, даже во сне, чувствую их ненависть. А как прикажете понимать тоску Николая? Он говорит, что не любит меня только по

вечерам, когда его гнетет тоска. Это я понимаю и допускаю, но представьте, что он разлюбил меня совершенно! Конечно, это невозможно, ну – а вдруг? Нет, нет, об этом и думать даже не надо. *(Поет.)* «Чижик, чижик, где ты был?..» *(Вздрагивает.)* Какие у меня страшные мысли!.. Вы, доктор, не семейный и не можете понять многого...

Львов. Вы удивляетесь... *(Садится рядом.)* Нет, я... я удивляюсь, удивляюсь вам! Ну, объясните, растолкуйте мне, как это вы, умная, честная, почти святая, позволили так нагло обмануть себя и затащить вас в это совиное гнездо? Зачем вы здесь? Что общего у вас с этим холодным бездушным... но оставим вашего мужа! – что у вас общего с этой пустою, пошлою средой! О, господи боже мой!.. Этот вечно брюзжащий, заржавленный, сумасшедший граф, этот пройдоха, мошенник из мошенников, Миша, со своею гнусною физиономией... Объясните же мне, к чему вы здесь? Как вы сюда попали?

Анна Петровна *(смеется).* Вот точно так же и он когда-то говорил... Точь-в-точь... Но у него глаза больше, и бывало, как он начнет говорить о чем-нибудь горячо, так они как угли... Говорите, говорите!..

Львов *(встает и машет рукой).* Что мне говорить? Идите в комнаты...

Анна Петровна. Вы говорите, что Николай то да сё, пятое, десятое. Откуда вы его знаете? Разве за полгода можно узнать человека? Это, доктор, замечательный человек, и я жалею, что вы не знали его года два-три тому назад. Он теперь хандрит, молчит, ничего не делает, но прежде... Какая прелесть!.. Я полюбила его с первого взгляда. *(Смеется.)* Взглянула, а меня мышеловка – хлоп! Он сказал: пойдём... Я отрезала от себя всё, как, знаете, отрезают гнилые листья ножницами, и пошла...

Пауза.

А теперь не то... Теперь он едет к Лебедевым, чтобы развлечься с другими женщинами, а я... сижу в саду и слушаю, как сова кричит...

Стук сторожа.

Доктор, а братьев у вас нет?

Львов. Нет.

Анна Петровна рыдает.

Ну, что еще? Что вам?

Анна Петровна (*встает*). Я не могу, доктор, я поеду туда...

Львов. Куда это?

Анна Петровна. Туда, где он... Я поеду... Прикажите заложить лошадей... (*Идет к дому.*)

Львов. Вам нельзя ехать...

Анна Петровна. Оставьте меня, не ваше дело... Я не могу, поеду... Велите дать лошадей... (*Бежит в дом.*)

Львов. Нет, я решительно отказываюсь лечить при таких условиях! Мало того, что ни копейки не платят, но еще душу выворачивают вверх дном!.. Нет, я отказываюсь! Довольно!.. (*Идет в дом.*)

Занавес.

Действие второе

Зал в доме Лебедевых, прямо выход в сад, направо и налево двери. Старинная, дорогая мебель. Люстра, канделябры и картины – все это в чехлах.

I

Зинаида Саввишна, 1-й гость, 2-й гость, 3-й гость, Косых, Авдотья Назаровна, Егорушка, Гаврила, горничная, старухи-гостьи, барышни и Бабакина.

Зинаида Саввишна сидит на диване. По обе стороны ее на креслах старухи-гостьи; на стульях молодежь. В глубине, около выхода в сад, играют в карты; между играющими: Косых, Авдотья Назаровна и Егорушка. Гаврила стоит у правой двери; горничная разносит на подносе лакомства. Из сада в правую дверь и обратно в продолжение всего действия циркулируют гости. Бабакина выходит из правой двери и направляется к Зинаиде Саввишне.

Зинаида Саввишна (*радостно*). Душечка, Марфа Егоровна...

Бабакина. Здравствуйте, Зинаида Саввишна! Честь имею вас поздравить с новорожденною...

Целуются.

Дай бог, чтоб...

Зинаида Саввишна. Благодарю вас, душечка, я так рада... Ну, как ваше здоровье?..

Бабакина. Очень вами благодарна. (*Садится рядом на диван.*) Здравствуйте, молодые люди!..

Гости встают и кланяются.

1-й гость (*смеется*). Молодые люди... а вы разве старая?

Бабакина (*вздыхая*). Где уж нам в молодые лезть...

1-й гость (*почтительно смеясь*). Помилуйте, что вы... Одно только звание, что вдова, а вы любой девице можете десять очков вперед дать.

Гаврила подносит Бабакиной чай.

Зинаида Саввишна (*Гавриле*). Что же ты так подаешь? Принес бы какого-нибудь варенья. Кружовенного, что ли...

Бабакина. Не беспокойтесь, очень вами благодарна...

Пауза.

1-й гость. Вы, Марфа Егоровна, через Мушкино ехали?..

Бабакина. Нет, на Займище. Тут дорога лучше.

1-й гость. Так-с.

Косых. Два пики.

Егорушка. Пас.

Авдотья Назаровна. Пас.

2-й гость. Пас.

Бабакина. Выигрышные билеты, душечка Зинаида Саввишна, опять пошли шибко в гору. Видано ли дело: первый заем стоит уж двести семьдесят, а второй без малого двести пятьдесят... Никогда этого не было...

Зинаида Саввишна (*вздыхает*). Хорошо, у кого их много...

Бабакина. Не скажите, душечка; хоть они и в большой цене, а держать в них капитал невыгодно. Одна страховка сживет со света.

Зинаида Саввишна. Так-то так, а все-таки, моя милая, надеешься... (*Вздыхает.*) Бог милостив...

3-й гость. С моей точки зрения, mesdames, я так рассуждаю, что в настоящее время иметь капитал очень невыгодно. Процентные бумаги дают весьма немного дивиденда, а пускать деньги в оборот чрезвычайно опасно. Я так понимаю, mesdames, что человек, который в настоящее время имеет капитал, находится более в критическом положении, чем тот, mesdames, который...

Бабакина (*вздыхает*). Это верно!

1-й гость зевает.

А разве можно при дамах зевать?

1-й гость. Pardon, mesdames, это я нечаянно.

Зинаида Саввишна встает и уходит в правую дверь; продолжительное молчание.

Егорушка. Два бубны.

Авдотья Назаровна. Пас.

2-й гость. Пас.

Косых. Пас.

Бабакина (*в сторону*). Господи, какая скука, помереть можно!

II

Те же, Зинаида Саввишна и Лебедев.

Зинаида Саввишна (*выходя из правой двери с Лебедевым, тихо*). Что уселся там? Примадонна какая! Сиди с гостями! (*Садится на прежнее место.*)

Лебедев (*зевает*). Ох, грехи наши тяжкие! (*Увидев Бабакину.*) Батюшки, мармелад сидит! Рахат-лукум!.. (*Здороваётся.*) Как ваше драгоценнейшее?..

Бабакина. Очень вами благодарна.

Лебедев. Ну, слава богу!.. Слава богу! (*Садится в кресло.*) Так, так... Гаврила!

Гаврила подносит ему рюмку водки и стакан воды; он выпивает водку и запивает водой.

1-й гость. На доброе здоровье!..

Лебедев. Какое уж тут доброе здоровье!.. Околеванца нет, и на том спасибо. (*Жене.*) Зюзюшка, а где же наша новорожденная?

Косых (*плаксиво*). Скажите мне, ради бога: ну, за что мы остались без взятки? (*Вскакивает.*) Ну, за что мы проиграли, черт меня подери совсем?

Авдотья Назаровна (*вскакивает и сердито*). А за то, что если ты, батюшка, не умеешь играть, так не садись. Какое ты имеешь полное право ходить в чужую масть? Вот и остался у тебя маринованный туз!..

Оба бегут из-за стола вперед.

Косых (*плачущим голосом*). Позвольте, господа... У меня на бубнах: туз, король, дама, коронка сам-восемь, туз пик и одна, понимаете ли, одна маленькая червонка, а она, черт знает, не могла объявить маленький шлем!.. Я сказал: без козыря...

Авдотья Назаровна (*перебивая*). Это я сказала: без козыря! Ты сказал: два без козыря...

Косых. Это возмутительно!.. Позвольте... у вас... у меня... у вас... (*Лебедеву.*) Да вы посудите, Павел Кириллыч... У меня на бубнах: туз, король, дама, коронка сам-восемь...

Лебедев (*затыкает уши*). Отстань, сделай милость... отстань...

Авдотья Назаровна (*кричит*). Это я сказала: без козыря!

Косых (*свирепо*). Будь я подлец и анафема, если я сяду еще когда-нибудь играть с этою севрюгой! (*Быстро уходит в сад.*)

2-й гость уходит за ним, за столом остается Егорушка.

Авдотья Назаровна. Уф!.. Даже в жар от него бросило... Севрюга!.. Сам ты севрюга!.. **Бабакина**. Да и вы, бабушка, сердитая...

Авдотья Назаровна (*увидев Бабакину, всплескивает руками*). Ясочка моя, красавица!.. Она здесь, а я, куриная слепота, и не вижу... Голубочка... (*Целует ее в плечо и садится рядом.*) Вот радость! Дай же я на тебя погляжу, лебедь белая! Тьфу, тьфу, тьфу... чтоб не сплзнуть!..

Лебедев. Ну, распелась... Жениха бы ей лучше подыскала...

Авдотья Назаровна. И найду! В гроб, грешница, не лягу, а ее да Саничку замуж выдам!.. В гроб не лягу... (*Вздых.*) Только вот где их найдешь нынче, женихов-то? Вон они, наши женихи-то, сидят нахохлившись, словно петухи мокрые!..

3-й гость. Весьма неудачное сравнение. С моей точки зрения, mesdames, если теперешние молодые люди предпочитают холостую жизнь, то в этом виноваты, так сказать, социальные условия...

Лебедев. Ну, ну!.. не философствуй!.. не люблю!..

III

Те же и Саша.

Саша (*входит и идет к отцу*). Такая великолепная погода, а вы сидите здесь, господа, в духоте.

Зинаида Саввишна. Сашенька, разве ты не видишь, что у нас Марфа Егоровна?

Саша. Виновата. (*Идет к Бабакиной и здоровается.*)

Бабакина. Загорделась, Саничка, загорделась, хоть бы разок приехала. (*Целуются.*) Поздравляю, душечка...

Саша. Благодарю. (*Садится рядом с отцом.*)

Лебедев. Да, Авдотья Назаровна, трудно теперь с женихами. Не то что жениха – путевых шаферов достать негде. Нынешняя молодежь, не в обиду будь сказано, какая-то, господь с нею, кислая, переваренная... Ни поплясать, ни поговорить, ни выпить толком...

Авдотья Назаровна. Ну, пить-то они все мастера, только дай...

Лебедев. Не велика штука пить – пить и лошадь умеет... Нет, ты с толком выпей!.. В наше время, бывало, день-деньской с лекциями бьешься, а как только настал вечер, идешь прямо куда-нибудь на огонь и до самой зари волчком вертишься... И пляшешь, и барышень забавляешь, и эта штука. (*Щелкает себя по шее.*) Бывало, и брешешь, и философствуешь, пока язык не отнимется... А нынешние... (*Машет рукой.*) Не понимаю... Ни богу свечка, ни черту кочерга. Во всем уезде есть только один путевый малый, да и тот женат (*вздыхает*) и, кажется, уж беситься стал...

Бабакина. Кто это?

Лебедев. Николаша Иванов.

Бабакина. Да, он хороший мужчина (*делает гримасу*), только несчастный!..

Зинаида Саввишна. Еще бы, душечка, быть ему счастливым! (*Вздыхает.*) Как он, бедный, ошибся!.. Женился на своей жидовке и так, бедный, рассчитывал, что отец и мать за нею золотые горы дадут, а вышло совсем напротив... С того времени, как она переменила веру, отец и мать знать ее не хотят, прокляли... Так ни копейки и не получил. Теперь кается, да уж поздно...

Саша. Мама, это неправда.

Бабакина (*горячо*). Шурочка, как же неправда? Ведь это все знают. Ежели бы не было интереса, то зачем бы ему на еврейке жениться? Разве русских мало? Ошибся, душечка, ошибся... (*Живо.*) Господи, да и достается же теперь ей от него! Просто смех один. Придет откуда-нибудь домой и сейчас к ней: «Твой отец и мать меня надули! Пошла вон из моего дома!» А куда ей идти? Отец и мать не примут; пошла бы в горничные, да работать не приучена... Уж он мудрует-мудрует над нею, пока граф не вступится. Не будь графа, давно бы ее со света сжил...

Авдотья Назаровна. А то, бывает, запрет ее в погреб и – «ешь, такая-сякая, чеснок»... Ест-ест, покуда из души переть не начнет.

Смех.

Саша. Папа, ведь это ложь!

Лебедев. Ну, так что же? Пусть себе мелют на здоровье... (*Кричит.*) Гаврила!..

Гаврила подает ему водку и воду.

Зинаида Саввишна. Оттого вот и разорился, бедный. Дела, душечка, совсем упали... Если бы Боркин не глядел за хозяйством, так ему бы с жидовкой есть нечего было. (*Вздыхает.*) А как мы-то, душечка, из-за него пострадали!.. Так пострадали, что один только бог видит! Верите ли, милая, уж три года, как он нам девять тысяч должен!

Бабакина (*с ужасом*). Девять тысяч!..

Зинаида Саввишна. Да... это мой милый Пашенька распорядился дать ему. Не разбирает, кому можно дать, кому нельзя. Про капитал я уже не говорю – бог с ним, но лишь бы проценты исправно платил!..

Саша (*горячо*). Мама, об этом вы говорили уже тысячу раз!

Зинаида Саввишна. Тебе-то что? Что ты заступаешься?

Саша (*встает*). Но как у вас хватает духа говорить все это про человека, который не сделал вам никакого зла? Ну, что он вам сделал?

3-й гость. Александра Павловна, позвольте мне сказать два слова! Я уважаю Николая Алексеича и всегда считал за честь, но, говоря *entre nous*³⁶, он мне кажется авантюристом.

Саша. И поздравляю, если вам так кажется.

3-й гость. В доказательство приведу вам следующий факт, который передавал мне его атташе, или, так сказать, чичероне Боркин. Два года тому назад, во время скотской эпизоотии, он накупил скота, застраховал его...

Зинаида Саввишна. Да, да, да! Я помню этот случай. Мне тоже говорили.

3-й гость. Застраховал его, можете иметь в виду, потом заразил чумой и взял страховую премию.

³⁶ Между нами (франц.).

Саша. Ах, да вздор все это! Вздор! Никто не покупал и не заражал скота! Это сам Боркин сочинил такой проект и везде хвастался им. Когда Иванов узнал об этом, то Боркин потом у него две недели прощения просил. Виноват же Иванов только, что у него слабый характер и не хватает духа прогнать от себя этого Боркина, и виноват, что он слишком верит людям! Все, что у него было, растащили, расхитили; около его великодушных затей наживался всякий, кто только хотел.

Лебедев. Шура-горячка! Будет тебе!

Саша. Зачем же они говорят вздор? Ах, да все это скучно и скучно! Иванов, Иванов, Иванов – и больше нет других разговоров. *(Идет к двери и возвращается.)* Удивляюсь! *(Молодым людям.)* Положительно удивляюсь вашему терпению, господа! Неужели вам не скучно так сидеть? Ведь воздух застыл от тоски! Говорите же что-нибудь, забавляйте барышень, шевелитесь! Ну, если у вас нет других сюжетов, кроме Иванова, то смейтесь, пойте, пляшите, что ли...

Лебедев *(смеется)*. Пробери-ка, пробери их хорошенько!

Саша. Ну, послушайте, сделайте мне такое одолжение! Если не хотите плясать, смеяться, петь, если все это скучно, то прошу вас, умоляю, хоть раз в жизни, для курьеза, чтобы удивить или насмешить, соберите силы и все разом придумайте что-нибудь остроумное, блестящее, скажите даже хоть дерзость или пошлость, но чтоб было смешно и ново! Или все разом совершите что-нибудь маленькое, чуть заметное, но хоть немножко похожее на подвиг, чтобы барышни хоть раз в жизни, глядя на вас, могли бы сказать: «Ах!» Послушайте, ведь вы желаете нравиться, но почему же вы не стараетесь нравиться? Ах, господа! Все вы не то, не то, не то!.. На вас глядя, мухи мрут и лампы начинают коптеть. Не то, не то!.. Тысячу раз я вам говорила и всегда буду говорить, что все вы не то, не то, не то!.

IV

Те же, Иванов и Шабельский.

Шабельский (входя с Ивановым из правой двери). Кто это здесь декламирует? Вы, Шурочка? (Хохочет и пожимает ей руку.) Поздравляю, ангел мой, дай вам бог попозже умереть и не рождаться во второй раз...

Зинаида Саввишна (радостно). Николай Алексеевич, граф!..

Лебедев. Ба! Кого вижу... граф! (Идет навстречу.)

Шабельский (увидав Зинаиду Саввишну и Бабакину, протягивает в сторону их руки). Два банка на одном диване!.. Глядеть любо! (Здоровается; Зинаиде Саввишне.) Здравствуй, Зюзюшка! (Бабакиной.) Здравствуй, помпончик!..

Зинаида Саввишна. Я так рада. Вы, граф, у нас такой редкий гость! (Кричит.) Гаврила, чаю! Садитесь, пожалуйста! (Встает, уходит в правую дверь и тотчас же возвращается; вид крайне озабоченный.)

Саша садится на прежнее место. Иванов молча здоровается со всеми.

Лебедев (Шабельскому). Откуда ты взялся? Какие это силы тебя принесли? Вот сюрприз, накажи меня бог... (Целует его.) Граф, ведь ты разбойник! Так не делают порядочные люди! (Ведет его за руку к рампе.) Отчего ты у нас не бываешь? Сердит, что ли?

Шабельский. На чем же я могу к тебе ездить? Верхом на палке? Своих лошадей у меня нет, а Николай не берет с собою, велит с Саррой сидеть, чтоб та не скучала. Присылай за мною своих лошадей, тогда и буду ездить...

Лебедев (машет рукой). Ну, да!.. Зюзюшка скорее треснет, чем даст лошадей. Голубчик ты мой, милый, ведь ты для меня дороже и роднее всех! Из всего старья уцелели я да ты! Люблю в тебе я прежние страдания и молодость погибшую мою... Шутки шутками, а я вот почти плачу. (Целует графа.)

Шабельский. Пусти, пусти! От тебя, как из винного погреба...

Лебедев. Душа моя, ты не можешь себе представить, как мне скучно без моих друзей! Вешаться готов с тоски... (Тихо.) Зюзюшка со своею ссудною кассой разогнала всех порядочных людей, и остались, как видишь, одни только зулусы... эти Дудкины, Будкины... Ну, кушай чай...

Гаврила подносит графу чай.

Зинаида Саввишна (*озабоченно Гавриле*). Ну, как же ты подаешь? Принес бы какогонибудь варенья... Кружовенного что ли...

Шабельский (*хохочет; Иванову*). Что, не говорил я тебе? (*Лебедеву*.) Я с ним пари дорогой держал, что, как приедем, Зюзюшка сейчас же начнет угощать нас кружовенным вареньем...

Зинаида Саввишна. Вы, граф, все такой же насмешник... (*Садится*.) **Лебедев**. Двадцать бочек его наварили, так куда же его девать?

Шабельский (*сядась около стола*). Всё копите, Зюзюшка? Ну, что, уж миллиончик есть, а?

Зинаида Саввишна (*со вздохом*). Да, со стороны поглядеть, так богаче нас и людей нет, а откуда быть деньгам? Один разговор только...

Шабельский. Ну, да, да!.. знаем!.. Знаем, как вы плохо в шашки играете... (*Лебедеву*.) Паша, скажи по совести: скопили миллион?

Лебедев. Ей-богу, не знаю. Это у Зюзюшки спроси...

Шабельский (*Бабакиной*). И у жиренького помпончика скоро будет миллиончик! Ей-богу, хорошеет и полнеет не по дням, а по часам! Что значит деньжищ много...

Бабакина. Очень вами благодарна, ваше сиятельство, а только я не люблю насмешек.

Шабельский. Милый мой банк, да разве это насмешки? Это просто вопль души, от избытка чувств глаголят уста... Вас и Зюзюшку я люблю бесконечно... (*Весело*.) Восторг!.. Упоение!.. Вас обеих не могу видеть равнодушно...

Зинаида Саввишна. Вы все такой же, как и были. (*Егорушке*.) Егорушка, потуши свечи! Зачем им гореть попусту, если не играете?

Егорушка вздрагивает; тушит свечи и садится.

(*Иванову*.) Николай Алексеевич, как здоровье вашей супруги?

Иванов. Плохо. Сегодня доктор положительно сказал, что у нее чахотка...

Зинаида Саввишна. Неужели? Какая жалость!.. *(Вздых.)* А мы все ее так любим...

Шабельский. Вздор, вздор и вздор!.. Никакой чахотки нет, докторское шарлатанство, фокус. Хочется эскулапу шляться, вот и выдумал чахотку. Благо муж не ревнив. *(Иванов делает нетерпеливое движение.)* Что касается самой Сарры, то я не верю ни одному ее слову, ни одному движению. В своей жизни я никогда не верил ни докторам, ни адвокатам, ни женщинам. Вздор, вздор, шарлатанство и фокусы!

Лебедев *(Шабельскому).* Удивительный ты субъект, Матвей!.. Напустил на себя какую-то мизантропию и носится с нею, как дурак с писаною торбой. Человек как человек, а заговоришь, так точно у тебя типун на языке или сплошной катар... Да, ей-богу!..

Шабельский. Что же мне, целоваться с мошенниками и подлецами, что ли?

Лебедев. Где же ты видишь мошенников и подлецов?

Шабельский. Я, конечно, не говорю о присутствующих, но...

Лебедев. Вот тебе и но... Все это напускное.

Шабельский. Напускное... Хорошо, что у тебя никакого мировоззрения нет.

Лебедев. Какое мое мировоззрение? Сижу и каждую минуту околеванца жду. Вот мое мировоззрение. Нам, брат, не время с тобою о мировоззрениях думать. Так-то... *(Кричит.)* Гаврила!

Шабельский. Ты уж и так нагаврился... Погляди, как нос насандалил!

Лебедев *(пьет).* Ничего, душа моя... не венчаться мне ехать.

Зинаида Саввишна. Давно уже у нас доктор Львов не был. Совсем забыл.

Саша. Моя антипатия. Ходячая честность. Воды не попросит, папиросы не закурит без того, чтобы не показать своей необыкновенной честности. Ходит или говорит, а у самого на лбу написано: я честный человек! Скучно с ним.

Шабельский. Узкий, прямолинейный лекарь! *(Дразнит.)* «Дорогу честному труду!» Орет на каждом шагу, как попугай, и думает, что в самом деле второй Добролюбов. Кто не орет, тот подлец. Взгляды удивительные по своей глубине. Если мужик зажиточный и живет по-человечески, то, значит, подлец и кулак. Я хожу в

бархатном пиджаке, и одевает меня лакей – я подлец и крепостник. Так честен, так честен, что всего распирает от честности. Места себе не находит. Я даже боюсь его... Ей-ей!.. Того и гляди, что из чувства долга по рылу хватит или подлеца пустит.

Иванов. Он меня ужасно утомил, но все-таки мне симпатичен; в нем много искренности.

Шабельский. Хороша искренность! Подходит вчера ко мне вечером и ни с того ни с сего: «Вы, граф, мне глубоко несимпатичны!» Покорнейше благодарю! И все это не просто, а с тенденцией: и голос дрожит, и глаза горят, и поджилки трясутся... Черт бы побрал эту деревянную искренность! Ну, я противен ему, гадок, это естественно... я и сам сознаю, но к чему говорить это в лицо? Я дрянной человек, но ведь у меня, как бы то ни было, седые волосы... Бездарная, безжалостная честность!

Лебедев. Ну, ну, ну!.. Сам, небось, был молодым и понимаешь.

Шабельский. Да, я был молод и глуп, в свое время разыгрывал Чацкого, обличал мерзавцев и мошенников, но никогда в жизни я воров не называл в лицо ворами и в доме повешенного не говорил о веревке. Я был воспитан. А ваш этот тупой лекарь почувствовал бы себя на высоте своей задачи и на седьмом небе, если бы судьба дала ему случай, во имя принципа и общечеловеческих идеалов, хватить меня публично по рылу и под микитки.

Лебедев. Молодые люди все с норвом. У меня дядя гегелианец был... так тот, бывало, соберет к себе гостей полон дом, выпьет, станет вот этак на стул и начинает: «Вы невежды!

Вы мрачная сила! Заря новой жизни!» Та-та, та-та, та-та... Уж он отчитывает-отчитывает...

Саша. А гости что же?

Лебедев. А ничего... Слушают да пьют себе. Раз, впрочем, я его на дуэль вызвал... дядю-то родного. Из-за Бэкона вышло. Помню, сидел я, дай бог память, вот так, как Матвей, а дядя с покойным Герасимом Нилычем стояли вот тут, примерно, где Николаша... Ну-с, Герасим Нилыч и задает, братец ты мой, вопрос...

Входит Боркин.

Те же и Боркин (одетый франтом, со свертком в руках. подпрыгивая и напевая, входит из правой двери. Гул одобрения).

Барышни. Михаил Михайлович!..

Лебедев. Мишель Мишелеч! Слыхом-слыхать...

Шабельский. Душа общества!

Боркин. А вот и я! (*Подбегает к Саше.*) Благородная синьорина, беру на себя смелость поздравить вселенную с рождением такого чудного цветка, как вы... Как дань своего восторга, осмеливаюсь преподнести (*подает сверток*) фейерверки и бенгальские огни собственного изделия. Да прояснят они ночь так же, как вы просветляете потемки темного царства. (*Театрально раскланивается.*)

Саша. Благодарю вас...

Лебедев (*хохочет, Иванову*). Отчего ты не прогонишь эту Иуду?

Боркин (*Лебедеву*). Павлу Кириллычу! (*Иванову.*) Патрону... (*Поет.*) Nicolas-voila, гоги-го! (*Обходит всех.*) Почтеннейшей Зинаиде Саввишне... Божественной Марфе Егоровне... Древнейшей Авдотье Назаровне... Сиятельнейшему графу..

Шабельский (*хохочет*). Душа общества... Едва вошел, как атмосфера стала жиже. Вы замечаете?

Боркин. Уф, утомился... Кажется, со всеми здоровался. Ну, что новенького, господа? Нет ли чего-нибудь такого особенного, в нос шибяющего? (*Живо Зинаиде Саввишне.*) Ах, послушайте, мамаша... Еду сейчас к вам... (*Гавриле.*) Дай-ка мне, Гаврюша, чаю, только без кружовенного варенья! (*Зинаиде Саввишне.*) Еду сейчас к вам, а на реке у вас мужики с лозняка кору дерут. Отчего вы лозняк на откуп не отдадите?

Лебедев (*Иванову*). Отчего ты не прогонишь эту Иуду?

Зинаида Саввишна (*испуганно*). А ведь это правда, мне и на ум не приходило!..

Боркин *(делает ручную гимнастику)*. Не могу без движений... Мамаша, что бы такое особенное выкинуть? Марфа Егоровна, я в ударе... Я экзальтирован! *(Поет.)* «Я вновь пред тобою...».

Зинаида Саввишна. Устройте что-нибудь, а то все соскучились.

Боркин. Господа, что же вы это в самом деле носы повесили? Сидят, точно присяжные заседатели!.. Давайте изобразим что-нибудь. Что хотите? Фанты, веревочку, горелки, танцы, фейерверки?..

Барышни *(хлопают в ладоши)*. Фейерверки, фейерверки! *(Бегут в сад.)*

Саша *(Иванову)*. Что вы сегодня такой скучный?..

Иванов. Голова болит, Шурочка, да и скучно...

Саша. Пойдемте в гостиную.

Идут в правую дверь; уходят в сад все, кроме Зинаиды Саввишны и Лебедева.

Зинаида Саввишна. Вот это я понимаю – молодой человек: и минуты не побыл, а уж всех развеселил. *(Притушивает большую лампу.)* Пока они все в саду, нечего свечам даром гореть. *(Тушит свечи.)*

Лебедев *(идя за нею)*. Зюзюшка, надо бы дать гостям закусить чего-нибудь...

Зинаида Саввишна. Ишь свечей сколько... недаром люди судят, что мы богатые. *(Тушит.)*

Лебедев *(идя за нею)*. Зюзюшка, ей-богу, дала бы чего-нибудь поесть людям... Люди молодые, небось проголодались, бедные... Зюзюшка...

Зинаида Саввишна. Граф не допил своего стакана. Даром только сахар пропал. *(Идет в левую дверь.)*

Лебедев. Тьфу!.. *(Уходит в сад.)*

VI

Иванов и Саша.

Саша (*входя с Ивановым из правой двери*). Все ушли в сад.

Иванов. Такие-то дела, Шурочка. Прежде я много работал и много думал, но никогда не утомлялся; теперь же ничего не делаю и ни о чем не думаю, а устал телом и душой. День и ночь болит моя совесть, я чувствую, что глубоко виноват, но в чем собственно моя вина, не понимаю. А тут еще болезнь жены, безденежье, вечная грызня, сплетни, лишние разговоры, глупый Боркин... Мой дом мне опротивел, и жить в нем для меня хуже пытки. Скажу вам откровенно, Шурочка, для меня стало невыносимо даже общество жены, которая меня любит. Вы – мой старый приятель, и вы не будете сердиться за мою искренность. Приехал я вот к вам развлечься, но мне скучно и у вас, и опять меня тянет домой. Простите, я сейчас потихоньку уеду.

Саша. Николай Алексеевич, я понимаю вас. Ваше несчастье в том, что вы одиноки. Нужно, чтобы около вас был человек, которого бы вы любили и который вас понимал бы. Одна только любовь может обновить вас.

Иванов. Ну, вот еще, Шурочка! Недостает, чтоб я, старый, мокрый петух, затянул новый роман! Храни меня бог от такого несчастья! Нет, моя умница, не в романе дело. Говорю, как пред богом, я снесу все: и тоску, и психопатию, и разоренье, и потерю жены, и свою раннюю старость, и одиночество, но не снесу, не выдержу я своей насмешки над самим собой. Я умираю от стыда при мысли, что я, здоровый, сильный человек, обратился не то в Гамлета, не то в Манфреда, не то в лишние люди... сам черт не разберет! Есть жалкие люди, которым льстит, когда их называют Гамлетами или лишними, но для меня это – позор! Это возмущает мою гордость, стыд гнетет меня, и я страдаю...

Саша (*шутя, сквозь слезы*). Николай Алексеевич, бежимте в Америку.

Иванов. Мне до этого порога лень дойти, а вы в Америку... (*Идут к выходу в сад.*) В самом деле, Шура, вам здесь трудно живется! Как погляжу я на людей, которые вас окружают, мне становится страшно: за кого вы тут замуж пойдете? Одна только надежда, что какой-нибудь проезжий поручик или студент украдет вас и увезет...

VII

Те же и Зинаида Саввишна.

Зинаида Саввишна выходит из левой двери с банкой варенья.

Иванов. Виноват, Шурочка, я догоню вас...

Саши уходит в сад.

Зинаида Саввишна, я к вам с просьбой...

Зинаида Саввишна. Что вам, Николай Алексеевич?

Иванов (*мнется*). Дело, видите ли, в том, что послезавтра срок моему векселю. Вы премного обязали бы меня, если бы дали отсрочку или позволили приписать проценты к капиталу. У меня теперь совсем нет денег...

Зинаида Саввишна (*испуганно*). Николай Алексеевич, да как это можно? Что же это за порядок? Нет, и не выдумывайте вы, бога ради, не мучьте меня несчастную...

Иванов. Виноват, виноват... (*Уходит в сад.*)

Зинаида Саввишна. Фу, батюшки, как он меня встревожил!.. Я вся дрожу... вся дрожу... (*Уходит в правую дверь.*)

VIII

Косых.

Косых (*входит из левой двери и идет через сцену*). У меня на бубнах: туз, король, дама, коронка сам-восемь, туз пик и одна... одна маленькая червонка, а она, черт ее возьми совсем, не могла объявить маленького шлема! (*Уходит в правую дверь.*)

IX

Авдотья Назаровна и 1-й гость.

Авдотья Назаровна (*выходя с 1-м гостем из сада*). Вот так бы я ее и растерзала, сквалыгу... так бы и растерзала! Шутка ли, с пяти часов сижу, а она хоть бы ржавою селедкой попотчевала!.. Ну, дом!.. Ну, хозяйство!..

1-й гость. Такая скучища, что просто разбежался бы и головой об стену! Ну, люди, господи помилуй!.. Со скуки да с голоду волком завоешь и людей грызть начнешь...

Авдотья Назаровна. Так бы я ее и растерзала, грешница.

1-й гость. Выпью, старая, и – домой! И невест мне твоих не надо. Какая тут, к нечистому, любовь, ежели с самого обеда ни рюмки?

Авдотья Назаровна. Пойдем, поищем, что ли...

1-й гость. Тсс!.. Потихоньку! Шнапс, кажется, в столовой, в буфете стоит. Мы Егорушку за бока... Тсс!..

Уходят в левую дверь.

Х

Анна Петровна и Львов (выходят из правой двери).

Анна Петровна. Ничего, нам рады будут. Никого нет. Должно быть, в саду.

Львов. Ну, зачем, спрашивается, вы привезли меня сюда, к этим коршунам! Не место тут для нас с вами! Честные люди не должны знать этой атмосферы!

Анна Петровна. Послушайте, господин честный человек! Нелюбезно провожать даму и всю дорогу говорить с нею только о своей честности! Может быть, это и честно, но, по меньшей мере, скучно. Никогда с женщинами не говорите о своих добродетелях. Пусть они сами поймут. Мой Николай, когда был таким, как вы, в женском обществе только пел песни и рассказывал небылицы, а между тем каждая знала, что он за человек.

Львов. Ах, не говорите мне про вашего Николая, я его отлично понимаю!

Анна Петровна. Вы хороший человек, но ничего не понимаете! Пойдемте в сад. Он никогда не выражался так: «Я честен! Мне душно в этой атмосфере! Коршуны! Совиное гнездо! Крокодилы!» Зверинец он оставлял в покое, а когда, бывало, возмущался, то я от него только и слышала: «Ах, как я был несправедлив сегодня!» или: «Анюта, жаль мне этого человека!» Вот как, а вы...

Уходят.

XI

Авдотья Назаровна и 1-й гость.

1-й гость (*выходя из левой двери*). В столовой нет, так, стало быть, где-нибудь в кладовой. Надо бы Егорушку пощупать. Пойдем через гостиную.

Авдотья Назаровна. Так бы я ее и растерзала!..

Уходят в правую дверь.

XII

Бабакина, Боркин и Шабельский.

Бабакина и Боркин со смехом выбегают из сада; за ними, смеясь и потирая руки, семенит Шабельский.

Бабакина. Какая скука! (*Хохочет.*) Какая скука! Все ходят и сидят, как будто аршин проглотили! От скуки все косточки застыли. (*Прыгает.*) Надо размяться!..

Боркин хватает ее за талию и целует в щеку.

Шабельский (*хохочет и щелкает пальцами*). Черт возьми! (*Крякает.*) Некоторым образом...

Бабакина. Пустите, пустите руки, бесстыдник, а то граф бог знает что подумает! Отстаньте!..

Боркин. Ангел души моей, карбункул моего сердца!.. *(Целует.)* Дайте займы две тысячи триста рублей!..

Бабакина. Не-не-нет... Что хотите, а насчет денег – очень вами благодарна... Нет, нет, нет! Ах, да пустите руки!..

Шабельский *(семенит около)*. Помпончик... Имеет свою приятность...

Боркин *(серьезно)*. Но довольно. Давайте говорить о деле. Будем рассуждать прямо, по-коммерчески. Отвечайте мне прямо, без subtilностей и без всяких фокусов: да или нет? Слушайте! *(Указывает на графа.)* Вот ему нужны деньги, минимум три тысячи годового дохода. Вам нужен муж. Хотите быть графиней?

Шабельский *(хохочет)*. Удивительный циник!

Боркин. Хотите быть графиней? Да или нет?

Бабакина *(взволнованно)*. Выдумываете, Миша, право... И эти дела не делаются так, с бухты-барухты... Если графу угодно, он сам может и... и я не знаю, как это вдруг, сразу...

Боркин. Ну, ну, будет тень наводить! Дело коммерческое... Да или нет?

Шабельский *(смеясь и потирая руки)*. В самом деле, а? Черт возьми, разве устроить себе эту гнусность? а? Помпончик... *(Целует Бабакину в щеку.)* Прелесть!.. Огурчик!..

Бабакина. Пойдите, пойдите, вы меня совсем встревожили... Уйдите, уйдите!.. Нет, не уходите!..

Боркин. Скорей! Да или нет? Нам некогда...

Бабакина. Знаете что, граф? Вы приезжайте ко мне в гости дня на три... У меня весело, не так, как здесь... Приезжайте завтра... *(Боркину.)* Нет, вы это шутите?

Боркин *(сердито)*. Да кто же станет шутить в серьезных делах?

Бабакина. Пойдите, пойдите... Ах, мне дурно! Мне дурно! Графиня... Мне дурно!.. Я падаю...

Боркин и граф со смехом берут ее под руки и, целуя в щеки, уводят в правую дверь.

XIII

Иванов, Саша, потом Анна Петровна.

Иванов и Саша вбегают из сада.

Иванов (*в отчаянии хватая себя за голову*). Не может быть! Не надо, не надо, Шурочка!.. Ах, не надо!..

Саша (*с увлечением*). Люблю я вас безумно... Без вас нет смысла моей жизни, нет счастья и радости! Для меня вы всё...

Иванов. К чему, к чему! Боже мой, я ничего не понимаю... Шурочка, не надо!..

Саша. В детстве моем вы были для меня единственной радостью; я любила вас и вашу душу, как себя, а теперь... я вас люблю, Николай Алексеевич... С вами не то что на край света, а куда хотите, хоть в могилу, только, ради бога, скорее, иначе я задохнусь...

Иванов (*закатывается счастливым смехом*). Это что же такое? Это, значит, начинать жизнь сначала? Шурочка, да?.. Счастье мое! (*Привлекает ее к себе.*) Моя молодость, моя свежесть...

Анна Петровна входит из сада и, увидев мужа и Сашу, останавливается как вкопанная.

Значит, жить? Да? Снова за дело?

Поцелуй. После поцелуя Иванов и Саша оглядываются и видят Анну Петровну.
(*В ужасе.*) Сарра!

Занавес

Действие третье

Кабинет Иванова. Письменный стол, на котором в беспорядке лежат бумаги, книги, казенные пакеты, безделушки, револьверы; возле бумаг лампа, графин с водкой,

тарелка с селедкой, куски хлеба и огурцы. На стенах ландкарты, картины, ружья, пистолеты, серпы, нагайки и проч. – Полдень.

I

Шабельский, Лебедев, Боркин и Петр.

Шабельский и Лебедев сидят по сторонам письменного стола. Боркин среди сцены верхом на стуле. Петр стоит у двери.

Лебедев. У Франции политика ясная и определенная... Французы знают, чего хотят. Им нужно лущить колбасников и больше ничего, а у Германии, брат, совсем не та музыка. У Германии кроме Франции еще много сучков в глазу...

Шабельский. Вздор!.. По-моему, немцы трусы и французы трусы... Показывают только друг другу кукиши в кармане. Поверь, кукишами дело и ограничится. Драться не будут.

Боркин. А по-моему, зачем драться? К чему все эти вооружения, конгрессы, расходы? Я что бы сделал? Собрал бы со всего государства собак, привил бы им пастеровский яд в хорошей дозе и пустил бы в неприятельскую страну. Все враги перебесились бы у меня через месяц.

Лебедев (*смеется*). Голова, посмотришь, маленькая, а великих идей в ней тьма-тьмущая, как рыб в океане.

Шабельский. Виртуоз!

Лебедев. Бог с тобою, смешишь ты, Мишель Мишелич! (*Перестав смеяться*.) Что ж, господа, Жомини да Жомини, а об водке ни полслова. Repetatur³⁷! (*Наливает три рюмки*.) Будемте здоровы...

Пьют и закусывают.

Селедочка, матушка, всем закускам закуска.

³⁷ Повторим! (лат.)

Шабельский. Ну, нет, огурец лучше... Ученые с сотворения мира думают и ничего умнее соленого огурца не придумали. *(Петру.)* Петр, поди-ка еще принеси огурцов да вели на кухне изжарить четыре пирожка с луком. Чтоб горячие были.

Петр уходит.

Лебедев. Водку тоже хорошо икрой закусывать. Только как? С умом надо... Взять икры паюсной четверку, две луковочки зеленого лучку, прованского масла, смешать все это и, знаешь, этак... поверх всего лимончиком. Смерть! От одного аромата угоришь.

Боркин. После водки хорошо тоже закусывать жареными пескарями. Только их надо уметь жарить. Нужно почистить, потом обвалить в толченых сухарях и жарить досуха, чтобы на зубах хрустели... хру-хру-хру...

Шабельский. Вчера у Бабакиной была хорошая закуска – белые грибы.

Лебедев. А еще бы...

Шабельский. Только как-то особенно приготовлены. Знаешь, с луком, с лавровым листом, со всякими специями. Как открыли кастрюлю, а из нее пар, запах... просто восторг!

Лебедев. А что ж? Repetatur, господа!

Выпивают.

Будемте здоровы... *(Смотрит на часы.)* Должно быть, не дождусь я Николаши. Пора мне ехать. У Бабакиной, ты говоришь, грибы подавали, а у нас еще не видать грибов. Скажи на милость, за каким это лешим ты зачастил к Марфутке?

Шабельский. *(кивает на Боркина).* Да вот, женить меня на ней хочет...

Лебедев. Женить?.. Тебе сколько лет?

Шабельский. Шестьдесят два года.

Лебедев. Самая пора жениться. А Марфутка как раз тебе пара.

Боркин. Тут не в Марфутке дело, а в Марфуткиных стерлингах.

Лебедев. Чего захотел: Марфуткиных стерлингов... А гусяного чаю не хочешь?

Боркин. А вот как женится человек, да набьет себе ампоше³⁸, тогда и увидите гусиный чай. Облизнетесь...

Шабельский. Ей-богу, а ведь он серьезно. Этот гений уверен, что я его послушаюсь и женюсь...

Боркин. А то как же? А вы разве уже не уверены?

Шабельский. Да ты с ума сошел... Когда я был уверен? Пес...

Боркин. Благодарю вас... Очень вам благодарен! Так это, значит, вы меня подвести хотите? То женюсь, то не женюсь... сам черт не разберет, а я уж честное слово дал! Так вы не женитесь?

Шабельский (*пожимает плечами*). Он серьезно... Удивительный человек!

Боркин (*возмущаясь*). В таком случае, зачем же было баламутить честную женщину? Она помешалась на графстве, не спит, не ест... Разве этим шутят?.. Разве это честно?

Шабельский (*щелкает пальцами*). А что, в самом деле, не устроить ли себе эту гнусность? А? Назло! Возьму и устрою. Честное слово... Вот будет потеха!

Входит Львов.

II

Те же и Львов.

Лебедев. Эскулапии наше нижайшее... (*Подает Львову руку и поет.*) «Доктор, батюшка, спасите, смерти до смерти боюсь...» **Львов.** Николай Алексеевич еще не приходил?

Лебедев. Да нет, я сам его жду больше часа.

Львов нетерпеливо шагает по сцене.

Милый, ну, как здоровье Анны Петровны?

³⁸ Здесь: карман (франц. *empoche* – класть в карман).

Львов. Плохо.

Лебедев (*вздых*). Можно пойти засвидетельствовать почтение?

Львов. Нет, пожалуйста, не ходите. Она, кажется, спит...

Пауза.

Лебедев. Симпатичная, славная... (*Вздыхает.*) В Шурочкин день рождения, когда она у нас в обморок упала, поглядел я на ее лицо и тогда еще понял, что уж ей, бедной, недолго жить. Не понимаю, отчего с нею тогда дурно сделалось? Прибегаю, гляжу: она, бледная, на полу лежит, около нее Николаша на коленях, тоже бледный, Шурочка вся в слезах. Я и Шурочка после этого случая неделю как шальные ходили.

Шабельский (*Львову*). Скажите мне, почтеннейший жрец науки, какой ученый открыл, что при грудных болезнях дамам бывают полезны частые посещения молодого врача? Это великое открытие! Великое! Куда оно относится: к аллопатии или гомеопатии?

Львов хочет ответить, но делает презрительное движение и уходит.

Какой уничтожающий взгляд...

Лебедев. А тебя дергает нелегкая за язык! За что ты его обидел?

Шабельский (*раздраженно*). А зачем он врет? Чахотка, нет надежды, умрет... Врет он! Я этого терпеть не могу!

Лебедев. Почему же ты думаешь, что он врет?

Шабельский (*встает и ходит*). Я не могу допустить мысли, чтобы живой человек вдруг, ни с того, ни с сего, умер. Оставим этот разговор!

III

Лебедев, Шабельский, Боркин и Косых.

Косых (*вбегают запыхавшись*). Дома Николай Алексеевич? Здравствуйте! (*Быстро пожмает всем руки.*) Дома?

Боркин. Его нет.

Косых (*садится и вскакивает*). В таком случае, прощайте! (*Выпивает рюмку водки и быстро закусывает.*) Поеду дальше... Дела... Замучился... Еле на ногах стою...

Лебедев. Откуда ветер принес?

Косых. От Барабанова. Всю ночь провинтили и только что кончили... Проигрался в пух... Этот Барабанов играет как сапожник! (*Плачущим голосом.*) Вы послушайте: все время несу я черву... (*Обращается к Боркину, который прыгает от него.*) Он ходит бубну, я опять черву, он бубну... Ну, и без взятки. (*Лебедеву.*) Играем четыре трефы. У меня туз, дама-шост на руках, туз, десятка-третей пик...

Лебедев (*затыкает уши*). Уволь, уволь, ради Христа, уволь!

Косых (*графу*). Понимаете: туз, дама-шост на трефах, туз, десятка-третей пик...

Шабельский (*отстраняет его руками*). Уходите, не желаю я слушать!

Косых. И вдруг несчастье: туза пик по первой бьют...

Шабельский (*хватает со стола револьвер*). Отойдите, стрелять буду!..

Косых (*машет рукой*). Черт знает... Неужели даже поговорить не с кем? Живешь как в Австралии: ни общих интересов, ни солидарности... Каждый живет врозь... Однако, надо ехать... пора. (*Хватает фуражку.*) Время дорого... (*Подает Лебедеву руку.*) Пас!..

Смех.

Косых уходит и в дверях сталкивается с Авдотьей Назаровной.

IV

Шабельский, Лебедев, Боркин и Авдотья Назаровна.

Авдотья Назаровна (*вскрикивает*). Чтоб тебе пусто было, с ног сшиб!

Все. А-а-а!.. вездесущая!..

Авдотья Назаровна. Вот они где, а я по всему дому ищу. Здравствуйте, ясные соколы, хлеб да соль... *(Здоровается.)*

Лебедев. Зачем пришла?

Авдотья Назаровна. За делом, батюшка! *(Графу.)* Дело вас касающее, ваше сиятельство. *(Кланяется.)* Велели кланяться и о здоровье спросить... И велела она, куколочка моя, сказать, что ежели вы нынче к вечеру не приедете, то она глазочки свои проплачет. Так, говорит, милая, отзови его в стороночку и шепни на ушко по секрету. А зачем по секрету? Тут всё люди свои. И такое дело, не кур крадем, а по закону да по любви, по междоусобному согласию. Никогда, грешница, не пью, а через такой случай выпью!

Лебедев. И я выпью. *(Наливает.)* А тебе, старая скворешня, и сносу нет. Лет тридцать я тебя старухой знаю...

Авдотья Назаровна. И счет годам потеряла... Двух мужей похоронила, пошла бы еще за третьего, да никто не хочет без приданого брать. Детей душ восемь было... *(Берет рюмку.)* Ну, дай бог, дело хорошее мы начали, дай бог его и кончить! Они будут жить да поживать, а мы глядеть на них да радоваться! Совет им и любовь... *(Пьет.)* Строгая водка!

Шабельский *(хохоча, Лебедеву).* Но что, понимаешь, курьезнее всего, так это то, что они думают серьезно, будто я... Удивительно! *(Встает.)* А то в самом деле, Паша, не устроить ли себе эту гнусность? Назло... Этак, мол, на, старая собака, ешь! Паша, а? Ей-богу...

Лебедев. Пустое ты городишь, граф. Наше, брат, дело с тобою об околеванце думать, а Марфутки да стерлинги давно мимо проехали... Прошла наша пора.

Шабельский. Нет, я устрою! Честное слово, устрою!

Входят Иванов и Львов.

V

Те же, Иванов и Львов.

Львов. Я прошу вас уделить мне только пять минут.

Лебедев. Николаша! *(Идет навстречу к Иванову и целует его.)* Здравствуй, дружище...

Я тебя уж целый час дожидаюсь.

Авдотья Назаровна *(кланяется)*. Здравствуйте, батюшка!

Иванов *(с горечью)*. Господа, опять в моем кабинете кабак завели!.. Тысячу раз просил я всех и каждого не делать этого... *(Подходит к столу.)* Ну, вот, бумагу водкой облили... крошки... огурцы... Ведь противно!

Лебедев. Виноват, Николаша, виноват... Прости. Мне с тобою, дружище, поговорить надо о весьма важном деле...

Боркин. И мне тоже.

Львов. Николай Алексеевич, можно с вами поговорить?

Иванов *(указывает на Лебедева)*. Вот и ему я нужен. Подождите, вы после... *(Лебедеву.)* Чего тебе?

Лебедев. Господа, я желаю говорить конфиденциально. Прошу...

Граф уходит с Авдотьей Назаровной, за ними Боркин, потом Львов.

Иванов. Паша, сам ты можешь пить, сколько тебе угодно, это твоя болезнь, но прошу не спаивать дядю. Раньше он у меня никогда не пил. Ему вредно.

Лебедев *(испуганно)*. Голубчик, я не знал... Я даже внимания не обратил...

Иванов. Не дай бог, умрет этот старый ребенок, не вам будет худо, а мне... Что тебе нужно?..

Пауза.

Лебедев. Видишь ли, любезный друг... Не знаю, как начать, чтобы это вышло не так бессовестно... Николаша, совестно мне, краснею, язык заплетается, но, голубчик, войди в мое положение, пойми, что я человек подневольный, негр, тряпка... Извини ты меня...

Иванов. Что такое?

Лебедев. Жена послала... Сделай милость, будь другом, заплати ты ей проценты!
Веришь ли, загрызла, заездила, замучила! Отвяжись ты от нее, ради создателя!..

Иванов. Паша, ты знаешь, у меня теперь нет денег.

Лебедев. Знаю, знаю, но что же мне делать? Ждать она не хочет. Если протестует вексель, то как я и Шурочка будем тебе в глаза глядеть?

Иванов. Мне самому совестно, Паша, рад сквозь землю провалиться, но... но где взять?

Научи: где? Остается одно: ждать осени, когда я хлеб продам.

Лебедев (*кричит*). Не хочет она ждать!

Пауза.

Иванов. Твое положение неприятное, щекотливое, а мое еще хуже. (*Ходит и думает.*) И ничего не придумашь... Продать нечего...

Лебедев. Съездил бы к Мильбаху, попросил, ведь он тебе шестнадцать тысяч должен.

Иванов безнадежно машет рукой.

Вот что, Николаша... Я знаю, ты станешь браниться, но... уважь старого пьяницу! Подружески... Гляди на меня, как на друга... Студенты мы с тобою, либералы... Общность идей и интересов... В Московском университете оба учились... Alma mater... (*Вынимает бумажник.*) У меня вот есть заветные, про них ни одна душа в доме не знает. Возьми займы... (*Вынимает деньги и кладет на стол.*) Брось самолюбие, а взгляни по-дружески... Я бы от тебя взял, честное слово...

Пауза.

Вот они на столе: тысяча сто. Ты съезди к ней сегодня и отдай собственноручно. Натe, мол, Зинаида Савишна, подавитесь! Только, смотри, и виду не подавай, что у меня занял, храни тебя бог! А то достанется мне на орехи от кружовенного варенья! (*Всматривается в лицо Иванова.*) Ну, ну, не надо! (*Быстро берет со стола деньги и прячет в карман.*) Не надо! Я пошутил... Извини, ради Христа!

Пауза.

Мутит на душе?

Иванов машет рукой.

Да, дела... *(Вздыхает.)* Настало для тебя время скорби и печали. Человек, братец ты мой, все равно что самовар. Не все он стоит в холодке на полке, но, бывает, и угольки в него кладут: пш... пш! Ни к черту это сравнение не годится, ну, да ведь умнее не придумаешь... *(Вздыхает.)* Несчастия закаляют душу. Мне тебя не жалко, Николаша, ты выскочишь из беды, перемелется – мука будет, но обидно, брат, и досадно мне на людей... Скажи на милость, откуда эти сплетни берутся! Столько, брат, про тебя по уезду сплетен ходит, что, того и гляди, к тебе товарищ прокурора приедет... Ты и убийца, и кровопийца, и грабитель, и изменник...

Иванов. Это все пустяки, вот у меня голова болит.

Лебедев. Все оттого, что много думаешь.

Иванов. Ничего я не думаю.

Лебедев. А ты, Николаша, начихай на все да поезжай к нам. Шурочка тебя любит, понимает и ценит. Она, Николаша, честный, хороший человек. Не в мать и не в отца, а, должно быть, в проезжего молодца... Гляжу, брат, иной раз и не верю, что у меня, у толстоногого пьяницы, такое сокровище. Поезжай, потолкуй с нею об умном и – развлечешься. Это верный, искренний человек...

Пауза.

Иванов. Паша, голубчик, оставь меня одного...

Лебедев. Понимаю, понимаю... *(Торопливо смотрит на часы.)* Я понимаю. *(Целует Иванову.)* Прощай. Мне еще на освящение школы ехать. *(Идет к двери и останавливается.)* Умная... Вчера стали мы с Шурочкой насчет сплетен говорить. *(Смеется.)* А она афоризмом выпалила: «Папочка, светляки, говорит, светят ночью только для того, чтобы их легче могли увидеть и съесть ночные птицы, а хорошие люди существуют для того, чтобы было что есть клевете и сплетне». Каково? Гений! Жорж Занд!..

Иванов. Паша! *(Останавливает его.)* Что со мною?

Лебедев. Я сам тебя хотел спросить об этом, да, признаться, стеснялся. Не знаю, брат! С одной стороны, мне казалось, что тебя одолели несчастья разные, с другой же стороны, знаю, что ты не таковский, чтобы того... Бедой тебя не победишь. Что-то, Николаша, другое, а что – не понимаю!

Иванов. Я сам не понимаю. Мне кажется, или... впрочем, нет!

Пауза.

Видишь ли, что я хотел сказать. У меня был рабочий Семен, которого ты помнишь. Раз, во время молотьбы, он захотел похвастать перед девками своею силой, взвалил себе на спину два мешка ржи и надорвался. Умер скоро. Мне кажется, что я тоже надорвался. Гимназия, университет, потом хозяйство, школы, проекты... Веровал я не так, как все, женился не так, как все, горячился, рисковал, деньги свои, сам знаешь, бросал направо и налево, был счастлив и страдал, как никто во всем уезде. Все это, Паша, мои мешки... Взвалил себе на спину ношу, а спина-то и треснула. В двадцать лет мы все уже герои, за всё беремся, всё можем, и к тридцати уже утомляемся, никуда не годимся. Чем, чем ты объяснишь такую утомляемость? Впрочем, быть может, это не то... Не то, не то!.. Иди, Паша, с богом, я надоел тебе.

Лебедев (*живо*). Знаешь что? Тебя, брат, среда заела!

Иванов. Глупо, Паша, и старо. Иди!

Лебедев. Действительно, глупо. Теперь и сам вижу, что глупо. Иду, иду!..
(*Уходит.*)

VI

Иванов, потом Львов.

Иванов (*один*). Нехороший, жалкий и ничтожный я человек. Надо быть тоже жалким, истасканным, испытанным, как Паша, чтобы еще любить меня и уважать. Как я себя презираю, боже мой! Как глубоко ненавижу я свой голос, свои шаги, свои руки, эту одежду, свои мысли. Ну, не смешно ли, не обидно ли? Еще года нет, как был здоров и силен, был бодр, неутомим, горяч, работал этими самыми руками, говорил так, что трогал до слез даже невежд, умел плакать, когда видел горе, возмущался, когда

встречал зло. Я знал, что такое вдохновение, знал прелесть и поэзию тихих ночей, когда от зари до зари сидишь за рабочим столом или тешишь свой ум мечтами. Я веровал, в будущее глядел, как в глаза родной матери... А теперь, о, боже мой! утомился, не верю, в безделье провожу дни и ночи. Не слушаются ни мозг, ни руки, ни ноги. Имение идет прахом, леса трещат под топором. (*Плачет.*) Земля моя глядит на меня, как сирота. Ничего я не жду, ничего не жаль, душа дрожит от страха перед завтрашним днем... А история с Саррой? Клялся в вечной любви, пророчил счастье, открывал перед ее глазами будущее, какое ей не снилось даже во сне. Она поверила. Во все пять лет я видел только, как она угасала под тяжестью своих жертв, как изнемогала в борьбе с совестью, но, видит бог, ни косога взгляда на меня, ни слова упрека!.. И что же? Я разлюбил ее... Как? Почему? За что? Не понимаю. Вот она страдает, дни ее сочтены, а я, как последний трус, бегу от ее бледного лица, впалой груди, умоляющих глаз... Стыдно, стыдно!

Пауза.

Сашу, девочку, трогают мои несчастья. Она мне, почти старику, объясняется в любви, а я пьянею, забываю про все на свете, обвороженный, как музыкой, и кричу: «Новая жизнь! счастье!» А на другой день верю в эту жизнь и в счастье так же мало, как в домового... Что же со мною? В какую пропасть толкаю я себя? Откуда во мне эта слабость? Что стало с моими нервами? Стоит только больной жене уколоть мое самолюбие, или не угодит прислуга, или ружье даст осечку, как я становлюсь груб, зол и не похож на себя...

Пауза.

Не понимаю, не понимаю, не понимаю! Просто хоть пулю в лоб!..

Львов (*входит*). Мне нужно с вами объясниться, Николай Алексеевич!

Иванов. Если мы, доктор, будем каждый день объясняться, то на это сил никаких не хватит.

Львов. Вам угодно меня выслушать?

Иванов. Выслушиваю я вас каждый день и до сих пор никак не могу понять: что собственно вам от меня угодно?

Львов. Говорю я ясно и определенно, и не может меня понять только тот, у кого нет сердца...

Иванов. Что у меня жена при смерти – я знаю; что я непоправимо виноват перед нею – я тоже знаю; что вы честный, прямой человек – тоже знаю! Что же вам нужно еще?

Львов. Меня возмущает человеческая жестокость... Умирает женщина. У нее есть отец и мать, которых она любит и хотела бы видеть перед смертью; те знают отлично, что она скоро умрет и что все еще любит их, но, проклятая жестокость, они точно хотят удивить Иегову своим религиозным закалом: всё еще проклинают ее! Вы, человек, которому она пожертвовала всем – и верой, и родным гнездом, и покоем совести, вы откровеннейшим образом и с самыми откровенными целями каждый день катаетесь к этим Лебедевым!

Иванов. Ах, я там уже две недели не был...

Львов (*не слушая его*). С такими людьми, как вы, надо говорить прямо, без обиняков, и если вам не угодно слушать меня, то не слушайте! Я привык называть вещи настоящим их именем... Вам нужна эта смерть для новых подвигов; пусть так, но неужели вы не могли бы подождать? Если бы вы дали ей умереть естественным порядком, не долбили бы ее своим откровенным цинизмом, то неужели бы от вас ушла Лебедева со своим приданым? Не теперь, так через год, через два, вы, чудный Тартюф, успели бы вскружить голову девочке и завладеть ее приданым так же, как и теперь... К чему же вы торопитесь? Почему вам нужно, чтобы ваша жена умерла теперь, а не через месяц, через год?..

Иванов. Мучение... Доктор, вы слишком плохой врач, если предполагаете, что человек может сдерживать себя до бесконечности. Мне страшных усилий стоит не отвечать вам на ваши оскорбления.

Львов. Полноте, кого вы хотите одурачить? Сбросьте маску.

Иванов. Умный человек, подумайте: по-вашему, нет ничего легче, как понять меня! Да? Я женился на Анне, чтобы получить большое приданое... Приданого мне не дали, я промахнулся и теперь сживаю ее со света, чтобы жениться на другой и взять приданое... Да? Как просто и несложно... Человек такая простая и немудреная машина... Нет, доктор, в каждом из нас слишком много колес, винтов и клапанов,

чтобы мы могли судить друг о друге по первому впечатлению или по двум-трем внешним признакам. Я не понимаю вас, вы меня не понимаете, и сами мы себя не понимаем. Можно быть прекрасным врачом – и в то же время совсем не знать людей. Не будьте же самоуверенны и согласитесь с этим.

Львов. Да неужели же вы думаете, что вы так непрозрачны и у меня так мало мозга, что я не могу отличить подлости от честности?

Иванов. Очевидно, мы с вами никогда не споемся... В последний раз я спрашиваю и отвечайте, пожалуйста, без предисловий: что собственно вам нужно от меня? Чего вы добиваетесь? *(Раздраженно.)* И с кем я имею честь говорить: с моим прокурором или с врачом моей жены?

Львов. Я врач и, как врач, требую, чтобы вы изменили ваше поведение... Оно убивает Анну Петровну!

Иванов. Но что же мне делать? Что? Если вы меня понимаете лучше, чем я сам себя понимаю, то говорите определенно: что мне делать?

Львов. По крайней мере, действовать не так откровенно.

Иванов. А, боже мой! Неужели вы себя понимаете? *(Пьет воду.)* Оставьте меня. Я тысячу раз виноват, отвечу перед богом, а вас никто не уполномочивал ежедневно пытаться меня...

Львов. А кто вас уполномочивал оскорблять во мне мою правду? Вы измучили и отравили мою душу. Пока я не попал в этот уезд, я допускал существование людей глупых, сумасшедших, увлекающихся, но никогда я не верил, что есть люди преступные осмысленно, сознательно направляющие свою волю в сторону зла... Я уважал и любил людей, но, когда увидел вас...

Иванов. Я уже слышал об этом!

Львов. Слышали? *(Увидев входящую Сашу: она в амазонке.)* Теперь уж, надеюсь, мы отлично понимаем друг друга! *(Пожимает плечами и уходит.)*

VII

Иванов и Саша.

Иванов (*испуганно*). Шура, это ты?

Саша. Да, я. Здравствуй. Не ожидал? Отчего ты так долго не был у нас?

Иванов. Шура, ради бога, это неосторожно! Твой приезд может страшно подействовать на жену.

Саша. Она меня не увидит. Я прошла черным ходом. Сейчас уеду. Я беспокоюсь: ты здоров? Отчего не приезжал так долго?

Иванов. Жена и без того уж оскорблена, почти умирает, а ты приезжаешь сюда. Шура, Шура, это легкомысленно и бесчеловечно!

Саша. Что же мне было делать? Ты две недели не был у нас, не отвечал на письма. Я измучилась. Мне казалось, что ты тут невыносимо страдаешь, болен, умер. Ни одной ночи я не спала покойно. Сейчас уеду... По крайней мере, скажи: ты здоров?

Иванов. Нет, замучил я себя, люди мучают меня без конца... Просто сил моих нет! А тут еще ты! Как это нездорово, как ненормально! Шура, как я виноват, как виноват!..

Саша. Как ты любишь говорить страшные и жалкие слова! Виноват ты? Да? Виноват? Ну, так говори же: в чем?

Иванов. Не знаю, не знаю...

Саша. Это не ответ. Каждый грешник должен знать, в чем он грешен. Фальшивые бумажки делал, что ли?

Иванов. Неостроумно!

Саша. Виноват, что разлюбил жену? Может быть, но человек не хозяин своим чувствам, ты не хотел разлюбить. Виноват ты, что она видела, как я объяснялась тебе в любви? Нет, ты не хотел, чтобы она видела...

Иванов (*перебивая*). И так далее, и так далее... Полюбил, разлюбил, не хозяин своим чувствам – все это общие места, избитые фразы, которыми не поможешь...

Саша. Утомительно с тобою говорить. (*Смотрит на картину.*) Как хорошо собака нарисована! Это с натуры?

Иванов. С природы. И весь этот наш роман – общее, избитое место: он пал духом и утерял почву. Явилась она, бодрая духом, сильная, и подала ему руку помощи. Это красиво и похоже на правду только в романах, а в жизни...

Саша. И в жизни то же самое.

Иванов. Вижу, тонко ты понимаешь жизнь! Мое нытье внушает тебе благоговейный страх, ты воображаешь, что обрела во мне второго Гамлета, а, по моему, эта моя психопатия, со всеми ее аксессуарами, может служить хорошим материалом только для смеха и больше ничего! Надо бы хохотать до упаду над моим кривляньем, а ты – караул! Спасать, совершать подвиг! Ах, как я зол сегодня на себя! Чувствую, что сегодняшнее мое напряжение разрешится чем-нибудь... Или я сломаю что-нибудь, или...

Саша. Вот, вот, это именно и нужно. Сломай что-нибудь, разбей или закричи. Ты на меня сердит, я сделала глупость, что решила приехать сюда. Ну, так возмутись, закричи на меня, затопай ногами. Ну? Начинай сердиться...

Пауза.

Ну?

Иванов. Смешная.

Саша. Отлично! Мы, кажется, улыбаемся! Будьте добры, соблаговолите еще раз улыбнуться!

Иванов *(смеется)*. Я заметил: когда ты начинаешь спасать меня и учить уморазуму, то у тебя делается лицо наивное-пренаивное, а зрачки большие, точно ты на комету смотришь. Пстой, у тебя плечо в пыли. *(Смахивает с ее плеча пыль.)* Наивный мужчина – это дурак. Вы же, женщины, умудряетесь наивничать так, что это у вас выходит и мило, и здорово, и тепло, и не так глупо, как кажется. Только что у вас у всех за манера? Пока мужчина здоров, силен и весел, вы не обращаете на него никакого внимания, но как только он покотил вниз по наклонной плоскости и стал Лазаря петъ, вы вешаетесь ему на шею. Разве быть женой сильного и храброго человека хуже, чем быть сиделкой у какого-нибудь слезоточивого неудачника?

Саша. Хуже!

Иванов. Почему же? *(Хохочет.)* Не знает об этом Дарвин, а то бы он задал вам на орехи! Вы портите человеческую породу. По вашей милости на свете скоро будут рождаться одни только нытики и психопаты.

Саша. Мужчины многого не понимают. Всякой девушке скорее понравится неудачник, чем счастливец, потому что каждую соблазняет любовь деятельная... Понимаешь? Деятельная. Мужчины заняты делом, и потому у них любовь на третьем плане. Поговорить с женой, погулять с нею по саду, приятно провести время, на ее могилке поплакать – вот и все. А у нас любовь – это жизнь. Я люблю тебя, это значит, что я мечтаю, как я излечу тебя от тоски, как пойду с тобою на край света... Ты на гору, и я на гору; ты в яму, и я в яму. Для меня, например, было бы большим счастьем всю ночь бумаги твои переписывать, или всю ночь сторожить, чтобы тебя не разбудил кто-нибудь, или идти с тобою пешком верст сто. Помню, года три назад, ты раз, во время молотьбы, пришел к нам весь в пыли, загорелый, измученный и попросил пить. Принесла я тебе стакан, а ты уж лежишь на диване и спишь как убитый. Спал ты у нас полсуток, а я все время стояла за дверью и сторожила, чтобы кто не вошел. И так мне было хорошо! Чем больше труда, тем любовь лучше, то есть она, понимаешь ли, сильнее чувствуется.

Иванов. Деятельная любовь... Гм... Порча это, девическая философия, или, может, так оно и должно быть... *(Пожимает плечами.)* Черт его знает! *(Весело.)* Шура, честное слово, я порядочный человек!.. Ты посуди: я всегда любил философствовать, но никогда в жизни я не говорил: «наши женщины испорчены» или: «женщина вступила на ложную дорогу». Ейбогу, я был только благодарен и больше ничего! Больше ничего! Девочка моя, хорошая, какая ты забавная! А я-то, какой смешной болван! Православный народ смущаю, по целым дням Лазаря пою. *(Смеется.)* Бу-у! бу-у! *(Быстро отходит.)* Но уходи, Саша! Мы забылись...

Саша. Да, пора уходить. Прощай! Боюсь, как бы твой честный доктор из чувства долга не донес Анне Петровне, что я здесь. Слушай меня: ступай сейчас к жене и сиди, сиди, сиди... Год понадобится сидеть – год сиди. Десять лет – сиди десять лет. Исполняй свой долг. И горюй, и прощения у нее проси, и плачь – все это так и надо. А главное, не забывай дела.

Иванов. Опять у меня такое чувство, как будто я мухомору объелся. Опять!

Саша. Ну, храни тебя создатель! Обо мне можешь совсем не думать! Недели через две черкнешь строчку – и на том спасибо. А я тебе буду писать...

Боркин выглядывает в дверь.

VIII

Те же и Боркин.

Боркин. Николай Алексеевич, можно? *(Увидев Сашу.)* Виноват, я и не вижу... *(Входит.)* Бонжур! *(Раскланивается.)*

Саша *(смущенно).* Здравствуйте...

Боркин. Вы пополнели, похорошели.

Саша *(Иванову).* Так я ухожу, Николай Алексеевич... Я ухожу. *(Уходит.)*

Боркин. Чудное видение! Шел за прозой, а наткнулся на поэзию... *(Поет.)*
«Явилась ты, как пташка к свету...».

Иванов взволнованно ходит по сцене.

(Садится.) А в ней, Nicolas, есть что-то такое, этакое, чего нет в других. Не правда ли? Что-то особенное... фантазмагорическое... *(Вздыхает.)* В сущности, самая богатая невеста во всем уезде, но маменька такая редька, что никто не захочет связываться. После ее смерти все останется Шурочке, а до смерти даст тысяч десять, плейку и уют, да еще велит в ножки поклониться. *(Роется в карманах.)* Покурить делос-махорос. Не хотите ли? *(Протягивает портсигар.)* Хорошие... Курить можно.

Иванов *(подходит к Боркину, задыхаясь от гнева).* Сию же минуту чтоб ноги вашей не было у меня в доме! Сию же минуту!

Боркин приподнимается и роняет сигару.

Вон сию же минуту!

Боркин. Nicolas, что это значит? За что вы сердитесь?

Иванов. За что? А откуда у вас эти сигары? И вы думаете, что я не знаю, куда и зачем вы каждый день возите старика?

Боркин (*пожимает плечами*). Да вам-то что за надобность?

Иванов. Негодяй вы этакий! Ваши подлые проекты, которыми вы сыплете по всему уезду, сделали меня в глазах людей бесчестным человеком! У нас нет ничего общего, и я прошу вас сию же минуту оставить мой дом! (*Быстро ходит.*)

Боркин. Я знаю, все это вы говорите в раздражении, а потому не сержусь на вас. Оскорбляйте сколько хотите... (*Поднимает сигару.*) А меланхолию пора бросить. Вы не гимназист...

Иванов. Я вам что сказал? (*Дрожа.*) Вы играете мною?

Входит Анна Петровна.

IX

Те же и Анна Петровна.

Боркин. Ну, вот, Анна Петровна пришла... Я уйду. (*Уходит.*) *Иванов* *останавливается возле стола и стоит, поникнув головой.*

Анна Петровна (*после паузы*). Зачем она сейчас сюда приезжала?

Пауза.

Я тебя спрашиваю: зачем она сюда приезжала?

Иванов. Не спрашивай, Анюта...

Пауза.

Я глубоко виноват. Придумывай какое хочешь наказание, я все снесу, но... не спрашивай.. Говорить я не в силах.

Анна Петровна (*сердито*). Зачем она здесь была?

Пауза.

А, так вот ты какой! Теперь я тебя понимаю. Наконец-то я вижу, что ты за человек. Бесчестный, низкий... Помнишь, ты пришел и солгал мне, что ты меня любишь... Я поверила и оставила отца, мать, веру и пошла за тобою... Ты лгал мне о правде, о добре, о своих честных планах, я верила каждому слову...

Иванов. Анята, я никогда не лгал тебе...

Анна Петровна. Жила я с тобою пять лет, томилась и болела от мысли, что изменила своей вере, но любила тебя и не оставляла ни на одну минуту... Ты был моим кумиром... И что же? Все это время ты обманывал меня самым наглым образом...

Иванов. Анята, не говори неправды. Я ошибался, да, но не солгал ни разу в жизни... В этом ты не смеешь попрекнуть меня...

Анна Петровна. Теперь все понятно... Женился ты на мне и думал, что отец и мать простят меня, дадут мне денег... Ты это думал...

Иванов. О, боже мой! Анята, испытывать так терпение... *(Плачет.)*

Анна Петровна. Молчи! Когда увидел, что денег нет, повел новую игру... Теперь я все помню и понимаю. *(Плачет.)* Ты никогда не любил меня и не был мне верен... Никогда!..

Иванов. Сарра, это ложь!.. Говори, что хочешь, но не оскорбляй меня ложью...

Анна Петровна. Бесчестный, низкий человек... Ты должен Лебедеву, и теперь, чтобы увильнуть от долга, хочешь вскружить голову его дочери, обмануть ее так же, как меня. Разве неправда?

Иванов *(задыхаясь).* Замолчи, ради бога! Я за себя не ручаюсь... Меня душит гнев, и я... я могу оскорбить тебя...

Анна Петровна. Всегда ты нагло обманывал, и не меня одну... Все бесчестные поступки сваливал ты на Боркина, но теперь я знаю – чьи они...

Иванов. Сарра, замолчи, уйди, а то у меня с языка сорвется слово! Меня так и подмывает сказать тебе что-нибудь ужасное, оскорбительное... *(Кричит.)* Замолчи, жидовка!..

Анна Петровна. Не замолчу... Слишком долго ты обманывал меня, чтобы я могла молчать...

Иванов. Так ты не замолчишь? *(Борется с собою.)* Ради бога...

Анна Петровна. Теперь иди и обманывай Лебедеву...

Иванов. Так знай же, что ты... скоро умрешь... Мне доктор сказал, что ты скоро умрешь...

Анна Петровна *(садится, упавшим голосом)*. Когда он сказал?

Пауза.

Иванов *(хватая себя за голову)*. Как я виноват! Боже, как я виноват! *(Рыдает.)*

Занавес.

Между третьим и четвертым действиями проходит около года.

Действие четвертое

Одна из гостиных в доме Лебедева. Впереди арка, отделяющая гостиную от зала, направо и налево – двери. Старинная бронза, фамильные портреты. Праздничное убранство. Пианино, на нем скрипка, возле стоит виолончель. – В продолжение всего действия по залу ходят гости, одетые по-бальному.

I

Львов.

Львов *(входит, смотрит на часы)*. Пятый час. Должно быть, сейчас начнется благословение... Благословят и повезут венчать. Вот оно, торжество добродетели и правды! Сарру не удалось ограбить, замучил ее и в гроб уложил, теперь нашел другую. Будет и перед этою лицемерить, пока не ограбит ее и, ограбивши, не уложит туда же, где лежит бедная Сарра. Старая, кулачская история...

Пауза.

На седьмом небе от счастья, прекрасно проживет до глубокой старости, а умрет со спокойною совестью. Нет, я выведу тебя на чистую воду! Когда я сорву с тебя проклятую маску и когда все узнают, что ты за птица, ты полетишь у меня с седьмого неба вниз головой в такую яму, из которой не вытащит тебя сама нечистая сила! Я честный человек, мое дело вступить и открыть глаза слепым. Исполню свой долг и завтра же вон из этого проклятого уезда! *(Задумывается.)* Но что сделать? Объясняться с Лебедевыми – напрасный труд. Вызвать на дуэль? Затеять скандал? Боже мой, я волнуюсь, как мальчишка, и совсем потерял способность соображать. Что делать? Дуэль?

II

Львов и Косых.

Косых *(входит, радостно Львову)*. Вчера объявил маленький шлем на трефах, а взял большой. Только опять этот Барабанов мне всю музыку испортил! Играем. Я говорю: без козырей. Он пас. Два трефы. Он пас. Я два бубны... три трефы... и представьте, можете себе представить: я объявляю шлем, а он не показывает туза. Покажи он, мерзавец, туза, я объявил бы большой шлем на без-козырях...

Львов. Простите, я в карты не играю и потому не сумею разделить вашего восторга. Скоро благословение?

Косых. Должно, скоро. Зюзюшку в чувство приводят. Белугой ревет, приданого жалко. **Львов**. А не дочери?

Косых. Приданого. Да и обидно. Женится, значит, долга не заплатит. Зятевы векселя не протестуешь.

III

Те же и Бабакина.

Бабакина (*разодетая, важно проходит через сцену мимо Львова и Косых; последний прыскает в кулак; она оглядывается*). Глупо!

Косых касается пальцем ее талии и хохочет.

Мужик! (*Уходит.*)

Косых (*хохочет*). Совсем спятила баба! Пока в сиятельство не лезла – была баба как баба, а теперь приступу нет. (*Дразнит.*) Мужик!

Львов (*волнуясь*). Слушайте, скажите мне искренно: какого вы мнения об Иванове?

Косых. Ничего не стоит. Играет как сапожник. В прошлом году, в посту, был такой случай. Садимся мы играть: я, граф, Боркин и он. Я сдаю...

Львов (*перебивая*). Хороший он человек?

Косых. Он-то? Жох-мужчина! Пройда, сквозь огонь и воду прошел. Он и граф – пятак пара. Нюхом чуют, где что плохо лежит. На жидовке нарвался, съел гриб, а теперь к Зюзюшкиным сундукам подбирается. Об заклад бьюсь, будь я трижды анафема, если через год он Зюзюшку по миру не пустит. Он – Зюзюшку, а граф – Бабакину. Заберут денежки и будут жить-поживать да добра наживать. Доктор, что это вы сегодня такой бледный? На вас лица нет.

Львов. Ничего, это так. Вчера лишнее выпил.

IV

Те же, Лебедев и Саша.

Лебедев (*входя с Сашей*). Здесь поговорим. (*Львову и Косых.*) Ступайте, зулусы, в залу к барышням. Нам по секрету поговорить нужно.

Косых (*проходя мимо Саши, восторженно щелкает пальцами*). Картина! Козырная дама!

Лебедев. Проходи, пещерный человек, проходи!

Львов и Косых уходят.

Садись, Шурочка, вот так... (*Садится и оглядывается.*) Слушай внимательно и с должным благоговением. Дело вот в чем: твоя мать приказала мне передать тебе следующее... Понимаешь? Я не от себя буду говорить, а мать приказала.

Саша. Папа, покороче!

Лебедев. Тебе в приданое назначается пятнадцать тысяч рублей серебром. Вот... Смотри, чтоб потом разговоров не было! Постой, молчи! Это только цветки, а будут еще ягодки. Приданого тебе назначено пятнадцать тысяч, но, принимая во внимание, что Николай Алексеевич должен твоей матери девять тысяч, из твоего приданого делается вычитание... Ну-с, а потом, кроме того...

Саша. Для чего ты мне это говоришь?

Лебедев. Мать приказала!

Саша. Оставьте меня в покое! Если бы ты хотя немного уважал меня и себя, то не позволил бы себе говорить со мною таким образом. Не нужно мне вашего приданого! Я не просила и не прошу!

Лебедев. За что же ты на меня набросилась? У Гоголя две крысы сначала понюхали, а потом уж ушли, а ты, эмансипе, не понюхавши, набросилась.

Саша. Оставьте вы меня в покое, не оскорбляйте моего слуха вашими грошовыми расчетами.

Лебедев (*вспылив*). Тьфу! Все вы то сделаете, что я себя ножом пырну или человека зарезу! Та день-деньской рёвма-ревет, зудит, пилит, копейки считает, а эта, умная, гуманная, черт подери, эмансипированная, не может понять родного отца! Я оскорбляю слух! Да ведь прежде чем прийти сюда оскорблять твой слух, меня там (*указывает на дверь*) на куски резали, четвертовали. Не может она понять! Голову вскрыжили и с толку сбили... ну вас!

(*Идет к двери и останавливается.*) Не нравится мне, всё мне в вас не нравится!

Саша. Что тебе не нравится?

Лебедев. Всё мне не нравится! Всё!

Саша. Что всё?

Лебедев. Так вот я рассядусь перед тобою и стану рассказывать. Ничего мне не нравится, а на свадьбу твою я и смотреть не хочу! *(Подходит к Саше и ласково.)* Ты меня извини, Шурочка, может быть, твоя свадьба умная, честная, возвышенная, с принципами, но что-то в ней не то, не то! Не походит она на другие свадьбы. Ты – молодая, свежая, чистая, как стеклышко, красивая, а он – вдовец, истрепался, обносился. И не понимаю я его, бог с ним. *(Целует дочь.)* Шурочка, прости, но что-то не совсем чисто. Уж очень много люди говорят. Как-то так у него эта Сарра умерла, потом как-то вдруг почему-то на тебе жениться захотел... *(Живо.)* Впрочем, я баба, баба. Обабился, как старый кринолин. Не слушай меня. Никого, себя только слушай.

Саша. Папа, я и сама чувствую, что не то... Не то, не то, не то. Если бы ты знал, как мне тяжело! Невыносимо! Мне неловко и страшно сознаваться в этом. Папа, голубчик, ты меня подбодри, ради бога... научи, что делать.

Лебедев. Что такое? Что?

Саша. Так страшно, как никогда не было! *(Оглядывается.)* Мне кажется, что я его не понимаю и никогда не пойму. За все время, пока я его невеста, он ни разу не улыбнулся, ни разу не взглянул мне прямо в глаза. Вечно жалобы, раскаяние в чем-то, намеки на какую-то вину, дрожь... Я утомилась. Бывают даже минуты, когда мне кажется, что я... я его люблю не так сильно, как нужно. А когда он приезжает к нам или говорит со мною, мне становится скучно. Что это все значит, папочка? Страшно!

Лебедев. Голубушка моя, дитя мое единственное, послушай старого отца. Откажи ему!

Саша *(испуганно)*. Что ты, что ты!

Лебедев. Право, Шурочка. Скандал будет, весь уезд языками затрезвонит, но ведь лучше пережить скандал, чем губить себя на всю жизнь.

Саша. Не говори, не говори, папа! И слушать не хочу. Надо бороться с мрачными мыслями. Он хороший, несчастный, непонятый человек; я буду его любить, пойму, поставлю его на ноги. Я исполню свою задачу. Решено!

Лебедев. Не задача это, а психопатия.

Саша. Довольно. Я покаялась тебе, в чем не хотела сознаться даже самой себе. Никому не говори. Забудем.

Лебедев. Ничего я не понимаю. Или я отупел от старости, или все вы очень уж умны стали, а только я, хоть зарежьте, ничего не понимаю.

V

Те же и Шабельский.

Шабельский (*входя*). Черт бы побрал всех и меня в том числе! Возмутительно!

Лебедев. Тебе что?

Шабельский. Нет, серьезно, нужно во что бы то ни стало устроить себе какую-нибудь гнусность, подлость, чтоб не только мне, но и всем противно стало. И я устрою. Честное слово! Я уж сказал Боркину, чтобы он объявил меня сегодня женихом. (*Смеется.*) Все подлы, и я буду подл.

Лебедев. Надоел ты мне! Слушай, Матвей, договоришься ты до того, что тебя, извини за выражение, в желтый дом свезут.

Шабельский. А чем желтый дом хуже любого белого или красного дома? Сделай милость, хоть сейчас меня туда вези. Сделай милость. Все подленькие, маленькие, ничтожные, бездарные, сам я гадок себе, не верю ни одному своему слову...

Лебедев. Знаешь что, брат? Возьми в рот паклю, зажги и дыши на людей. Или еще лучше: возьми свою шапку и поезжай домой. Тут свадьба, все веселятся, а ты – кра-кра, как ворона. Да, право...

Шабельский склоняется к пианино и рыдает.

Батюшки!.. Матвей!.. граф!.. Что с тобою! Матюша, родной мой... ангел мой... Я обидел тебя? Ну, прости меня, старую собаку... Прости пьяницу... Воды выпей...

Шабельский. Не нужно. (*Поднимает голову.*)

Лебедев. Чего ты плачешь?

Шабельский. Ничего, так...

Лебедев. Нет, Матюша, не лги... отчего? Что за причина?

Шабельский. Взглянул я сейчас на эту виолончель и... и жидовочку вспомнил...

Лебедев. Эва, когда нашел вспоминать! Царство ей небесное, вечный покой, а вспоминать не время...

Шабельский. Мы с нею дуэты играли... Чудная, превосходная женщина!

Саша рыдает.

Лебедев. Ты еще что? Будет тебе! Господи, режут оба, а я... я... Хоть уйдите отсюда, гости увидят!

Шабельский. Паша, когда солнце светит, то и на кладбище весело. Когда есть надежда, то и в старости хорошо. А у меня ни одной надежды, ни одной!

Лебедев. Да, действительно тебе плоховато... Ни детей у тебя, ни денег, ни занятий... Ну, да что делать! *(Саше.)* А ты-то чего?

Шабельский. Паша, дай мне денег. На том свете мы поквитаемся. Я съезжу в Париж, погляжу на могилу жены, В своей жизни я много давал, роздал половину своего состояния, а потому имею право просить. К тому же прошу я у друга...

Лебедев *(растерянно).* Голубчик, у меня ни копейки! Впрочем, хорошо, хорошо! То есть я не обещаю, а понимаешь ли... отлично, отлично! *(В сторону.)* Замучили!

VI

Те же, Бабакина и потом Зинаида Саввина.

Бабакина *(входит).* Где же мой кавалер? Граф, как вы смеете оставлять меня одну? У, противный! *(Бьет графа веером по руке.)*

Шабельский *(брезгливо).* Оставьте меня в покое! Я вас ненавижу!

Бабакина *(оторопело).* Что?.. А?..

Шабельский. Отойдите прочь!

Бабакина *(падает в кресло).* Ах! *(Плачет.)*

Зинаида Саввишна (*входит, плача*). Там кто-то приехал... Кажется, женихов шафер.

Благословлять время... (*Рыдает.*)

Саша (*умоляюще*). Мама!

Лебедев. Ну, все заревели! Квартет! Да будет вам сырость разводиться! Матвей!.. Марфа Егоровна!.. Ведь этак и я... я заплачу... (*Плачет.*) Господи!

Зинаида Саввишна. Если тебе мать не нужна, если без послушания... то сделаю тебе такое удовольствие, благословлю...

Входит Иванов; он во фраке и перчатках.

VII

Те же и Иванов.

Лебедев. Этого еще недоставало! Что такое?

Саша. Зачем ты?

Иванов. Виноват, господа, позвольте мне поговорить с Сашей наедине.

Лебедев. Это непорядок, чтоб до венца к невесте приезжать! Тебе пора ехать в церковь!

Иванов. Паша, я прошу...

Лебедев пожимает плечами; он, Зинаида Саввишна, граф и Бабакина уходят.

VIII

Иванов и Саша.

Саша (*сурово*). Что тебе нужно?

Иванов. Меня душит злоба, но я могу говорить хладнокровно. Слушай. Сейчас я одевался к венцу, взглянул на себя в зеркало, а у меня на висках... седины. Шура, не надо! Пока еще не поздно, нужно прекратить эту бессмысленную комедию... Ты молода, чиста, у тебя впереди жизнь, а я...

Саша. Все это не ново, слышала я уже тысячу раз и мне надоело! Поезжай в церковь, не задерживай людей.

Иванов. Я сейчас уеду домой, а ты объяви своим, что свадьбы не будет. Объясни им как-нибудь. Пора взяться за ум. Поиграл я Гамлета, а ты возвышенную девицу – и будет с нас.

Саша (*вспыхнув*). Это что за тон? Я не слушаю.

Иванов. А я говорю и буду говорить.

Саша. Ты зачем приехал! Твое нытье переходит в издевательство.

Иванов. Нет, уж я не ною! Издевательство? Да, я издеваюсь. И если бы можно было издеваться над самим собою в тысячу раз сильнее и заставить хохотать весь свет, то я бы это сделал! Взглянул я на себя в зеркало – и в моей совести точно ядро лопнуло! Я надсмеялся над собою и от стыда едва не сошел с ума. (*Смеется.*) Меланхолия! Благодарная тоска! Безотчетная скорбь! Недостает еще, чтобы я стихи писал. Ныть, петь Лазаря, нагонять тоску на людей, сознавать, что энергия жизни утрачена навсегда, что я заржавел, отжил свое, что я поддался слабодушию и по уши увяз в этой гнусной меланхолии, – сознавать это, когда солнце ярко светит, когда даже муравей тащит свою ношу и доволен собою, – нет, слуга покорный! Видеть, как одни считают тебя за шарлатана, другие сожалеют, третьи протягивают руку помощи, четвертые, – что всего хуже, – с благоговением прислушиваются к твоим вздохам, глядят на тебя, как на второго Магомета, и ждут, что вот-вот ты объявишь им новую религию... Нет, слава богу, у меня еще есть гордость и совесть! Ехал я сюда, смеялся над собою, и мне казалось, что надо мною смеются птицы, смеются деревья...

Саша. Это не злость, а сумасшествие!

Иванов. Ты думаешь? Нет, я не сумасшедший. Теперь я вижу вещи в настоящем свете, и моя мысль так же чиста, как твоя совесть. Мы любим друг друга, но свадьбе нашей не быть! Я сам могу беситься и киснуть сколько мне угодно, но я не имею права губить других! Своим нытьем я отравил жене последний год ее жизни. Пока ты моя

невеста, ты разучилась смеяться и постарела на пять лет. Твой отец, для которого было все ясно в жизни, по моей милости перестал понимать людей. Еду ли я на съезд, в гости, на охоту, куда ни пойду, всюду вношу с собою скуку, уныние, недовольство. Постой, не перебивай! Я резок, свиреп, но, прости, злоба душит меня, и иначе говорить я не могу. Никогда я не лгал, не клеветал на жизнь, но, ставши брюзгой, я, против воли, сам того не замечая, клевету на нее, ропщу на судьбу, жалуюсь, и всякий, слушая меня, заражается отвращением к жизни и тоже начинает клеветать. А какой тон! Точно я делаю одолжение природе, что живу. Да черт меня возьми!

Саша. Постой... Из того, что ты сейчас сказал, следует, что нытье тебе надоело и что пора начать новую жизнь!.. И отлично!..

Иванов. Ничего я отличного не вижу. И какая там новая жизнь? Я погиб безвозвратно! Пора нам обоим понять это. Новая жизнь!

Саша. Николай, опомнись! Откуда видно, что ты погиб? Что за цинизм такой? Нет, не хочу ни говорить, ни слушать... Поезжай в церковь!

Иванов. Погиб!

Саша. Не кричи так, гости услышат!

Иванов. Если неглупый, образованный и здоровый человек без всякой видимой причины стал петь Лазаря и покатил вниз по наклонной плоскости, то он катит уже без удержу, и нет ему спасения! Ну, где мое спасение? В чем? Пить я не могу – голова болит от вина; плохих стихов писать – не умею, молиться на свою душевную лень и видеть в ней нечто превыспренное – не могу. Лень и есть лень, слабость есть слабость – других названий у меня нет. Погиб, погиб – и разговоров быть не может! *(Оглядывается.)* Нам могут помешать. Слушай. Если ты меня любишь, то помоги мне. Сию же минуту, немедля откажись от меня! Скорее...

Саша. Ах, Николай, если бы ты знал, как ты меня утомил! Как измучил ты мою душу! Добрый, умный человек, посуди: ну, можно ли задавать такие задачи? Что ни день, то задача, одна труднее другой... Хотела я деятельной любви, но ведь это мученическая любовь!

Иванов. А когда ты станешь моею женой, задачи будут еще сложнее. Откажись же! Пойми: в тебе говорит не любовь, а упрямство честной природы. Ты задалась целью во что бы то ни стало воскресить во мне человека, спасти, тебе льстило, что ты

совершаешь подвиг... Теперь ты готова отступить назад, но тебе мешает ложное чувство. Пойми!

Саша. Какая у тебя странная, дикая логика! Ну, могу ли я от тебя отказаться? Как я откажусь? У тебя ни матери, ни сестры, ни друзей... Ты разорен, имение твое растащили, на тебя кругом клеветают...

Иванов. Глупо я сделал, что сюда приехал. Мне нужно было бы поступить так, как я хотел...

Входит Лебедев.

IX

Те же и Лебедев.

Саша (*бежит навстречу отцу*). Папа, ради бога, прибежал он сюда, как бешеный, и мучает меня! Требует, чтобы я отказалась от него, не хочет губить меня. Скажи ему, что я не хочу его великодушия! Я знаю, что делаю.

Лебедев. Ничего не понимаю... Какое великодушие?

Иванов. Свадьбы не будет!

Саша. Будет! Папа, скажи ему, что свадьба будет!

Лебедев. Постой, постой!.. Почему же ты не хочешь, чтобы была свадьба?

Иванов. Я объяснил ей почему, но она не хочет понимать.

Лебедев. Нет, ты не ей, а мне объясни, да так объясни, чтобы я понял! Ах, Николай Алексеевич! Бог тебе судья! Столько ты напустил туману в нашу жизнь, что я точно в кунсткамере живу: гляжу и ничего не понимаю... Просто наказание... Ну, что мне прикажешь, старику, с тобою делать? На дуэль тебя вызвать, что ли?

Иванов. Никакой дуэли не нужно. Нужно иметь только голову на плечах и понимать русский язык.

Саша (*ходит в волнении по сцене*). Это ужасно, ужасно! Просто как ребенок!

Лебедев. Остается только руками развести и больше ничего. Послушай, Николай! Потвоему, все это у тебя умно, тонко, по всем правилам психологии, по моему, это скандал и несчастье. Выслушай меня, старика, в последний раз! Вот что я тебе скажу: успокой свой ум! Гляди на вещи просто, как все глядят! На этом свете все просто. Потолок белый, сапоги черные, сахар сладкий. Ты Сашу любишь, она тебя любит. Коли любишь – оставайся, не любишь – уходи, в претензии не будем. Ведь это так просто! Оба вы здоровые, умные, нравственные, и сыты, слава богу, и одеты... Что ж тебе еще нужно? Денег нет? Велика важность! Не в деньгах счастье... Конечно, я понимаю... имение у тебя заложено, процентов нечем платить, но я – отец, я понимаю... Мать как хочет, бог с ней; не дает денег – не нужно. Шурка говорит, что не нуждается в приданом. Принципы, Шопенгауэр... Все это чепуха... Есть у меня в банке заветные десять тысяч... *(Оглядывается.)* Про них в доме ни одна собака не знает... Бабушкины... Это вам обоим... Берите, только уговор лучше денег: Матвею дайте тысячи две...

В зале собираются гости.

Иванов. Паша, разговоры ни к чему. Я поступаю так, как велит мне моя совесть.

Саша. И я поступаю так, как велит мне моя совесть. Можешь говорить что угодно, я тебя не отпущу. Папа, сейчас благословлять! Пойду позову маму... *(Уходит.)*

Х

Иванов и Лебедев.

Лебедев. Ничего не понимаю...

Иванов. Слушай, бедняга... Объяснять тебе, кто я – честен или подл, здоров или психопат, я не стану. Тебе не втолкуешь. Был я молодым, горячим, искренним, неглупым; любил, ненавидел и верил не так, как все, работал и надеялся за десятерых, сражался с мельницами, бился лбом об стены; не соразмерив своих сил, не рассуждая, не зная жизни, я взвалил на себя ношу, от которой сразу захрустела спина и потянулись жилы; я спешил расходовать себя на одну только молодость, пьянел, возбуждался, работал; не знал меры. И скажи: можно ли было иначе? Ведь нас мало, а работы много,

много! Боже, как много! И вот как жестоко мстит мне жизнь, с которою я боролся! Надорвался я! В тридцать лет уже похмелье, я стар, я уже надел халат. С тяжелою головой, с ленивою душой, утомленный, надорванный, надломленный, без веры, без любви, без цели, как тень, слоняюсь я среди людей и не знаю: кто я, зачем живу, чего хочу? И мне уже кажется, что любовь – вздор, ласки приторны, что в труде нет смысла, что песня и горячие речи пошлы и стары. И всюду я вношу с собою тоску, холодную скуку, недовольство, отвращение к жизни... Погиб безвозвратно! Перед тобою стоит человек, в тридцать пять лет уже утомленный, разочарованный, раздавленный своими ничтожными подвигами; он сгорает со стыда, издевается над своею слабостью... О, как возмущается во мне гордость, какое душит меня бешенство! (*Пошатываясь.*) Эка, как я уходил себя! Даже шатаюсь... Ослабел я. Где Матвей? Пусть он свезет меня домой.

Голоса в зале. Женихов шафер приехал!

XI

Те же, Шабельский, Боркин и потом Львов и Саша.

Шабельский (*входя*). В чужом, поношенном фраке... без перчаток... и сколько за это насмешливых взглядов, глупых острот, пошлых улыбок... Отвратительные людишки!

Боркин (*быстро входит с букетом; он во фраке, с шаферским цветком*). Уф! Где же он? (*Иванову.*) Вас в церкви давно ждут, а вы тут философию разводите. Вот комик! Ей-богу, комик! Ведь вам надо не с невестой ехать, а отдельно со мною, за невестой же я приеду из церкви. Неужели вы даже этого не понимаете? Положительно комик!

Львов (*входит, Иванову*). А, вы здесь? (*Громко.*) Николай Алексеевич Иванов, объявляю во всеуслышание, что вы подлец!

Иванов (*холодно*). Покорнейше благодарю.

Общее замешательство.

Боркин (*Львову*). Милостивый государь, это низко! Я вызываю вас на дуэль!

Львов. Господин Боркин, я считаю для себя унижительным не только драться, но даже говорить с вами! А господин Иванов может получить удовлетворение, когда ему угодно.

Шабельский. Милостивый государь, я дерусь с вами!

Саша (Львову). За что? За что вы его оскорбили? Господа, позвольте, пусть он мне скажет: за что?

Львов. Александра Павловна, я оскорблял не голословно. Я пришел сюда как честный человек, чтобы раскрыть вам глаза, и прошу вас выслушать меня.

Саша. Что вы можете сказать? Что вы честный человек? Это весь свет знает! Вы лучше скажите мне по чистой совести: понимаете вы себя или нет! Вошли вы сейчас сюда как честный человек и нанесли ему страшное оскорбление, которое едва не убило меня; раньше, когда вы преследовали его, как тень, и мешали ему жить, вы были уверены, что исполняете свой долг, что вы честный человек. Вы вмешивались в его частную жизнь, злословили и судили его где только можно было, забрасывали меня и всех знакомых анонимными письмами, – и все время вы думали, что вы честный человек. Думая, что это честно, вы, доктор, не щадили даже его больной жены и не давали ей покоя своими подозрениями. И какое бы насилие, какую жестокую подлость вы ни сделали, вам все бы казалось, что вы необыкновенно честный и передовой человек!

Иванов (смеясь). Не свадьба, а парламент! Браво, браво!..

Саша (Львову). Вот теперь и подумайте: понимаете вы себя или нет? Тупые, бессердечные люди! *(Берет Иванова за руку.)* Пойдем отсюда, Николай! Отец, пойдем!

Иванов. Куда там пойдем? Постой, я сейчас все это кончу! Проснулась во мне молодость, заговорил прежний Иванов! *(Вынимает револьвер.)*

Саша (вскрикивает). Я знаю, что он хочет сделать! Николай, бога ради!

Иванов. Долго катил вниз по наклону, теперь стой! Пора и честь знать! Отойдите!

Спасибо, Саша!

Саша *(кричит)*. Николай, бога ради! Удержите!

Иванов. Оставьте меня! *(Отбегает в сторону и застреливается.)*

Занавес.